

M U D A N Ç A
C H A N G E P
R O X I M I D
A D E P R O X
I M I T Y R E
S I L I Ê N C I
A R E A C T R
E A G I R I N C
L U S I O N I N
C L U S Ã O R E
S I L I E N C E

EM REVISTA
n.º 118



SUMÁRIO

SUMMARY



16

ARTIGO PRINCIPAL SOBRE MUDANÇA FEATURE ON CHANGE

CRÓNICA DE EDUARDO VERA-CRUZ
JÁ AGORA... MUDAR

44

CHRONICLE BY EDUARDO VERA-CRUZ
BY THE WAY... CHANGE

ENTREVISTA A MÓNICA BETTENCOURT-DIAS
**"É ESSENCIAL A CIÊNCIA CHEGAR
AOS CIDADÃOS"**

48

INTERVIEW TO MÓNICA BETTENCOURT-DIAS
**IT'S ESSENTIAL THAT SCIENCE REACHES
THE CITIZENS**

04

ENTREVISTA A ANTÓNIO COSTA SILVA
VIVER É RESISTIR

INTERVIEW TO ANTÓNIO COSTA SILVA
TO LIVE IS TO RESIST

ARTIGO

**CIÊNCIA: UMA ESPERANÇA
RENOVADA PARA A RESPOSTA
À PANDEMIA**

57

ARTICLE

**SCIENCE: RENEWED HOPE OF
A RESPONSE TO THE PANDEMIC**



70

**ESCOLAS
UMA CONSTANTE MUDANÇA
SCHOOLS – CONSTANT CHANGE**

62

CRÓNICA DE JORGE BARRETO XAVIER
OEIRAS 27 – UM NOVO CICLO

CHRONICLE BY JORGE BARRETO XAVIER
OEIRAS 27 – A NEW CYCLE, BY

64

**UMA LIÇÃO PARA TODOS
A LESSON FOR ALL**

76

**CORRENTE DE GENEROSIDADE
CHAIN OF GENEROSITY**

69

CRÓNICA DE JOSÉ MANUEL CONSTANTINO
**O DESPORTO NO MEIO DE PICOS
E PLANALTOS**

CHRONICLE BY JOSÉ MANUEL CONSTANTINO
SPORTS AMID PEAKS AND PLATEAUS

80

**PALAVRAS PARA O SÉC. XXI
WORDS FOR THE 21ST CENTURY**

N.º 118

FICHA TÉCNICA · CREDITS

Diretor · *Director* Isaltino Morais · Direção executiva · *Executive directors* Nuno Martins · Editor · *Editor* Carla Rocha · Textos · *Texts* Ana Sofia Rodrigues, Carla Rocha · Fotografia · *Photos* Carlos Santos, Carmo Montanha · Execução · *Produced by* Gabinete de comunicação, Oeiras Town Hall Media Department · Conceção gráfica e paginação · *Design and pagination* Páginas Apetecíveis Lda, atelier Ficta Design · Tradução · *Translation* Cláudia Inglês, Cristina Alcock · Propriedade · *Property of* Município de Oeiras · Impressão · *Printed by* Multiponto · Tiragem · *Print run* 20000 · Registo · *Registration* ISSN 1646-5970 · Depósito Legal · *Legal deposit* 86817/95 · Distribuição gratuita · *Free distribution* · Contactos · *Contacts* Largo Marquês de Pombal, 2784-501 Oeiras, Tel. 214 408 300, carla.rocha@cm-oeiras.pt, www.cm-oeiras.pt



cm-oeiras.pt



facebook.com/MunicipiodeOeiras



youtube.com/municipiodeoeiras



issuu.com/municipiodeoeiras



twitter.com/MunicipioOeiras



pt.linkedin.com/in/municipiodeoeiras



instagram.com/municipiodeoeiras

O LASTRO DO PASSADO COMO RESPOSTA À PANDEMIA

Editorial *Editorial*

THE BUILDING BLOCKS OF
THE PAST AS A RESPONSE
TO THE PANDEMIC

Quando cheguei à Câmara, em 1986, bastava chover e eu já não dormia à noite. E não dormia porque havia pessoas e famílias a viver em leito de cheia em habitações degradadas e de barracas. Já na altura tinha um plano para Oeiras. Tinha aquele que seria o programa eleitoral com que fiz a campanha em 1985. Aquela era uma Oeiras muito distinta da que existe hoje. Éramos um lugar de passagem entre Cascais e Lisboa. Éramos um dormitório. Éramos uma terra cinzenta e aparentemente pouco interessada em se colocar no mapa. Quando se fala da sorte que temos neste litoral e na proximidade com a Capital, como fatores que justificam o sucesso de Oeiras, esquecem-se que sempre estivemos neste litoral e com esta proximidade a Lisboa. Não nos deslocamos no mapa, apenas nos colocamos nele.

Quando ganhei a Câmara nesse longínquo ano de 1985, sabia que mudar o paradigma não levaria quatro anos. Seriam precisos mais, muitos mais. Por isso, o programa eleitoral de acabar com os bairros de barracas, sendo uma intenção que tem uma altura específica, teve uma execução mais alargada no tempo. Estabeleceu-se uma meta e traça-se um caminho e,

pelo meio, há as eleições. Dá-se o corpo às balas e luta-se pelo que se acredita, mas temos de o fazer certos de que temos um plano para Oeiras e não um plano para nós. E foi assim que pude ir contando com a confiança dos munícipes. Eles sabem quem sente (esta é a palavra certa) o território de maneira a ver o que está frente aos olhos, mas intuindo o que poderá estar algures mais longe no tempo. Se em 1986 não dormia com as cheias, foi em 2003 que acabámos com as barracas. Levamos 17 anos a conseguir. Hoje, quando chove muito, já durmo tranquilo, porque mesmo com chuva intensa, são mínimos os riscos de cheias – também ao nível da drenagem das águas pluviais muito se evoluiu. Por isso, um programa eleitoral não é para 4 anos. É uma estratégia que se delinea. Que se estuda ao pormenor. Que se debate. Que se estabelece. Quanto melhor o fizermos, mais preparados estamos para



O presidente · *Mayor*
ISALTINO MORAIS

When I arrived at City Hall in 1986, even rain was enough to keep me awake at night. And I didn't sleep because there were people and families living in flood plains in dilapidated houses and tents. At the time I already had a plan for Oeiras. I had what would be the electoral program with which I ran the 1985 campaign.

That was a very different Oeiras from the one that exists today. We were a waypoint between Cascais and Lisbon. We were a dormitory town. We were a grey land and seemingly uninterested in putting ourselves on the map. When we talk about the luck we have to have this coastline and to be so close to the capital as factors

that justify the success of Oeiras, we forget that we have always been on this coast and had this proximity to Lisbon. We didn't move on the map, we just put ourselves on it.

When I won the local elections in the distant year of 1985, I knew that changing the paradigm wouldn't take four years. It would take more, many more. For this reason, the electoral program to get rid of the shack area, an intention that had a specific timeframe, had a longer execution time. A goal is established and a path is drawn and, in between, there are elections. One lays themselves on the line and fights for what one believes, but we have to be certain that we have a plan for Oeiras and not a

plan for ourselves. And that was how I was able to count on the trust of the citizens. They know who feels (this is the most fitting word) the municipality so as to see what is right in front of us, but also perceiving what may appear further down the line. While in 1986 I didn't sleep with the floods, it was in 2003 that we finally got rid of the shacks. It took us 17 years to achieve it. Nowadays, when it rains a lot, I sleep soundly, because even with heavy rain, the risk of floods is minimal – even in terms of rainwater drainage, a lot has evolved. And so, an electoral program is not for four years. It is a strategy that is outlined. That is studied in detail. That is debated. That is established. The better we do it, the more prepared we are

quando surgem imprevistos. Precisamos de ser estrategas na normalidade para sermos fortes na anormalidade. E o que vivemos, neste momento, é a anormalidade. Esta pandemia surgiu sem que a previssemos, como é óbvio. E sendo óbvia a imprevisibilidade, podemos afirmar que, dentro do fazível, estávamos preparados para enfrentá-la de frente, reagindo com estratégia e poder económico. Hoje, em 2020, Oeiras é, tanto a nível nacional como a nível mundial, um dos poucos municípios capazes de, dentro daquilo que é possível fazer perante tamanha ameaça, reagir e reagir com rapidez. Uma rapidez até, em alguns aspetos, mais célere que o próprio Estado. Senão vejamos:

- Demoramos, no pico da pandemia, 12 minutos a dar resposta aos pedidos que nos chegavam dos munícipes, fossem eles de alimentos, cabazes, medicamentos, ajuda financeira para fazer face às necessidades básicas ou de outra natureza essencial ao dia-a-dia;
- Compramos para o Serviço Nacional de Saúde ventiladores ainda antes do próprio Estado conseguir adquiri-los. Também enviamos dois para cada país dos PALOP.

for unforeseen events. We need to be strategists in normality to be strong in abnormality. And what we are experiencing right now is abnormality. This pandemic emerged without us foreseeing it, obviously. And although this unpredictability was obvious, we can say that, within what is doable, we were prepared to face it head on, reacting with strategy and economic power. Today, in 2020, Oeiras is one of the few municipalities, both nationally and internationally, capable of reacting and reacting quickly, within what is possible to do in the face of such a threat. In some aspects, this speed is even faster than the State itself. Let's see:

- at the peak of the pandemic, it took us 12 minutes to respond to requests from residents, whether for food, hampers, medications, financial aid to meet basic needs or other everyday essentials;
- we bought ventilators for the National Health Service even before the State itself managed to. We also sent two to every PALOP

- Aos professores e alunos que não tinham possibilidades de continuarem a ser alunos e professores a partir de casa, condições para que continuassem a executar o seu papel, demos material informático e contratualizamos com a Cisco uma plataforma de ensino que protegesse os dados de cada um.

- Fornecemos mais de 400 mil refeições entre março e novembro a famílias carentiadas.

Mas não ficámos por aqui. Na incerteza deste vírus e do fim desta pandemia, fizemos obras em algumas instituições do concelho, apetrechando-as com equipamento mais moderno, mais rápido, mais eficiente, para que a resposta seja, cada vez mais, célere e eficaz. Em cada vaga da pandemia estamos mais eficientes de enfrentá-la. O urgente de hoje são respostas ainda mais eficazes do amanhã.

Fizemos tudo isto porque podíamos. Inicialmente, reforçamos o orçamento em 3 milhões de euros e, em Novembro, o reforço já ia em mais de 10 milhões. Acreditamos que a política deve assentar na mais básica regra da redistribuição da riqueza – dar condições a quem mais precisa. Mas antes de dar tem de se criar condições para obtenção desse capital económico e social. Oeiras tem características muito próprias relativamente à geração de

riqueza. Oeiras não tem qualquer apoio do Estado. Os nossos recursos são exclusivamente gerados pelo Município. Temos um tecido empresarial forte. São empresas que pagam os seus impostos cá. Impostos que canalizamos para quem mais precisa e que nos possibilita reagir como temos vindo a reagir. Mas para entendermos melhor esta equação, temos de voltar atrás no tempo: temos recursos porque soubemos criar as condições para que as empresas se instalassem aqui. E podemos voltar a 1985 porque foi aí que tudo começou...

Muitas vezes, ao longo desta pandemia, pensei nos meus colegas e na dor que certamente sentiram por verem o seu concelho afetado sem que tivessem recursos para fazerem aquilo que desejavam. Nem todos os municípios têm a capacidade de Oeiras. E esta capacidade vem de trás. Há que fazer e há que ter condições para o fazer. E nestes dias de desafio temos de fazer como Séneca escreveu no seu livro 'Cartas a Lucílio': «Importa agir mesmo mantendo a calma, importa manter a calma mesmo quando se age». E é isso que fizemos: reagimos com calma, na certeza de que o que depende de nós foi e está a ser feito.

A riqueza que criamos em Oeiras é de todos. •

country (African countries where Portuguese is spoken);

- we provided teachers and students who were unable to continue these roles from home with the conditions that enabled them to do so. We gave IT equipment and contracted a teaching platform that would protect everyone's data with Cisco.
- we provided more than 400,000 meals to families in need between March and November.

But we didn't stop there. With the uncertainty of this virus and the end of this pandemic, we carried out works in some institutions in the municipality, fitting them with more modern, faster and more efficient equipment so that the response is increasingly quick and effective. In each wave of the pandemic, we are more efficient in dealing with it. What is urgent today is more effective tomorrow.

We did all this because we could. Initially, we reinforced the budget by 3 million euros, and in November, the reinforcement was already at more than 10 million. We believe that politics should be based on the most basic rule of wealth redistribution – giving conditions to those who need it most. But before doing so, conditions must be created to obtain that economic and social capital. Oeiras has its own characteristics regarding wealth generation. Oeiras has no support from the State. Our resources are exclusively generated by the municipality. We have a strong business fabric. These are companies that pay their taxes here, which we channel to those who need it most and that allow us to react as we have been reacting. But to better understand this equation, we have to go back in time: we have resources because we knew how to create the conditions for companies to establish

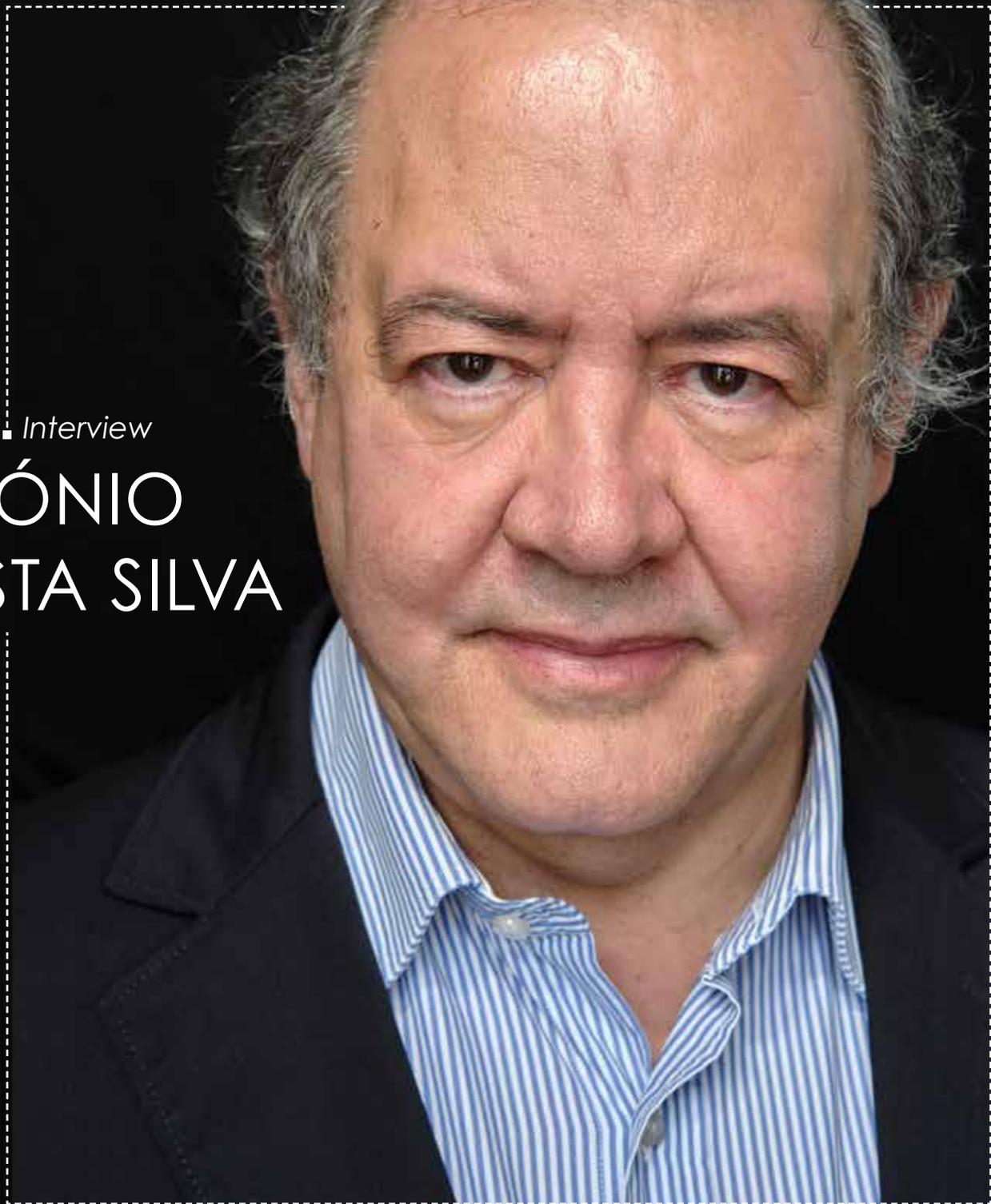
themselves here. And we can go back to 1985, because that's when it all started...

Many times, throughout this pandemic, I thought about my colleagues and the pain they no doubt felt in seeing their municipality affected without having the resources to do what they wanted. Not all municipalities have the capacity of Oeiras. And this ability comes from earlier on. One has to act and one has to be able to act. And in these challenging days, we have to do as the philosopher Seneca wrote: "To bear trials with a calm mind robs misfortune of its strength and burden." And that is what we did: we reacted calmly in the certainty that what depends on us was and is being done.

The wealth we create in Oeiras belongs to everyone. •

Entrevista ■ *Interview*

ANTÓNIO
COSTA SILVA



VIVER É RESISTIR

TO LIVE IS TO RESIST

Carla Rocha Carlos Santos

Nesta publicação sob o espectro da mudança, quisemos falar com quem propõe uma mudança estrutural para Portugal, António Costa Silva. Habitado que está a pensar sobre o país, este é um homem que o Primeiro-Ministro chamou para delinear um plano para o pós-covid. Lançamos-lhe o repto de vir falar connosco, dar-se a conhecer um pouco melhor. Traz com ele uma calma que se percebe não ser aparente. É intrínseca. Como intrínseco é o pensamento estratégico de quem anda uma vida a ler, a refletir, a observar o mundo. Cada dia na terra sente como um bônus e isso justifica a forma como se entrega ao ato de estar cá, neste planeta que nos contém. É Angolano. É humanista. É racional sem colocar a desnoite a emoção de quem se preocupa com o outro. Na sua vida cabem muitas, de tão intensas passagens que viveu. Aqui só podemos deixar parte. Com pena nossa. Mas todos sabemos que uma vida não cabe numa entrevista, muito menos a vida de António Costa Silva.

In this publication in the shadow of change, we wanted to speak with António Costa Silva, who is proposing a structural change for Portugal. Accustomed to thinking about the country, this is a man who the Prime Minister called in to outline a post-COVID plan. We asked him to speak with us so that we could get to know him a little more. He carries a calmness that isn't merely superficial; it is intrinsic. Equally intrinsic is the strategic thinking of a person who has spent a lifetime reading, reflecting, observing the world. Each day on earth feels like a bonus, and that explains the way in which he embraces his time on this planet. He is Angolan. He is a humanist. He is rational, yet still has the emotion of someone who cares for this fellow Man. He has many stories, such was the intensity of the events he has experienced. Here we can only share part of them, to our regret. But we all know that a lifetime won't fit into a single interview, much less the life of António Costa Silva.

Nasceu em Catabola, Angola (em 1975 passou a chamar-se Nova Sintra). Somos do sítio onde nascemos?

Sempre. O sítio onde nascemos fica dentro de nós para toda a vida e, por isso, costumo dizer que transporto sempre Angola comigo. Nasci no grande planalto central Angolano, terra de um espaço imenso: da intensidade da luz, do cheiro das frutas, do cheiro da terra, da generosidade do próprio povo angolano... isso são marcas que ficam para a vida. E eu transporto muito disso dentro de mim.

E continua a transportar, não obstante dos períodos difíceis que passou por lá?

Eu tenho sempre uma perspetiva positiva em relação à vida. Penso que o facto de estarmos vivos tem um significado absoluto e extraordinário. Portanto, viver é resistir e descobrir sempre uma réstia de luz mesmo na noite mais profunda. E para isso acontecer regresso sempre ao espaço da infância, à intensidade da luz, aos grandes horizontes e isso regenera muito daquilo que somos. Quando saí da prisão, um dos sítios que pensei retornar foi, precisamente, Catabola, Nova Sintra, e nessa altura não foi possível porque a guerra civil estava já muito intensa. Cheguei a Silva Porto, que é a Cidade do Bié e daí já não me deixaram passar.

E ainda pensa lá voltar?

Sim, sim. A minha mulher não quer mas a minha filha, tenho três filhos mas a minha filha insiste muito em ir conhecer a terra onde o pai nasceu. Tenho amigos em Angola, vou lá muito e, se um dia isso se proporcionar, voltarei.

A vida tem os seus próprios planos para nós que, muitas das vezes, coloca os nossos planos num plano incapaz de serem realizados. Que planos tinha o António antes da prisão?

Eu vivi esses tempos antes da prisão de uma maneira muito intensa. Mal dormia. Foi uma altura muito importante da minha vida. Tudo consequência da luta do movimento estudantil, depois da independência de Angola, de toda a tensão que existia e foi, para mim, um período esplendoroso. E por isso digo que não me arrependo de nada porque era viver a vida de uma maneira muito intensa. E a prisão marcou a rutura desse paradigma. Mas o que, para mim é surpreendente na vida, é a capacidade que temos de resistir, de enfrentarmos as bifurcações que existem, os caminhos. E depois, na prisão, também foi importante porque descobri que transportamos, em nós, todos os mecanismos de resistência e o principal é o cérebro humano. É o mais importante órgão do corpo que nós temos, é um instrumento absolutamente extraordinário. Foi isso que aprendi na prisão: a mente humana é extraordinária e ela ensina-nos a resistir.

You were born in Catabola, Angola (renamed Nova Sintra in 1975). Is who we are and where we were born one of the same?

Always. The place where we were born is inside of us for life and so I usually say that I always carry Angola with me. I was born in the Great Central Plateau of Angola, the land of immense space: the intensity of the light, the smell of fruit, the smell of the earth, the generosity of the Angolan people ... they are things that mark you for life. And I carry a lot of that inside of me.

back to was precisely Catabola, Nova Sintra, and at that time it wasn't possible because the civil war was already very intense. I arrived at Silva Porto, the capital of Bié, and they didn't let me go any further.

Do you still think about going back?

I do. My wife doesn't want to but my daughter – I have three children – insists on visiting the land where her father was born. I have friends in Angola; I go there a lot and if one day the opportunity arises, I will go back.

Life has its own plans for us, which often puts our plans on a plane that cannot be realized. What plans did you have before prison?

I lived those times before prison in a very intense way. I barely slept. It was a very important time in my life. All this was a consequence of the struggle of the student movement, after the independence of Angola, of all the tension that existed, and for me, it was a brilliant time. That's why I say that I don't regret anything because it was about living life very intensely. And prison marked a break with this paradigm. But what is surprising to me in life is the capacity we have to endure, to face the forks that exist in the road, the paths. And then, in prison, it was also important because I discovered that we carry all the resistance mechanisms inside us and the main one is the human brain. It is the most important organ that we have in the body; it is an absolutely extraordinary instrument. That is what I learned in prison: the human mind is extraordinary and it teaches us to resist.

What saves you when you live in a space of two square meters, where we are beaten daily?

That is a very important question... What saves us is the human mind, it is the ability to revisit the places where we have been, the books we have read, everything that life has brought us, and based on that, we must learn to resist. And in prison, that was the main issue, especially under a totalitarian regime. Totalitarian regimes offload all their anger onto the bodies of political prisoners and it is a kind of radical evil that is breaking out, and when there is a radical evil, human beings are superfluous. And it all affects not just ourselves, but everyone else, and based on all of that, the key question is to answer with 'this is not possible, we

“

(...) pediram para eu fazer o meu testamento. Deram-me um papel em branco, para que eu o fizesse, e eu olhei para a folha e escrevi: A Vida é Bela.

(...) *And they told me to write my will. They gave me a blank sheet of paper, and I looked at the sheet and wrote: Life is Beautiful.*

”

And do you still carry it with you, despite the difficult times you went through?

I always have a positive outlook on life. I think that the fact we are alive has an absolute and extraordinary meaning. Therefore, to live is to resist and to always discover a flicker of light even in the deepest, darkest night. And for that to happen, I always return to my childhood, to the intensity of the light, to the great horizons, and that regenerates much of what we are. When I left prison, one of the places I thought about going

O que nos salva quando vivemos num quadrado de dois metros quadrados onde somos, diariamente, agredidos?

Essa é uma pergunta muito importante... o que nos salva é a mente humana, é a capacidade de, com a mente, revisitarmos os lugares onde estivemos, os livros que lemos, revisitarmos tudo aquilo que a vida nos trouxe e, com base nisso, dizer que é preciso aprender a resistir. E na prisão essa foi a questão principal, especialmente na prisão num regime totalitário. Os regimes totalitários descarregam toda a sua raiva no corpo dos presos políticos e é uma espécie de mal radical que está a eclodir, e quando há um mal radical os seres humanos são supérfluos. E tudo isso toca, não só a nós mas a todos os outros e com base em tudo isso a questão fundamental é respondermos com 'isto não é possível, temos de superar'. E isto foi muito importante para mim, aliás, houve muitos camaradas meus, outros presos políticos, que enlouqueceram e ficaram com as vidas completamente destruídas, mas conseguimos chegar ao fim e agarrarmos àquela réstia de luz na noite profunda e dizer 'vamos conseguir' essa foi a maior das vitórias.

Podemos dizer que nesses dias, semanas e anos que passou na prisão, mais importante do que a esperança de achar que um dia sairia dali é a capacidade de regressar à infância, ao colo dos pais, ao nosso mundo interior e nele habitar?

Absolutamente. Emula isso de uma forma admirável- é mesmo regressar a nós, ao que resta das nossas forças e reconstruírmo-nos a partir daí. E é por isso que a literatura é muito importante. Na prisão eu passava horas da tortura física, da dor, a tentar visitar os livros, rever poemas na minha cabeça – aliás, foi assim que comecei a escrever poesia, como uma forma de resistência. Há um livro extraordinário de Dostoiévski, Cadernos do Subterrâneo, que diz que o homem é um animal que se habitua a tudo, e eu tinha essa frase comigo na prisão. E essa frase é, por um lado conformista, mas, por outro, um símbolo de resistência. E, realmente, o homem é um animal que se habitua a tudo. Perguntava-me 'como vou aguentar mais dias de dor, de agressões físicas?', mas a verdade é



que os dias iam passando e eu continuava lá. E o continuar era mostra de que resistia e poderia continuar a resistir.

Depois há o momento em que poderia ser a viragem, absoluta, para a loucura, que é o momento em que entram na sua cela à meia noite, pedem que diga que é um agente da CIA, você não diz e... conte como foi?

Pedem que eu diga que eu sou espião da CIA e, para além de ser mentira, sabia que se claudicasse aí não havia solução possível. Resolvi resistir e dizer que não. E eles pediram para eu fazer o meu testamento. Deram-me um papel em branco, para que eu o fizesse, e eu olhei para a folha e escrevi: A Vida é Bela. Dei-lhes a folha de papel. Eles colocaram uma venda à volta dos olhos e levaram-me para um sítio para ser fuzilado. O barulho das armas souo, eles fizeram de propósito e, curiosamente, dei por mim a pensar ‘este é o meu último dia’ e estava espantosamente calmo. E mantive-me espantosamente calmo durante todo o percurso. E... as armas não dispararam e eu voltei à prisão. Cheguei e pensei que tinha superado mais prova.

have to overcome it’. And this was very important for me. In fact, many of my comrades, other political prisoners, went crazy and had their lives completely destroyed, but we managed to get to the end and grab that beam of light in the deep of night and say ‘we’re going to do it’, and that was the biggest victory.

Could we say that, in those days, weeks and years that you spent in prison, more important than the hope of thinking that one day you would leave was the ability to go back to your childhood, to your parents’ laps, to our inner world and be able to live there?

Absolutely. You emulate it admirably – it really is coming back to ourselves, to what remains of our strength and rebuilding ourselves from there. And that is why literature is very important. In prison I spent hours of physical torture, of pain, trying to revisit

A morte está ali, à frente dos olhos, e ser acometido por uma certa paz, isso fez com que deixasse de ter medo da morte?

Completamente. Nesse dia aprendi ou descobri que não tenho medo da morte. Nas nossas sociedades ocidentais isso é um trauma que nos marca a todos e temos um imenso medo da morte. Há uma frase extraordinária do Roberto Bolaño no seu romance 2666 em que ele diz ‘o mundo está vivo e não há remédio para o que está vivo’. e nós temos de ter isso dentro de nós: nós estamos vivos, e é extraordinária a experiência da vida, mas vai acabar. Se olharmos para as culturas asiáticas, como o Japão, por exemplo, a relação deles com a morte é uma relação muito mais natural. E se assumíssemos isso, muitos dos nossos traumas e dos nossos paradoxos da civilização ocidental, poderiam, de certa maneira, serem modelados por isso. Temos um pavor da morte e a morte está, completamente ausente das sociedades mo-

dernas. As pessoas que têm dificuldades ficam isoladas, é quase um anátema que se abate e é uma maneira completamente irracional de tratarmos algo que é crucial na nossa existência. Por isso, o que importa é viver a vida. Depois da simulação do fuzilamento a vida é, para mim, como uma irmã, é viver todos os dias e, atenção, viver não é acrescentar dias à vida mas acrescentar vida aos dias e tentar povoar os dias com uma intensidade diferente.

E à medida em que essa noite do quase fuzilamento fica mais longe, não muda o seu pensamento.

Não, nunca. Move-me sempre uma curiosidade imensa por tudo: ler, descobrir novos autores, reinventar a própria vida amorosa porque penso que nós somos súbditos do tempo, nós somos, no fundo, tempo, e não podemos furtar ao seu veredicto. A paixão e o amor é aquilo que transforma o instante em eternidade. É uma força que existe na vida que nos arranca à nossa solidão ontológica.

Disse que na prisão descobriu a poesia, a sua própria poesia, mas a escrita estava em si muito antes de ser preso?

Sim, escrevia no Jornal do Centro Cultural da Universidade de Luanda. Eu escrevia muito, inclusive os panfletos revolucionários...

Then there was that moment that could have been the absolute turning point for madness, which is the moment when they entered your cell at midnight and asked you to say that you were a CIA agent, and you didn’t... Tell us how that was?

They told me to say that I was a spy for the CIA and, as well as being a lie, I knew that if I faltered, there would be no possible solution. I decided to resist and say no. And they told me to write my will. They gave me a blank sheet of paper, and I looked at the sheet and wrote: Life is Beautiful. I gave them the sheet of paper. They blindfolded me and took me somewhere to be shot. The sound of the

firearms filled the air; they did it on purpose and, oddly, I found myself thinking ‘this is my last day’ and I was amazingly calm. And I remained astonishingly calm throughout the journey. And... the guns didn’t go off and I went back to prison. I arrived and thought I had overcome yet another test.

Como via o regime colonial? Você, um branco nascido em Angola?

Era claramente opressivo. Há uma escola de historiadores em Portugal que pensa que o colonialismo português foi benigno, não foi. Foi uma opressão brutal sobre o povo angolano e isso marcou-me muito. Nasci no planalto central angolano que era onde se recrutavam os angolanos que iam trabalhar nas roças de café no norte de Angola. E eu tinha cerca de 9 anos quando vi uma fila de contratados, amarrados com correntes uns aos outros, e aquilo impressionou-me terrivelmente. Acho que foi o meu primeiro ato político porque interoguei os adultos: o que era? Por que estavam a fazer aquilo àquelas pessoas? Depois fui a casa buscar comida e água para lhes dar e tudo aquilo foi profundamente marcante para mim.

O que nos leva à ironia política porque foi a mesma pessoa que ficou tão marcado com o que os portugueses faziam aos angolanos que, mais tarde, foi encarcerado e torturado pelos angolanos.

Precisamente. Penso que o mal radical está em todo o lado. Aquilo que nos separa, enquanto seres humanos, do mal radical, é uma fronteira muito ténue. Quando há um regime totalitário que emerge – e atenção que o regime fascista é um regime totalitário – e pensamos que as nossas ideias são marcantes que devemos impô-las aos outros, e se os outros não estão de acordo, é exterminá-los. Penso que essa linha muito ténue.

Death was there, right in front of your eyes, and with certain peace washing over you, did that stop you from being afraid of death?

Completely. That day I learned (or discovered) that I am not afraid of death. In our Western societies, that is a trauma that marks us all and we are greatly afraid of death. There is an extraordinary passage in Roberto Bolaño's novel 2666, which says, 'The world is alive and no living thing has any remedy', and we have to have that inside us: we are alive, and the experience of life is extraordinary, but it will end. If we look at Asian cultures, such as Japan,

for example, their relationship with death is a much more natural one. And if we were to accept that, many of our traumas and our paradoxes of Western civilization could in a way be shaped by this. We are terrified of death and death is completely absent from modern societies. People who have struggles are isolated; it is almost anathema to us and it is a completely irrational way of treating something that is crucial in our existence. Therefore, what matters is to live life. After the firing squad simulation, life for me is like a sister, it is about living every day. That doesn't mean adding days to life, but rather to add life to the days and try to fill the days with a different intensity.

E o que pode fortalecer essa linha, esse limite, a cultura?

Muitas vezes nem a cultura consegue fazê-lo. A cultura é um refúgio muito ténue contra a barbárie. A cultura pode ajudar, mas pode não ser suficiente. Basta vermos a experiência do regime nazi, na Europa, numa sociedade avançada do ponto de vista cultural, em todas as áreas, e a fronteira é realmente muito ténue. E é isso que me tem intrigado toda a vida. Li uma reportagem extraordinária do Jean Hatzfeld, um jornalista francês, sobre o extermínio no Ruanda e ele foi entrevistar as próprias pessoas que matavam e elas explicam porque é que matavam. E 'nós matávamos porque não havia consequências', 'toda a gente fazia isso e era uma coisa muito boa' e então começaram a matar os vizinhos porque havia uma ideologia que os instigava a isso ou só porque sim. Há uma espécie de percurso na vida em que a animalidade que existe em nós infecta a nossa consciência. E por vezes não estamos vacinados contra isso. E aí a cultura é uma proteção muito débil. Estamos aqui há cerca de duzentos mil anos e aquilo que a espécie realizou é sem precedentes na história do planeta. É evidente que hoje temos de mudar o nosso modelo de desenvolvimento social e económico e reajustá-lo, porque estamos a depauperar os recursos, a criar devastação ambiental, mas se olharmos para aquilo que a mente humana conseguiu em termos de invenções, de tecnologias e bem-estar, prosperidade e das próprias ciências da saúde, é absolutamente notável.

É notável, mas o ser humano que tudo isso conseguiu também é capaz das maiores barbáries.

É verdade. Mas se pensarmos que depois da II Guerra Mundial, e quando se descobriu os campos de concentração do Holocausto, do extermínio dos judeus, o filósofo alemão Adorno lançou a polémica quando disse que era impossível escrever poesia depois de Auschwitz e, nessa altura, estava a emergir o Paul Celan, um grande poeta, que provou exatamente o contrário, que é possível escrever poesia depois de Auschwitz. Apesar do mal que a espécie humana faz é sempre possível renascer. Há uma questão que divide tudo, que é quando começamos a excluir o outro, quando começamos a entrar na xenofobia, quando começamos a dizer 'o outro é o nosso inimigo' e fazer isso com base em identidades. E as identidades, como diz o filósofo francês de origem libanesa Amin Maalouf 'As identidades são assassinas'. A espécie humana é única e tem de se procurar o destino comum neste convívio que importa manter.

You said you discovered poetry in prison, your own poetry, but was writing inside you long before you were arrested?

Yes, I used to write for the newspaper of the Cultural Center at the university in Luanda. I wrote a lot, including the revolutionary pamphlets...

How did you see the colonial regime? You, a white man born in Angola?

It was clearly oppressive. There is a school of historians in Portugal who think that Portuguese colonialism was benign. It was not. It was a brutal oppression over the Angolan people and it affected me greatly. I was born on the Angolan central plateau, which was where Angolans were recruited to work at the coffee plantations in northern Angola. I was about nine when I saw a line of workers, tied to one another with chains, and that made a terrible impression on me. I think it was my first political

And as that night of the near-shooting gets further away, your outlook does not change.

No, never. I am always moved by an immense curiosity for everything: reading, discovering new authors, re-inventing our love life itself because I think we are subjects of time. We are, after all, time, and we cannot escape its verdict. Passion and love are what transform an instant into eternity. It is a force that exists in life that pulls us out of our ontological loneliness.

Disse que escreveu livros de poesia na prisão, mas imagino que fosse um lugar onde não tivesse acesso a papel ou caneta. Como fazia?

Usava a mente. Escrevia e reescrevia na mente. Criava todo um livro na cabeça. Entretinha-me horas imensas a compor poemas na cabeça. Ainda hoje as pessoas ficam espantadas com a facilidade com que ‘escrevo’ na cabeça, mas foi um treino que me permitiu desenvolver a capacidade de criar e memorizar. Acredito que a mente humana, quando somos obrigados a explorá-la, propicia resultados surpreendentes.

É como se tivesse desenvolvido um processador mental melhor?

Sim, é verdade. Acho que mente humana tem possibilidades infinitas e nós usamos muito pouco. As pessoas, ao longo da minha vida, perguntam-me como é que eu fixo números e como é que sou capaz de falar de forma estruturada como se tivesse um papel à frente, e faço-o porque tenho esse treino cerebral muito profundo que aprendi na prisão. Não tinha esferográfica, não tinha papel, não tinha nada e então tinha de escrever e fixar na mente.

act, because I questioned the adults: what was it? Why were they doing that to those people? Then I went home to get food and water to give them and all of that was very significant for me.

Which leads us to political irony, because it was that same person who was so struck by what the Portuguese did to the Angolans that was later jailed and tortured by the Angolans. Precisely. I think radical evil is everywhere. What separates us, as human beings, from radical evil is a very fine line. When there is a totalitarian re-

gime that emerges – and note that the fascist regime is a totalitarian regime –, we think that our ideas are singular and that we must impose them on others, and if others do not agree, they have to be exterminated. I think that line is very fine.

And what can strengthen that line, that limit? Culture?

Oftentimes not even culture can do it. Culture is a very subtle refuge from barbarity. Culture can help, but it may not be enough. Just look at the Nazi regime in Europe, in a society

Os livros que escreveu na prisão saíram sob pseudónimo António Valis, porquê este nome?

Eu tenho uma grande admiração pelo poeta alemão Novalis e a admiração existe também porque ele era geólogo, eu sou engenheiro de minas de formação, e ele, aliás, tem umas das definições mais extraordinárias da minha profissão: ele diz que um geólogo ou engenheiro de minas é um astrónomo às avessas, e o meu nome tem Silva e a decomposição do Silva pode justificar o Valis. (risos)

“

As Geminações abrem portas de cooperação em todos os sentidos: na cultura, na língua, na formação, na educação e vão até as relações económicas que são muito importantes. Se nos encerrarmos, cada um de nós, na sua concha, o mundo vai ser difícil. As geminações alargam horizontes. E precisamos de horizontes alargados.

Twinning opens doors of cooperation in every way: in culture, in language, in training, in education and even in the economic relations that are very important. If we each close ourselves off, in our own shell, the world will be difficult.

Twinning widens horizons. And we need broad horizons.

”

that is culturally advanced, in all areas, and the line is really very thin. And that's what has puzzled me all my life. I read an extraordinary report by Jean Hatzfeld, a French journalist, about the extermination in Rwanda, and he went to interview the people who killed and they explained why they killed: 'We killed because there were no consequences', 'Everybody did it and it was a very good thing'. And then they started killing neighbors, because there was an ideology that prompted them to do it or 'just

because'. There is a kind of path in life in which the animality that exists in us infects our conscience. And sometimes we are not immunized against it. And there, culture is a very weak protection. We have been here for around 200,000 years and what the species has accomplished is unprecedented in the history of the planet. It is evident that today we have to change our model of social and economic development and readjust it, because we are depleting resources, creating environmental devastation, but if we look at what the human mind has achieved in terms of inventions, technologies, well-being, prosperity and health sciences themselves, it is absolutely remarkable.

It is remarkable, but the human being who achieved all this is also capable of the greatest barbarities.

It's true. But if we think that after the Second World War, and when the concentration camps of the Holocaust and the extermination of the Jews were discovered, the German philosopher Adorno sparked controversy when he said that it was impossible to write poetry after Auschwitz. At that time, Paul Celan, a great poet, was emerging, and he proved just the opposite, that it is possible to write poetry after Auschwitz. Despite the evil that the human species does, it is always possible to be reborn. There is a question that divides everything, which is when we start to exclude the other, when we start to get into xenophobia, when we start to say 'the other is our enemy' and to do so based on identities. And identities, as the Lebanese-born French philosopher Amin Maalouf says, 'identities are murderers'. The human species is unique, and we must find the common destiny in this conviviality that is important to maintain.

You said you wrote poetry books in prison, but I imagine it was a place where you didn't have access to paper or a pen. How did you do it?

I used my mind. I would write and rewrite words in my mind. I would

Se tivesse de escolher uma profissão após a prisão, ou seja, se essa escolha fosse posterior, continuaria a escolher Engenharia de Minas?

Efetivamente a escolha por Engenharia de Minas foi um dilema na minha vida. Eu gosto muito das engenharias, das tecnologias, mas gosto imenso de literatura. Estou imensamente feliz por a minha filha Inês ter seguidos Literatura Clássica. Essa questão esteve sempre comigo: ir para Letras ou ir para as Engenharias.

Na indecisão o que o fez decidir?

Não sei. Não lhe sei responder. Foi à última da hora. Mas esse é o dilema, quando se lê O Homem Sem Qualidade de Musil explica muito bem isso – quando há uma bifurcação na vida escolhemos um lado e nunca se sabe o que teria acontecido se tivéssemos escolhido o outro lado o outro. E esse é o dilema que transportamos ao longo da vida.

O centro da terra é bonito?

É. O centro da terra explica a nossa vida. O nosso planeta é um planeta extraordinário. O núcleo da Terra é radioativo, tem minerais radioativos que estão em operação e é isso que explica que a Terra tenha um campo magnético fortíssimo. Esse campo magnético protege-nos não só das inflexões, das partículas e dos raios infravermelhos que vêm do Espaço provocam, mas atenção, é isso que protege os nossos Oceanos. Se olhar para Marte, o núcleo de Marte arrefeceu, o campo magnético desapareceu e os oceanos evaporaram-se. A vida em Marte é muito mais difícil. O núcleo da Terra é um dos segredos para a existência da vida no nosso planeta e para termos um planeta tão extraordinário.

No entanto, não é muito apreciado ou, numa linguagem mais comum, passa-nos um pouco ao lado.

Pois passa. Absolutamente. A Terra é um laboratório geológico que está em permanente trabalho, em permanente desenvolvimento de todas as suas atividades e isso explica, também, o que se passa no Oceano. Se olhar para norte dos Açores tem crostas de cobalto, níquel, manganés que se depositaram ao longo dos anos.

create a whole book in my head. I would amuse myself for hours on end, composing poems in my head. Even today, people are amazed at how easily I 'write' in my head, but it was a training that allowed me to develop the ability to create and memorize. I believe that the human mind, when we are forced to explore it, provides surprising results.

It was as if you had developed a better mental processor?

Yes, it's true. I think the human mind has infinite possibilities and we use very little of it. Throughout my life, people have asked me how I memorize numbers and how I am able to speak in a structured way as if

I'm reading off a piece of paper, and I do it because I have this very intense brain training that I learned in prison. I didn't have a pen, I didn't have paper, I didn't have anything and so I had to 'write' and memorize it all.

The books you wrote in prison were under the pseudonym António Valis. Why this name?

I have great admiration for the German poet Novalis and the admiration also exists because he was a geologist. I am a mining engineer by training, and he, in fact, has one of the most extraordinary definitions of my profession: he says that a geologist or a mining engineer is an upside-down astronomer. And one of my names is



E durante um milhão de anos depositam-se 3 milímetros destas crostas. E isto é impressionante, especialmente se percebermos algo que também me fascina, ou seja, o tempo geológico não tem nada a ver com o tempo humano. São milhões e milhões de anos que continuam a operar independentemente da nossa passagem efémera pelo planeta.

Acredita na vida para além da morte?

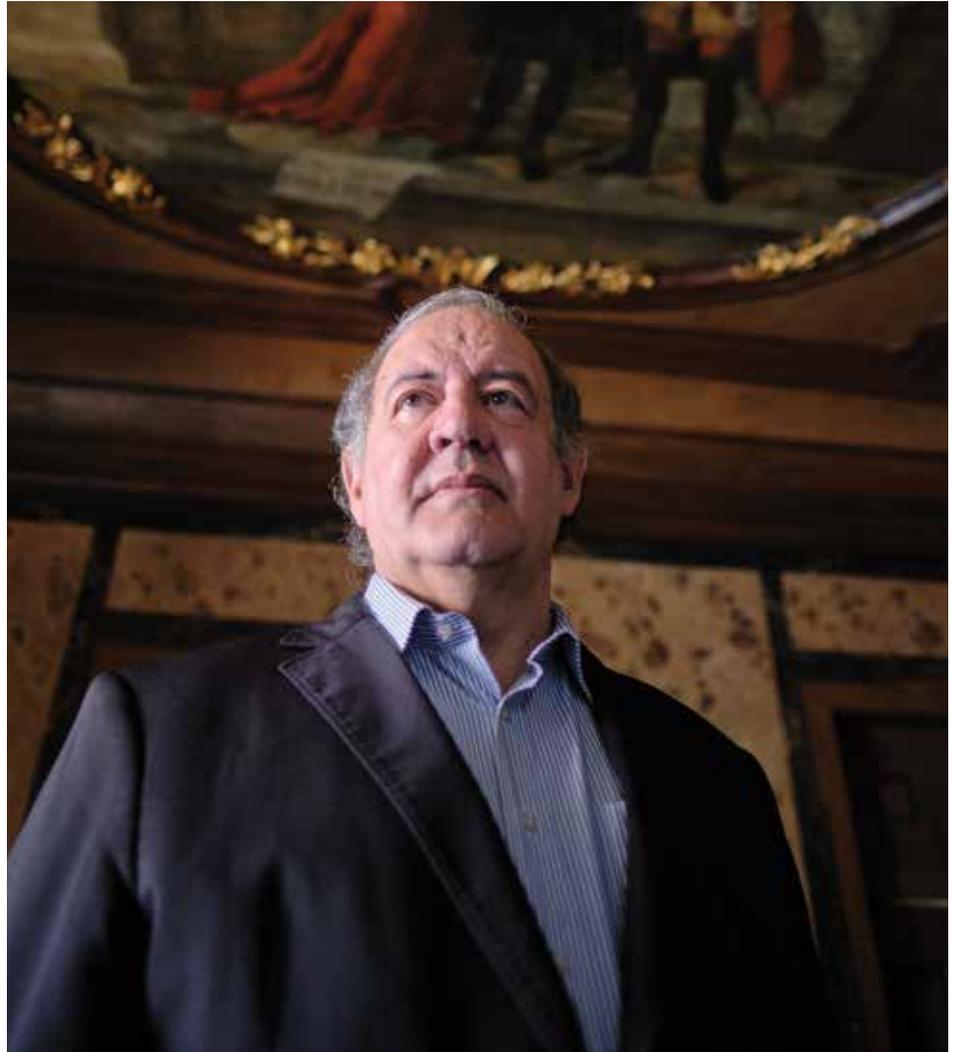
Tenho muito respeito por todas as religiões do mundo, pelas várias crenças, mas não acredito. Digamos que não precisamos de acreditar nisso para justificarmos a própria vida e para justificar o percurso que existe.

A vida, por si só, justifica-se.

Absolutamente. Justifica-se, esgota-se nela e dela pode-se construir outras vidas, outros percursos e outros caminhos.

Não lhe deixa uma certa pena se achar que isto acabar aqui?

É o dilema da nossa vida. É um dos grandes paradoxos com que nos enfrentamos. Por isso é que eu acho que para responder a isso é viver a vida de forma intensa, da melhor maneira possível e, sobretudo, construir com os outros relações, comunidades, caminhos que possam, de uma ou outra maneira, continuarmos. Se nos en-



Silva, and deconstructing Silva can result in Valis. (laughs)

If you had to choose a profession after your arrest (that is, if that choice was made later), would you still choose mining engineering?

Actually, choosing mining engineering was a dilemma in my life. I really like engineering, technology, but I really like literature. I am immensely happy that my daughter Inês chose Classic Literature. This debate always stayed with me: to choose arts or engineering.

What made you decide?

I don't know. I don't know how to answer you. It was a last-minute decision. But this is the dilemma. Musil's *The Man Without Qualities* explains this very well – when there is a fork in life, we choose one path and you never know what would have hap-

pened if we had chosen the other. And this is the dilemma that we carry throughout life.

Is the center of the Earth beautiful?

It is. The center of the Earth explains our life. Our planet is an extraordinary one. The Earth's nucleus is radioactive, it has radioactive minerals that are active and that explains why the Earth has a very strong magnetic field. This magnetic field protects us not only from the inflections, particles and infrared rays that come from Space, but it is also what protects our Oceans. If you look at Mars, the core of Mars has cooled, the magnetic field has disappeared and the oceans have evaporated. Life on Mars is much more difficult. The Earth's core is one of the secrets

to the existence of life on our planet and why we have such an extraordinary planet.

However, it isn't widely appreciated or, in plainer language, it just passes us by.

It does, absolutely. The Earth is a geological laboratory that is permanently working, in constant development of all its activities and that also explains what is happening in the Ocean. If you look to the north of the Azores, you have cobalt, nickel and manganese crusts that have been deposited over the years. And three millimeters of these crusts are deposited over the course of a million years. And this is impressive, especially if we take note of something that also fascinates me, which is that geological time has nothing to do

with human time. These are millions and millions of years that continue to operate regardless of our ephemeral passage on the planet.

Do you believe in life after death?

I have a lot of respect for all the religions in the world, for their various beliefs, but I don't believe in it. Let's say that we don't need to believe this to justify our own lives and to justify the path that exists.

Life, in itself, is justified.

Absolutely. It is justified, it runs out, and it can build other lives, other paths and other destinations.

Doesn't it make you feel a little sorry if you think this will end here?

It is our life's dilemma. It is one of the great paradoxes we face. That is why I think that to answer that is

cerrarmos nesses dilemas podemos chegar a uma sensação em que é cada vez mais difícil enfrentarmos a vida. Se pensamos ‘vai acabar’, ou ‘não vai ser possível’, não vivemos. Marco Aurélio, um dos grandes Imperadores Romanos, disse: Só se perde a vida que se vive agora e só se vive a vida que se perde. Esta é uma formulação extraordinária que resolve essa questão.

Sai da prisão e vem para Portugal. O que o traz aqui?

Na prisão, fruto das várias torturas, a minha vista começa a deteriorar-se. E eu vim para me tratar. Eu, nessa altura, estava a trabalhar na Sonangol e gostava muito. A minha ideia era vir tratar-me e regressar. Aliás, o tratamento seria em Barcelona mas entre Barcelona e Angola passei por Portugal para visitar a família e a família exerceu uma pressão muito grande para ficar. E como a vista precisava de um acompanhamento mais próximo, resolvi ficar.

Foi difícil a decisão de não regressar ao seu país?

Difícil. É uma das tais decisões que muda a vida. Não sei o que teria acontecido se tivesse voltado. Mesmo na hora de saída o Val, que era o carrasco na prisão, disse: vê-la, que um dia podes ser atropelado, ou um elevador cair... mesmo na hora de sair da prisão há um condicionamento marcante.

O que tinham eles contra si, o seu pensamento crítico?

Sim.

to live life in an intense way, in the best possible way and, above all, to build relationships, communities, paths that we can continue, in one way or another. If we end up in these dilemmas, we might arrive at a feeling where it is increasingly difficult to face life. If we think ‘it will end’ or ‘it won’t be possible’, we’re not living. Marcus Aurelius, one of the great Roman Emperors, said, ‘You cannot lose another life than the one you’re living now, or live another one than the one you’re losing.’ This is an extraordinary formulation that solves this question.

You left prison and came to Portugal. What brought you here?

In prison, the result of various tortures, my eyesight began to deteriorate. And I came here for treatment. At that time, I was working at Sonangol and I really liked it. My idea was to come for treatment and go back. Actually, the treatment was in Barcelona, but between Barcelona and Angola, I visited Portugal to visit the family and they put a lot of pressure on me to stay. And as my eyesight needed closer monitoring, I decided to stay.

Veja só a arma poderosa que é o pensamento.

O pensamento é uma das armas mais extraordinárias que nós temos. Uma ideia simples pode mudar o mundo. Eu nunca me poupei a pensar nem a viver a aventura da vida. No dia em que deixamos de o fazer, a vida perde muito do seu apelo e do seu significado.

Estava no Instituto Francês de Petróleo quando Rui Vilar o convida para trabalhar com ele mas não aceita, Porquê?

Eu aceito, mas peço-lhe um tempo. O meu trabalho estava a meio no Instituto Francês e eu não podia sair assim. Embora quisesse voltar, afinal tinha cá a família, eu estava em França e é difícil a conciliação. Foi fascinante do ponto de vista profissional, mas difícil do ponto de vista pessoal.

A família é uma pátria?

É.

É um quadro muito apetecível e apreciado na área do petróleo. Qual o seu segredo? É ter perante os desafios uma calma de quem já viveu no limite e, como tal, comparativamente, não há stress ou reunião que se lhe compare?

Tenho sempre calma. Acredito que quanto mais desafiantes são as situações, mais cal-

ma deveremos ter para pensarmos de maneira fria e racional. E, realmente, quando olho para trás e vejo as situações limite por que passei e que me marcaram, obviamente, deu-me um sentido da vida completamente diferente. Costumo dizer que a minha vida depois da prisão é um bónus. Podia ter acabado naquela altura e quando temos um bónus é para saber utilizá-lo da melhor maneira possível.

Atrevo-me a dizer que a prisão não o azedou.

(Pausa) A prisão mudou-me por fora e por dentro. Mas sabe que dentro da prisão descobrimos o pior que há na natureza humana mas, também o melhor.

O melhor?

Sim. Lembro-me de um dia em particular em que fazia anos e estava na cela e a dada altura, em unísono, os meus colegas na cela começaram a cantar o ‘parabéns a você’. Foi uma experiência extraordinária... (comovido) não voltei a ter uns anos como aqueles.

You were at the French Institute of Petroleum when Rui Vilar invited you to work with him, but you didn't accept. Why?

I accepted, but I asked him for time. My job was half done at the French Institute and I couldn't leave like that. Although I wanted to come back – after all, my family was here –, I was in France and it is difficult to strike a balance. It was fascinating from a professional point of view, but difficult from a personal point of view.

Is family a homeland?

It is.

It is a very sought-after position in the oil industry. What is your secret? Is it the calmness in the face of a challenge of someone who has been pushed to the limit and as such, no stress or meeting can compare?

I'm always calm. I believe that the more challenging the situation, the calmer we should be to think in a cool, rational way. And actually, when I look back and see the extreme sit-

Was it difficult to decide not to return to your country?

Very difficult. It is one of those life-changing decisions. I don't know what would have happened if I had gone back. Just as I was leaving, Val, who was the executioner at the prison, said, ‘Careful, because one day you might get run over, or an elevator might drop...’. Even when leaving prison, there is still significant conditioning.

What did they have against you, your critical thinking?

Yes.

Just look at how powerful a weapon thought is.

Thought is one of the most extraordinary weapons we have. A simple idea can change the world. I never spared myself from thinking or living the adventure of life. The day we stop doing it, life loses much of its appeal and its meaning.

Aceitou o desafio do nosso Primeiro-Ministro e creio que poderá ser um daqueles desafios que não há como sair bem dele.

(Risos) Tenho essa consciência, mas quando me dão um desafio que à partida está perdido, para mim, instiga-me, desde logo, a aceitar. O país tem coisas boas que pode fazer e em que se pode apoiar. E no momento de crise que vivemos, senti que tinha, pelo menos, a obrigação de tentar construir uma plataforma de entendimento entre os vários quadrantes para avançarmos. Mas como diz, se sair menos bem, logo se verá.

Aceitou por um sentido de dever para com Portugal.

Eu tenho pensado sobre o país, tenho escrito artigos com as minhas reflexões e quando o Primeiro Ministro me convida para almoçar e me lança o desafio pensei ‘nem é tarde nem é cedo’. E como ele pediu uma visão estratégica para o futuro, ou seja, o que fazer no day after da crise do covid, como é que o país pode sair daqui, então vamos lá tentar construir essa visão. Agora, o país é muito complicado, há múltiplas fraturas dentro do país. É um país que não consegue construir plataformas alargadas para funcionar relativamente ao futuro. É um país de muitos Eu e poucos Nós e, por-

tanto, o que estamos a tentar construir é mais Nós e menos Eu. E houve um outro motivo que me levou a aceitar: os jovens. Dou aulas no Instituto Superior Técnico e há muitos jovens brilhantes, cheios de talento e temos obrigação de construir uma plataforma diferente para o futuro.

Somos um povo peculiar: em momentos de crise arregaçamos as mangas e em momentos de calma, não avançamos.

Concordo. Somos ótimos na exceção e um pouco medíocres na normalidade. Veremos o que conseguimos fazer para o futuro.

Nesse futuro, de que fala, como entende a política de Geminacões? A Câmara de Oeiras tem uma política de cooperação muito ativa, presente, estruturada. Ainda agora no Covid a CMO ajudou com máscaras, com ventiladores e é algo que alguns municípios não entendem: por que temos de ajudar outros países, outras terras, outras gentes?

As Geminacões são fundamentais. No meu trabalho colocarei isso e, por acaso, não o tinha feito no início. As geminacões vão beber às Missões de Soberania do País, à diplomacia, à cultura, à língua. E muitas vezes as pessoas reagem mal porque têm uma visão muito fechada do mundo, e nós somos um país que tem relações extraordinárias com todos os continentes. Até em função da Historia, onde tivemos coisas boas e más, o país tem aquilo a que se chama *Soft Power*. E nós podemos ser, para recuperar a imagem do Prémio Nobel Saramago, uma jangada sobre o Atlântico. E esse *Soft Power* começa por construirmos relações com outros povos. As Geminacões abrem portas de cooperação em todos os sentidos: na cultura, na língua, na formação, na educação e vão até as relações económicas que são muito importantes. Se nos encerrarmos, cada um de nós, na sua concha, o mundo vai ser difícil. As geminacões alargam horizontes. E precisamos de horizontes alargados.

uations that I went through and that marked me, it obviously gave me a completely different sense of life. I usually say that my life after prison is a bonus. It could have ended back then and when we have a bonus, we have to know how to use it in the best possible way.

I dare say that prison didn't make you bitter.

(pause) Prison has changed me inside and out. But you know, in prison we discover the worst of human nature, but also the best.

The best?

Yes. I remember a particular day, on my birthday, I was in the cell and at one point, in unison, my cellmates started to sing Happy Birthday. It was an extraordinary experience ... (visibly moved) I haven't had another birthday like it.

You accepted the challenge of our Prime Minister and I guess that it could be one of those challenges that won't turn out too well.

(Laughter) I am aware of that, but when they give me a challenge that seems hopeless from the outset, it spurs me to accept it. The country has good things it can do and which it can rely on. And at a time of crisis that we are experiencing, I felt that I had at least the obligation to try to build a platform of understanding between the various quadrants to move forward. But as you say, if I don't do so well, we'll soon see.

You accepted it out of a sense of duty towards Portugal.

I have been thinking about the country. I have written articles with my reflections, and when the Prime Minister invited me to lunch and made his proposal, I thought ‘neither too early or too late’. And as he asked for a strategic vision for the future, that is, what to do in the days after the COVID crisis, how the country can move on from this, then let's try to build that vision. Now, the nation is very complicated, there are multiple fractures within the country. It is a country that is unable to build broad platforms to function for the future. It is a country of many ‘me's’ and few ‘us's’ and, therefore, what we are trying to build is more ‘us’ and less

‘me’. And there was another reason that led me to accept: young people. I teach at the Instituto Superior Técnico university and there are many brilliant young people, full of talent, and we have an obligation to build a different platform for the future.

The Portuguese are peculiar people: in moments of crisis, we roll up our sleeves, and in moments of calm, we stay put.

I agree. We are great in exceptional circumstances and a little mediocre in normality. We'll see what we can do for the future.

As geminações como meio de cerzir relações até com quem estivemos próximos num passado não muito longínquo.

Absolutamente. E são povos que gostam de Portugal. Aliás, costumo dizer que faço parte da tribo Luso-Angolanos que vibra quando os dois países estão bem.

Pegando na palavra vibração, se Portugal jogar contra Angola num jogo de futebol, por quem o António vai vibrar?

Faz-me a pergunta mais difícil... fui ver o primeiro jogo do Mundial na Alemanha, em 2006, e o primeiro jogo era Portugal – Angola e eu não queria que nenhum dos países perdesse.

Pode sempre ver pelo lado positivo: ganha sempre.

Ou perco sempre (risos).

Contaram-me que um dia, num aniversário seu, onde tinha reunido a família e amigos, e sendo o António um adepto ferrenho do Benfica, lhe fizeram uma partida: quando chega a hora de cantarem os parabéns, você tira a tampa da caixa onde estava o bolo e ao ver uma estampagem do sporting pega no bolo e vira-o ao contrário esmagando-o sobre a mesa. É verdade?

(risos) É verdade. Eu costumo dizer que o futebol é o nosso espaço de irracionalidade. E isto explica tudo. Não consigo caracterizar melhor.

Tem saudades do horizonte de Angola?

Muito. O horizonte é algo que nos pacifica e nos relaciona com o mundo. Precisamos de olhar e ver como somos uma peça ínfima do mundo. •

In this future you are talking about, how do you see the Twinning policy? Oeiras City Hall has a very active, present and structured cooperation policy. Even now with COVID, we have helped with masks and ventilators, and it's something that some residents don't understand: why do we have to help other countries, other lands, other people?

Twinning is fundamental. I will put that into my work and incidentally, I didn't do it at the beginning. The twin towns will draw from the Country's Sovereignty Missions, from diplomacy, culture, language. And people often react badly because they have a

very closed view of the world, and we are a country that has extraordinary relationships with all continents. Even in terms of history, where we had good and bad things, the country has what is called Soft Power. And, to recover the image of Saramago's Nobel Prize [in Literature], we can be a raft over the Atlantic. And this Soft Power starts by building relationships with other peoples. Twinning opens doors of cooperation in every way: in culture, in language, in training, in education and even in the economic relations that are very important. If we each close ourselves off, in our own shell, the world will be difficult. Twinning widens horizons. And we need broad horizons.

“

Há uma escola de historiadores em Portugal que pensa que o colonialismo português foi benigno, não foi. Foi uma opressão brutal sobre o povo angolano e isso marcou-me muito.

There is a school of historians in Portugal who think that Portuguese colonialism was benign. It was not. It was a brutal oppression over the Angolan people and it affected me greatly

”

Twinning as a means of mending relationships even with those we were close to in the not-too-distant past?

Absolutely. And they are people who like Portugal. In fact, I usually say that I am part of the Portuguese-Angolan tribe that vibrates when both countries are well.

Taking the word 'vibration', if Portugal plays Angola in a football match, who will you be excited about seeing?

You're asking me the most difficult question... I went to see the first match of the 2006 World Cup in Germany, and the first game was Portugal-Angola and I didn't want either country to lose.

You could always see the positive side: you always win.

Or I always lose. (laughs)

I was told that, on your birthday, when your family and friends were gathered, and being a staunch supporter of Benfica football team, they played a trick on you: when it was time to sing Happy Birthday, you opened the box of your birthday cake and, when you saw the Sporting FC symbol, you took the cake and turned it upside down, crushing it on the table. Is that true?

(laughs) It's true. I usually say that football is our space of irrationality. That explains everything. I can't describe it any better.

Do you miss the horizon of Angola?

Very much. The horizon is something that calms us and helps us relate to the world. We need to look and see how we are a tiny piece of the world. •

No dia 14 de março, o presidente da câmara municipal de Oeiras criou um gabinete de crise que reunia todos os dias às 9h00. Nele estavam, entre a polícia, a delegada de saúde e representantes de várias instituições, todo o executivo da autarquia: 'Os políticos são elementos da linha da frente. Têm de estar no seu posto de comando. Têm de ser, também eles, estrategas e operacionais', afirmou Isaltino Morais. E foi desse gabinete de crise que, ininterruptamente, durante três meses teve lugar, que o executivo, munido com as informações diárias, tomou as decisões que achou serem as mais importantes. É desses dias, cheios de indefinições e até de medos, que a Oeiras em Revista quis perceber o que cada um, individualmente, viveu, decidiu e sentiu.

On March 14th the President of the Municipality of Oeiras created a crisis office that met every day at 9 am. It included the police, the health delegate and representatives of various institutions, along with the Municipality's entire executive: 'Politicians are elements of the front line. They have to be at their command post. They, too, must be strategists and operatives', said Isaltino Morais. It was from this crisis office, which met uninterruptedly for three months, that the executive, armed with daily information, took the decisions they felt were the most important. Oeiras em Revista wanted to understand how each person lived, made decisions and felt during those days of uncertainty and even fears.

M U D A N Ç A

C H A N G E P

R O X I M I D

A D E P R O X

I M I T Y R E

S I L I Ê N C I

A R E A C T R

E A G I R I N C

L U S I O N I N

C L U S ã O R E

S I L I E N C E

“NÓS TEMOS DE SER A MUDANÇA QUE ACREDITAMOS QUE DEVE EXISTIR”

“WE MUST BE THE CHANGE THAT WE BELIEVE SHOULD EXIST. THAT’S WHY”

FRANCISCO ROCHA GONÇALVES

Vice-presidente da Câmara Municipal de Oeiras

Pelouros: Gestão Financeira; Contratação Pública (no âmbito dos assuntos que corram pela Divisão de Gestão Financeira e pela Divisão de Planeamento, Orçamento e Controlo); Gestão Organizacional e da Modernização Administrativa; Gestão Urbanística e Edificação (licenciamento de obras particulares, RJUE e Toponímia); Atividades Económicas; Turismo; Tecnologias e Sistemas de Informação; Comunicação, Relações Internacionais e Cooperação; Estratégia Cidade Inteligente - Smart Cities.

Vice-president of the municipality of Oeiras

Areas: Financial Management; Public Procurement (within the scope of the matters that run through the Financial Management Division and the Planning, Budget and Control Division); Organizational and Administrative Modernization Management; Urban Planning and Building Management (licensing of private works, RJUE [Legal Regime of Urban Planning and Building] and Toponymy); Economic Activities; Tourism; Information Systems and Technologies; Communication, International Relations and Cooperation; Smart City Strategy - Smart Cities.



MY MARCH 14TH

CHANGE

I'm in politics. And being a politician is not being a manager; it is also being a manager; but it's having a vision, having a commitment, having a strategy. I am a realistic idealist. That was and still is the vision that accompanies me since that fateful March 14th: how to reach all those who need us? I want to reach everyone. And we must reach everyone. And every day I fear I'm not doing everything, even if I'm doing everything to guarantee that no one is in need.

What was March 14th like for someone with your responsibilities?

I started to deal with the whole situation before that because one of my best friends is in Italy and he had been in confinement since February. I followed what was going on in northern Italy and, as we watched the events unfold, we began preparing a contingency plan in case the pandemic reached Portugal. So, my immediate concern was, on the one hand, the internal dimension

of the employees. We had the contingency plan, but the reality is always a shock. We knew that we had to have protective material, send employees home, namely the ones we call – an expression I dislike – “non-essentials”. I don't like this expression because it seems that some are essential and others are not, which isn't true. All are essential. I am a humanist and, as such, for me, each human being is a unique and unrepeatable experience. The concern was to protect everyone. Send as many people home as possible and keep the Municipality running, providing working and safety conditions to those staying in the workplace. And when I tell people that they have to come to work, I have to do everything to ensure them all conditions that do not put them at risk. They have to trust me, and I have to earn that trust. Then, and I mean in parallel, there is the dimension of the municipality as a whole. And that is where we realised we were going to hit the wall.

Por isso estou na política. E ser político não é ser gestor, é também ser gestor, mas é ter uma visão, ter uma entrega, ter estratégia. Sou um idealista realista. E essa foi e é a visão que me acompanha desde o dia 14 de março: como chegar a todos os que de nós precisam? Quero chegar a todos. E temos de chegar a todos. E todos os dias receio não fazer tudo, mesmo tudo fazendo para que ninguém passe necessidades.

Como foi viver o dia 14 de março nas responsabilidades que tem?

Acompanhava o que se passava no norte de Itália e, pela observação do que se estava a passar, fez com que começássemos a preparar um plano de contingência caso a pandemia chegasse a Portugal. Por isso, aquilo que imediatamente nos preocupou foi, por um lado, a dimensão interna, dos funcionários, e a externa, da comunidade. Nós tínhamos esse plano de contingência, mas a realidade é sempre um choque. Sabíamos que tínhamos de ter material de proteção, colocar os funcionários em casa, aqueles que se diz, contra o meu gosto, de ‘não essenciais’. E não gosto desta expressão porque parece que uns são essenciais e ou-

We immediately conducted a budget review so that we had the means to deal with the internal, external and social issues of the municipality. The first budget review was of about 3.7 million Euros and later we reached 10.7 million. In other words, this shows that the impact went beyond what we had expected. Our rea-

soning was: we have 176 thousand people who may come to be in need, how do we reach them? That was our main focus: reaching everyone who needed it. We increased the budget, but people don't eat bills, nobody eats money. That reinforcement had to translate into efficiency, into capacity, into aid.

tros não. O que não é verdade. Todos são essenciais. A preocupação foi proteger todos. Colocar o máximo de pessoas em casa e fazer com que a Câmara continuasse a funcionar dando condições de trabalho e segurança a quem ficasse na Câmara. E eu Quando dizemos às pessoas que têm de vir trabalhar, temos de tudo fazer para lhes dar todas as condições para não as colocar em risco. Elas têm de confiar temos de ser merecedores dessa confiança. De seguida, e aqui entende-se como em paralelo, há a dimensão do concelho no seu todo. Fizemos, imediatamente, uma revisão orçamental para que tivéssemos meios para enfrentarmos as questões internas e as questões externas e sociais do município. A primeira revisão orçamental que fizemos foi de cerca de 3,7 milhões. No apoio global, desde o início da pandemia, já investimos mais de 10,7 milhões. Ou seja, por aqui se percebe que o impacto foi além do que pensávamos poder inicialmente ser. O que pensávamos era: temos 176 mil pessoas que podem vir a passar necessidades, como é que chegamos até elas? Este era o nosso foco principal: chegar a todos os que precisassem.

Mas o mundo, perante desafios distintos, reage de maneira distinta.

Decidimos apoiar o Serviço Nacional de Saúde com a aquisição de ventiladores. Fomos ao mercado comprar ventiladores e depa-

ramo-nos com um mundo em que países desviavam ventiladores de outros países e tivemos de encontrar uma maneira de os adquirir sem que ficassem retidos algures. Conseguimos porque os compramos por peças e em voos distintos e foi essa a maneira de obtermos ventiladores até mesmo antes de o Estado Português conseguir. Adquirimos e oferecemos a quem precisava. E também oferecemos dois ventiladores a cada país africano de língua oficial portuguesa porque acreditamos num mundo de solidariedade onde estamos todos juntos na mesma luta. O nosso comportamento determina como pode ser o tempo seguinte à pandemia ou quando se deparar uma outra situação que mexa com o sistema em que vivemos.

Qual a importância de se dar ventiladores a outros países?

Porque é a maneira de sinalizarmos que mundo queremos ter e que pessoas queremos ser. É o nosso dever moral. Acredito que devemos criar um género de farol moral na ação pública e na ação governativa pública. Nós temos de ser a mudança que acreditamos que deve existir. O Estado é uma abstração feita de gente. E se queremos algo temos de materializar isso. Senão não somos políticos, mas sim gestores. Nós somos interpretes da transformação da realidade e um intérprete deve querer transformá-la e não apenas aceitá-la tao somente como ela é. Temos a obrigação para com os nossos eleitores de tentar transformar esta realidade para melhor.

E melhorar a realidade é também olhar pelos que mais precisam. Quando falamos dos PALOP'S e dizemos que são países irmãos, temos de escolher entre retórica e a prática. E a solidariedade não é uma questão de retórica, mas de prática. Dissemos na altura que a fraternidade não se apre-goa, pratica-se.

E esta pandemia não estava nos planos, não havia, aquando a candidatura, ideia que iriam passar por tamanha provação. Não chegou a casa a achar que não estava a fazer os possíveis?

Todos os dias. Não é tanto achar mas questionar-nos. A primeira coisa que alguém que está num cargo público e pega numa caneta deve fazer é pensar nas consequências da sua assinatura. Todas as nossas decisões têm consequências e têm consequências sobre a vida das pessoas. Olhe, um exemplo, o Dr. Isaltino fez uma obra tremenda sobre Oeiras, tenho a certeza que ele pensa sempre se poderia ter feito mais. E é normal e é humano. E é algo que todos nós, todos, devíamos estar a pensar neste momento: estamos a fazer o suficiente? Ninguém é perfeito, a perfeição é do Absoluto, é de Deus, mas todos devemos pensar se estamos a fazer o nosso melhor, se estamos a dar tudo, se estamos a sangrar o suficiente pela nossa comunidade, pelo nosso futuro. E este é o momento do individual sangramento pela sociedade, pelo bem comum.

ANUNCIADA



Como foi possível ao Município suportar o reforço de investimentos para responder à pandemia?

Lá está, pois pudemos. E porquê? Se quisermos ir mais longe, significa que criamos receita para distribuir. A justiça é sempre uma justiça retributiva. E é isso que fazemos quando criamos o Fundo de Emergência Social, a Habitação Social, com o investimento nas escolas e nos equipamentos públicos o que estamos a fazer é criar condições para a redistribuição da riqueza e, mais importante, estamos a criar condições de estabilização da sociedade porque ninguém vive bem num castelo no lodo. Ou então vivo no sistema de condomínio fechado e isso não é fazer cidade, isso não é fazer um País. A comunidade faz-se do todo. Oeiras tem, à custa da estratégia do Dr. Isaltino, uma robustez financeira única. A faturação das empresas não financeiras de Oeiras é maior do que todo o peso do Turismo no PIB português. Temos a obrigação de pegar na receita que geramos e transformá-la em bem-estar e coesão social.

But the world reacts differently to different challenges.

Internally, we would say that the world had returned to the Hobbesian system, of the wolf of the man himself - Hobbes said that man is a wolf to man - and we had gone back to that. We decided to support the National Health System with the purchase of ventilators, and we would go to the market to buy them and find a world in which countries diverted ventilators from other countries and we had to find a way to acquire them without risking them being stuck in some other country. We were able to do it because we bought them in parts and through different flights, and that was how we received ventilators even before the Portuguese State succeeded to do so. We bought them and offered them to those who needed them. We also gave two ventilators to each Portuguese-speaking African country because we wanted to send a clear sign of denial of this Hobbesian, cannibalistic world in which we eat each other, and because we believe in a world of solidarity where we are all together in the fight. Our behaviour determines how the times after the pandemic can be or how it will be when we face another situation that affects the system in which we live.

Voltando a pandemia. Será que ela veio derrubar alguns preconceitos? Será veio acelerar alguma tendência? Por exemplo, o teletrabalho?

O que temos não é teletrabalho. Uma mãe ou um pai que está em casa com os seus filhos não está em teletrabalho, está num sistema escravocrata em casa. Não funciona a longo prazo. O teletrabalho também não pode ser ter as pessoas sete dias por semana em casa e nunca vir ao local de trabalho. Mas devemos introduzir na vida o que aprendemos e a isto chama-se Inovar. Inovar é integrar na realidade a melhor tecnologia e melhor conhecimento existente a cada momento. Tem de ser algo que devemos adaptar, conhecer, perceber para que, de futuro, saibamos como reagir e agir. O Estado é mais conservador e burocrático do que alguns sectores económicos mais dinâmicos, mas o Estado também precisa disso, precisa de uma maior estabilidade. E temos de saber adequar as necessidades ao papel que temos. A introdução do teletrabalho é uma realidade no contexto organizativo.

What is the significance of offering ventilators to other countries?

It's a way of pointing the path to the world we want to have and the people we want to have. It's our moral duty. I believe that we must create a kind of moral beacon in public action and public government action. We must be the change that we believe should exist. The state is an abstraction made up of people. And if we want something, we have to materialize it. Otherwise, we are not politicians but managers. We are interpreters of the transformation of reality, and an interpreter must want to transform reality and not just accept it as it is. I have an obligation to my voters to try to transform this reality of ours for the better. And changing for the better is also looking after those in need. When we talk about the PALOPs and say that they are sister countries, we have to choose between rhetoric and practice. And solidarity is not a matter of rhetoric, but of practice.

This pandemic was not in the plan; there was no idea, at the time of the candidacy, that you would undergo such a trial. Did you ever go home thinking you weren't doing all you could?

Every day. Not so much thinking it but questioning myself. The first thing that someone who is in public office does when he picks up a pen is to think about the consequences of that signature. All of our decisions have consequences, consequences for people's lives. For example, Dr Isaltino, he did a tremendous job in Oeiras, and I'm sure he always wonders if he could have done more. That's normal, and that's human nature. And it's something that all of us, everyone, should be thinking about right now: are we doing enough? Nobody is perfect, perfection belongs to the absolute, it belongs to God, but we must all consider if we are doing our best, if we are bleeding enough. And this is the time for society to bleed.

O que aprendeu no 14 de março que não sabia?

Sou crente na organização social, na civilização e na nossa forma de vida, acredito nas regras que nos possibilitam viver em conjunto. E lendo os livros do passado, percebemos que o conjunto de regras que existiam eram muito frágeis. Era um verniz civilizacional que nos cobria e que em situações limite o verniz se quebrava. Li, mas nunca tinha visto acontecer. E vi a acontecer quando estávamos à procura de equipamentos de proteção e verifiquei que estavam todos a tentar comprar equipamento e nesse mercado valia tudo. Não havia ética, valores, era o 'salve-se quem puder'. Ao nível dos ventiladores, vimos acontecer o impensável: Países da União Europeia a desviar ventiladores de países parceiros: A Alemanha que desviou de França, a Turquia que desviou de Espanha, a República Checa que desviou de Itália... os Estados tornaram-se piratas. E isso chocou-me. É uma visão do apocalipse. E depois, a imagem de um autocarro com idosos em Espanha, que foi de uma terra para outra porque não podiam estar na terra deles, e que foi apedrejado. Isto deixou-me descrente. Perdi uma certa incôgnita, resumindo o que aprendi... •

When you say that the boost went from three million Euros to six million, it means that you were able to do so.

Yes, we were. And why? If we want to go further, it means that we create revenue to distribute. Justice is always retributive justice. And that is what we do when we create the Social Emergency Fund or Social Housing, when we invest in schools and public facilities; what we are doing is create conditions for the redistribution of wealth and, more importantly, create conditions for the stabilization of society, because nobody lives well in a castle built in the mud. Or else I live in a closed condominium system, and that does not make a city, that does not make a country. The community is made up of the whole. Oeiras has, thanks to Dr Isaltino's strategy, a unique financial strength. The turnover of non-financial companies in Oeiras is greater than all the weight of Tourism in the Portuguese GDP.

Back to the pandemic. Did it knock down some prejudices? Has it accelerated any trends? Telework, for example?

What we have is not teleworking. A mother who is home with her children is not teleworking; she is in a Slavocracy system at home. It doesn't work in the long run. Also, teleworking cannot be about having people at home seven days a week and never coming to the workplace. But we must incorporate what we learn into life, and that is called Innovating. To innovate is to integrate into reality the best technology to the best of our knowledge at each moment. It has to be something that we should adapt, learn and understand so that, in the future, we know how to react and act. The State is more conservative and bureaucratic than some more dynamic sectors, but the State also needs it, it needs greater stability. And we have to know how to adapt our needs to the role we play. The introduction of telework is a reality in the organizational context.

What did you learn on March 14 that you didn't know before?

I am a believer in social organisation, civilisation and our way of life, I believe in the rules that enable us to live together. And, reading the books from the past, we realise that the set of rules that existed were very fragile. It was a civilisational varnish that coated us, and that would crack under extreme situations. I read about it, but I had never seen it happen. I saw it happen when we were looking for protective equipment and realised that everyone was trying to buy that same equipment, and it was a market where everything goes. There was no ethics, no values, it was 'each man for himself'. With the ventilators, we saw the unthinkable happen. European Union countries diverting ventilators from partner countries: Germany that diverted from France, Turkey that diverted from Spain, the Czech Republic that diverted from Italy... States became pirates. That shocked me. It's a vision of the apocalypse. And then, the image of a bus of elderly people, travelling from one land to another because they could not remain on their own, that was stoned. This left me in disbelief. To summarize what I learned, I lost a certain innocence... •

“NO DIA 14 DE MARÇO O QUE FIZEMOS FOI REAGIR

“WHAT WE DID ON MARCH 14TH WAS REACT. WE REACTED, AND WE KEPT ON REACTING UNTIL TODAY. THERE WAS NOT A SINGLE MOMENT WHEN WE LET OUR GUARD DOWN. WE HAD TO LOOK AT WHAT NEEDED TO BE DONE IN A CONTEXT AS UNPREDICTABLE AS THE ONE WE ARE EXPERIENCING”

REAGIMOS E DEPOIS FOI UM CONTINUAR A REAGIR ATÉ AOS DIAS DE HOJE. NÃO HÁ NEM HOUVE UM MOMENTO EM QUE BAIXÁSSEMOS A GUARDA. TÍNHAMOS DE OLHAR PARA O QUE DEVERIA SER FEITO NUM CONTEXTO TÃO IMPREVISÍVEL QUANTO O QUE VIVEMOS”

JOANA BAPTISTA

Vereadora da Câmara Municipal de Oeiras. Pelouros Obras Municipais; Ambiente e Qualidade de Vida (com exceção das matérias respeitantes à Unidade de Bem-Estar Animal e ao Médico Veterinário, Feiras e Cemitérios); Contraordenações e Polícia Municipal; Proteção Civil Municipal; Contratação Pública (no âmbito dos procedimentos de contratação pública que corram pela Unidade de Planeamento e Apoio à Gestão e pela Unidade de Planeamento e Gestão de Obras).

Councillor in the Municipality of Oeiras. Areas: Municipal Works; Environment and Quality of Life (except matters relating to the Animal Welfare Unit, Veterinary, Fairs and Cemeteries); Administrative Offences and Municipal Police; Municipal Civil Protection; Public Procurement (within the scope of public procurement procedures that run through the Management Support and Planning Unit and the Works Planning and Management Unit).



Como foi gerir o Ambiente em tempo de covid?

Há serviços e áreas que não podem parar. O Ambiente é uma dessas áreas. As pessoas foram, na sua maioria para casa, mas continuavam a produzir lixo. E esse lixo tinha de ser recolhido. Os jardins deviam de ser regados, cuidados. Acontece um covid e olha-se para o panorama e pensa-se: o que deve continuar e o que pode abrandar ou parar? É assim que tem de ser. Tivemos um reforço do nosso orçamento em 10 milhões. E não podemos pensar financeiramente quando o que está em casa são as pessoas. Tudo o que fazemos, fazemos a pensar nos nossos municípios.

Estivemos na linha da frente com todos os trabalhadores essenciais: a recolha, a limpeza urbana, os trabalhadores do SIMAS, com os polícias, com os bombeiros, e porque estávamos a trabalhar e estávamos no terreno conseguimos perceber das fragilidades de quem tinha de atuar.

What was it like, to manage the Environment in times of Covid?

Some services and areas cannot stop. The Environment is one of those areas. Most people went home, but they continued to produce rubbish. And that waste had to be collected. Gardens needed to be watered, maintained. Something like Covid happens, and we look at the panorama and think: what needs to carry on and what can slow down or stop? That's the way it has to be. We had a budget increase of 6 million Euros. And we can't think in financial terms when the people are the issue. Everything we do, we do with our citizens in mind.

We were in the front line with all the essential workers: rubbish collection, urban cleaning, SIMAS workers, the police, the firefighters; and because we were working and were on the ground, we were able to understand the frailties of those who had to act.

The importance of caring for those who left home to work

For some workers to leave the house while they have colleagues who stay at home protected, we have to give them comfort, safety and confidence. We don't send an employee out in the middle of a pandemic without making sure he is as safe as he can be.

We had workers who got infected and others who were quarantined and what we did was to provide maximum comfort, taking groceries home, caring and being attentive to what they needed. Whatever was necessary, we provided.

What was it like for the construction area?

This was an area that allowed the majority of employees to switch to telework, except for works inspectors that, of course, had to be in the field. When works failed to meet contract delivery dates, we didn't apply any penalties. The Municipality of Oeiras didn't want to contribute to cash flow difficulties. There are times when what has to prevail is mutual help. Contractors also had their difficulties. We all had them. But the world couldn't stop. What was possible to keep moving, we kept.

Being a councillor in a pandemic situation

I like being a councillor and being of service, serving, satisfying needs, being attentive and checking what I can do to help, meeting the employees and understanding what comforts them, what I can do for them. The situation does not change the will to help, it makes it more pressing. To close cycles. I live in that urge. I am a woman of management and planning. I live in the eagerness to close cycles.

My colleagues from the executive and I were present every day, we never missed a meeting, and we never avoided a single meeting. This enabled the municipality to carry on its activity.

A importância de cuidar dos que saíram para trabalhar

Para que alguns trabalhadores saíssem de casa quando têm colegas que ficam em casa protegidos, temos de lhes transmitir conforto, segurança e confiança. Não mandamos para a rua um funcionário no meio de uma pandemia sem nos assegurarmos que vai com a máxima das seguranças.

E houve funcionários que tiveram infetados e outros que ficaram de quarentena e o que fizemos foi dar o máximo de conforto, levando alimentos a casa, cuidando, estando atentos àquilo que eles precisavam. Tudo o que foi preciso proporcionar, nós proporcionamos.

Como foi com as obras?

Esta é uma área que permitiu que a maioria dos funcionários estivessem em teletrabalho com exceção da fiscalização das obras que, naturalmente, tinham de ir ao terreno.

Na derrapagem das obras não aplicamos nenhuma penalidade contratual. A CMO não quis contribuir para a dificuldade de tesouraria de nenhuma empresa. Há momentos em que o que tem de prevalecer é a interajuda unicamente. Também os empreiteiros tiveram as suas dificuldades. Tivemos todos. Mas o mundo não podia parar. O que era possível manter em andamento, mantivemos.

Ser vereadora numa situação pandémica

Eu gosto de ser vereadora e de estar ao serviço, de servir, de satisfazer as necessidades, de estar atenta e verificar o que posso ajudar, ir ter com os trabalhadores e entender o que os conforta, o que posso fazer por eles. A situação não muda o sentimento de ajudar, torna-o mais urgente. Fechar ciclos. Vivo nessa ânsia. Sou uma

mulher de gestão e planeamento. Vivo na ânsia de fechar ciclos aos equipamentos. Eu e os meus colegas do executivo estivemos presentes diariamente, nunca falhámos a nenhuma reunião e nunca fugimos a nenhuma reunião. E isso proporcionou a que o município continuasse a exercer a sua atividade.

Eu tenho dois filhos e um nasceu com uma fragilidade cardíaca que, neste ambiente pandémico, me fez ter receio por ele, mas nunca me passou pela cabeça virar as costas a esta missão. Sabia que tinha de ter todos os cuidados, e tinha-os, mas também sabia que tinha de sair de casa e vir fazer o que entendo ser a minha obrigação. É em momentos difíceis é que devemos estar presentes.

O que sabe hoje que não sabia antes de 14 de março?

O meu medo era perder o meu filho. Quando ele nasceu eu tive muito medo de o perder. Depois de passar por uma situação dessas, todos os restantes medos são mais diminutos. Depois disso, tudo o resto eu reajo sem me afogar no assunto. Tento manter a racionalidade. Não posso dar ao luxo de termos uma histeria coletiva. Preciso de manter a calma para dar conforto a mim e aos que me rodeiam. Por isso, o que sei hoje não aprendi no dia 14 de março mas no dia em que o meu filho nasceu. •

G

T

R

I have two children, and one was born with a cardiac fragility that, in this pandemic environment, made me afraid for him, but it never crossed my mind to turn my back on this mission. I knew that I had to be very careful, and I was, but I also knew that I had to leave the house and come do what I view as my obligation. It is in difficult times that we must be present.

What do you know today that you didn't know before March 14th?

My fear was losing my son. When he was born, I was very afraid of losing him. After going through such a situation, all other fears are smaller. After that, I react to everything else without drowning in the subject. I try to maintain rationality. We cannot afford a collective hysteria. I need to remain calm to comfort myself and those around me. So, what I know today I didn't learn on March 14th, but on the day my son was born. •

“A NOSSA
MISSÃO
É DE
PROXIMIDADE

“OUR MISSION IS ONE OF PROXIMITY,
A PROXIMITY THAT CANNOT
BE INTERRUPTED”

UMA PROXIMIDADE QUE NÃO PODE
SER INTERROMPIDA”

NUNO NETO

Vereador da Câmara Municipal de Oeiras. Pelouros Gestão de Pessoas e Promoção Socioprofissional; Ambiente-Bem-Estar Animal; Património; Promoção e Conservação da Habitação Municipal.

Councillor in the Municipality of Oeiras, responsible for the areas of Human Resources and Social Housing.



PROXIMITY

March 14th 2020, reality changed. And now, what to do?

My first thought was that I had to protect the employees. The virus was coming fast from China, we saw the news, but my first thought that day was that we had to protect the employees and that, despite the uncertainty about the future, we knew that the municipality is the last reserve stronghold. The municipality does not close. It can't close. There is no Christmas, Easter, holidays; there is not a single day in the year without hundreds of workers on the ground. We couldn't close now. And we were not going to close, but we had to protect them. That was my first thought.

What about fear?

We all felt fear. We all had uncertainties, but we knew we had to stay here and keep the boat afloat. It was the only certainty we had. A boat with almost 3,000 scared employees. Employees who wanted to protect themselves and their families. But the truth is that each one gave the best of themselves for the good of all. I remember the news of the first death by covid well. I was scared. Suddenly, a person died. And the way I found to overcome that fear was leaving the house, working, seeing how many people came to me and were available to help... my spirits and courage were strengthened, and I would end the day feeling good.

Reinventing in the face of difficulties

In the area of Human Resources, the watchword was to protect people. End the biometric attendance record. We had to organize ourselves. Figure out who could go home and who could not, how to keep the municipality running and paying wages at the end of the month. For example, so that someone who processes wages could be protected at home, we had others in the building. We couldn't fail with the wages.

We had to do an organizational re-planning in just a few days. Organize 3,000 people. Who can go home. Who could stay here. What functions could be done from home. But there were also those who couldn't stay home: the municipal policeman, the roadman, the gardener... Those who could go home had to be able to keep working. Installing computer programs. Taking home the computer from the office. 700 employees were working from home. We had to change the way we worked overnight.

It was important to fulfil the mission of each organic unit. Each area had to be kept operational because many of these missions affected the well-being of the citizens. Some were paddling

14 de Março 2020 a realidade mudou, e agora, o que fazer?

A primeira coisa que pensei foi que tinha de proteger os funcionários. O vírus vinha a galgar da China, víamos as notícias, mas a primeira ideia que tive nesse dia foi que tínhamos de proteger os funcionários, por um lado e, por outro, que não obstante da incerteza que tínhamos quanto ao futuro, sabíamos que a autarquia é o ultimo bastião de reserva. A autarquia não fecha. Não pode fechar. Não há Natal, Páscoa, feriados, não há nenhum dia no ano que não haja no terreno centenas de funcionários a trabalhar. Também não podíamos fechar agora. E não íamos fechar mas tínhamos de os proteger. E esse foi o meu primeiro pensamento.

Sobre o medo?

Medo todos temos. Incertezas todos tínhamos, mas sabíamos que tínhamos de ficar cá a aguentar o barco. Era a única certeza que tínhamos. Um barco com quase 3000 funcionários com medo. Funcionários que queriam resguardar-se a si e às suas famílias. Mas a verdade é que cada um foi buscar o melhor de si para o bem de todos. Lembro-me bem da notícia da primeira morte por covid. Tive medo. De repente morria uma pessoa. E a for-



from within while others were paddling on the outside but it was due to everyone's effort that the boat kept going.

Breaking the telework tabu

We broke taboos, one of which was the taboo of telework. I had colleagues to whom I sent an email at night and, on a normal day, I would receive the answer the other day but I started receiving replies at 11 pm or at midnight.

What was the reaction?

Human Resources

Our workers' lives had changed. Everything went home: work, school... and then we had to be workers 24 hours a day; we had to be parents 24 hours a day; teachers 24 hours a day... everything was jumbled up: school, work and family inside an apartment. Of course, there had to be consequences to this new

reality. In light of this stress that we knew was occurring, we set up a psychological support office to help our employees better manage the stress they were experiencing.

The Emergency Fund for workers had to be extended.

In the Municipality the essential is not only what we can see, it is everything. Because we all work for everyone. The doctors were essential. The nurses were just as essential as the doctors, the firefighters were essential, but Mrs Celestina, the Human Resources administrative that everyone has known for twenty years, was taking care of everything so that nothing failed. She too was and is essential. And that is very important.

ma que tive de superar esse medo foi saindo de casa, trabalhando, vendo a quantidade de pessoas que chegam ao pé de mim e se mostravam disponíveis para ajudar... o ânimo e a coragem eram reforçados e eu chegava ao fim a sentir-me bem.

Reinventar perante as dificuldades

Na área dos Recursos Humanos, a palavra de ordem era proteger as pessoas. Acabar com o registo de assiduidade biométrico. Tivemos que nos organizar. Perceber quem podia ir para casa, quem não podia, como manter a autarquia a funcionar e pagar salários ao fim do mês. E vejam este exemplo, para que alguém que processa os salários estar em casa protegido, tínhamos outros no edifício. Não podíamos falhar nos vencimentos.

Tivemos de fazer um replaneamento organizacional em poucos dias. Organizar 3000 pessoas. Quem pode ir para casa. Quem podia ficar cá. Que funções podem ser feitas a partir de casa. Mas também havia quem não podia: o polícia municipal, o cantoneiro, o jardineiro... Quem podia ir para casa tinha de ter condições e, a partir de casa continuar a trabalhar. Instalar programas infor-

máticos. Levarem o computador da sua secretaria. Foram 700 pessoas a trabalharem a partir de casa. Tivemos de mudar o modo de funcionar de um dia para o outro.

Foi importante que a missão de cada unidade orgânica se cumprisse. O funcionamento de cada área se mantivesse, porque muitas destas missões depende o bem-estar dos munícipes. **Uns estiveram a remar dentro, outros a remar fora mas foi devido ao esforço de todos que o barco se manteve em andamento.**

Quebrar o tabu do teletrabalho

Quebramos tabus, um deles foi o tabu do teletrabalho. Tive colegas a quem mandei um email à noite e, num dia normal, recebia a resposta no outro dia e passei a receber a resposta às 23 horas, ou à meia noite.

Como se reagiu?

Recursos Humanos

A vida dos nossos trabalhadores tinha mudado. Tudo foi para casa: o trabalho, a escola... e então tínhamos de ser trabalhadores 24h por dia; tínhamos de ser pais 24h por dia; professores 24h por dia... estava tudo misturado: escola, trabalho e família dentro de um apartamento. Claro que tinha de haver consequências perante esta nova realidade. Perante este stress que sabíamos que estava a acontecer, tivemos de montar um gabinete de apoio psicológico para ajudar os nossos funcionários a gerirem melhor o stress em que viviam.

O Fundo de Emergência para os trabalhadores teve de ser alargado.

Na Câmara Municipal o essencial não é só o visível, é tudo. Porque todos trabalhamos para todos. Os médicos foram essenciais. Os enfermeiros foram tão essenciais quanto os médicos, os bombeiros foram essenciais, mas a dona Celestina, a administrativa dos Recursos Humanos que todos conhecem há vinte anos, esteve a tratar de tudo para que nada falhasse. Também ela foi e é essencial. E isto é muito importante.

Na Habitação Social

Na gestão do parque habitacional não se pode fechar a porta e ir para casa. Tivemos de colocar em casa quem tinha de ir para casa mas tivemos de, por outro lado, garantir a continuidade dos serviços.

Na manutenção da Habitação social, todos os dias rebenta um cano, todos os dias há obras para fazer... é uma parte, a da manutenção, que não pode fechar. Tenho um engenheiro que deve dizer o que é para fazer, um administrativo que tem de tornar possível a manutenção e tem de se ter técnicos que vão ao local. Não se pode fechar. E não fechamos.

O que sei hoje que não sabia no dia 13 de Março de 2020?

Sei hoje que coisas que dávamos por adquiridas são castelos de cartas. E sei que cada uma das pessoas, na sociedade, é fundamental. E sei que somos mais fortes e resistentes do que imaginamos. •

Social Housing

When managing the housing stock, you cannot close the door and go home. We had to send home whoever had to go home but, on the other hand, we had to guarantee the continuity of services.

In social housing maintenance, every day a pipe breaks, every day there are works to be done... maintenance is an area that cannot shut down. I have an engineer to say what needs to be done, an administrative person who must make maintenance possible and I have technicians who go to the site. We can't close. And we don't.

What do I know today that I didn't know on March 13th 2020?

I know today that things we took for granted are mere castles of cards. And I know that each person in society is fundamental. And I know that we are stronger and more resilient than we think. •

VIT DAD

“EDUCAÇÃO
“EDUCATION WITH EQUAL
OPPORTUNITY FOR ALL” ONDE
HÁ IGUALDADE
DE OPORTUNIDADE PARA TODOS”

PEDRO PATACHO

Vereador da Câmara de Oeiras. Pelouros Educação; Desporto;
Bibliotecas; Juventude; Agenda para a Ciência e Inovação.

Councillor in the Municipality of Oeiras, responsible
for the area of Education and Sport.



INCLUSIVE

O refazer da escola a partir do dia 14 de março de 2020.

Foi, obviamente, muito difícil. Na altura havia pouca informação. O Ministério da Educação fazia reuniões de urgência e preparava-se para dar orientações às escolas, mas nós não podíamos esperar. Tentamos antecipar as necessidades que aí vinham em função das obrigatoriedades do agrupamento de escolas. Sabíamos que tínhamos de preparar o plano de ensino à distância para dar seguimento ao terceiro período escolar. E foi preparar toda uma nova forma de estar na Escola, de ensinar, em meia dúzia de dias.

INCLUSION

The remake of school from March 14th 2020.

It was obviously very difficult. There was little information at the time. The Ministry of Education held emergency meetings and was preparing guidance for schools, but we couldn't wait. We tried to anticipate the needs that were coming, taking into account the necessities of the school group. We knew that we had to prepare the e-learning plan to continue the third term. And, in a handful of days, we created an entirely new way of being at School and of teaching.

We had to get the necessary minimums.

We quickly sought to do what we believed to be the minimum necessary. And that minimum was:

- 1 – Establishing a multidisciplinary team with teachers from all school groups to define together what adjustments had to be made, what resources were needed and what information was imperative to provide, both to teachers and to families;
- 2 – Quickly identify the technological equipment needs of our commu-

nity. We were aware that not all students had a tablet or computer or, even if they did, they might not have an internet hotspot to follow e-learning. We tried to carry out that survey quickly. We are talking about 20 thousand students and almost 2 thousand teachers. It was a process that had to be executed in a short period of time and, of course, it was not exempt of lapses or errors;

- 3 – Offer one same app to all schools that, on the one hand, standardized the application language in all school groups and in the relationship with families and students and, on the other hand, guaranteed the security of voice and image data of both students and teachers;

Tínhamos de conseguir os mínimos necessários.

Procuramos, com rapidez, fazer aquilo que entendemos ser o mínimo necessário. E esse mínimo era:

- 1 – Constituir uma equipa multidisciplinar com professores de todos os agrupamentos de escolas para juntos pensarem que adaptações precisavam de ser feitas, que recursos eram necessários e que informações era imperioso prestar, quer aos professores, quer às famílias;
- 2 – Procuramos identificar, com rapidez, as necessidades de equipamento tecnológico da nossa comunidade. Nós tínhamos consciência que nem todos os alunos tinham tablete ou computador, ou mesmo que tivessem poderiam não ter um hotspot de internet para acompanhar o ensino à distância. Tentamos fazer esse levantamento com rapidez. Estamos a falar de 20 mil alunos e de quase 2 mil professores. Foi um processo que teve de ser feito num curto espaço de tempo e, naturalmente, não isento de lapsos ou erros;
- 3 – Era útil disponibilizar uma aplicação, a todas as escolas, a mesma que, por um lado, uniformizasse a linguagem aplicacional em todos os agrupamentos de escolas e na relação com as famílias e os alunos e que, por outro lado, garantisse condições de segurança da proteção de dados de voz e de dados de imagem de alunos e professores.

These were our minimums, to be achieved in a very short time. That's what we worked for, and that's what we achieved.

Public school must be for everyone, full of equality, especially when the world challenges us.

In an education centred on the concept that no one is to be left behind and on achieving equal opportunity for all, the greatest concern was that everyone had access to the resources and means to follow e-learning:

- Technological equipment;
- Internet access hotspot;
- Tutorials for teachers and students;
- Toll-free support telephone numbers;

- An application to manage e-learning that was uniform, standardized and accessible to all schools in the municipality;
 - Meals for students in a more fragile family and social context;
 - Support for teachers and assistants;
 - Take the school home and make sure the home had the necessary conditions;
- And all of this was done very, very quickly. We all had to adjust: Municipality, schools, families... it wasn't all

Estes eram os nossos mínimos a serem atingidos num curtíssimo espaço de tempo. E foi para isso que trabalhamos e foi isso que atingimos.

A escola pública tem de ser para todos, repleta de igualdade, acima de tudo quando o mundo nos desafia.

Numa educação centrada na necessidade de que ninguém fique para trás e na conquista de igualdade de oportunidade para todos, a maior preocupação é que todos tivessem acesso aos recursos e meios de acompanharem o ensino à distância.

- Equipamento tecnológico;
- Hotspot de acesso à internet;
- Tutoriais para professores e alunos;
- Números verdes de apoio;
- Uma aplicação para gerir o ensino à distância, uniforme, padronizada, acessível a todas as escolas do concelho;
- Refeições para os alunos que tinham uma realidade familiar e social mais carente;
- Apoiar os professores e auxiliares;
- Levar a escola para casa e permitir que a casa tivesse todas as condições.

E tudo isto foi feito muito, muito rapidamente. Todos tivemos de nos ajustar: Câmara, escolas, famílias... não foi tudo perfeito, não foi, mas estou contente porque todos demos o nosso melhor e quando damos o nosso melhor superamo-nos.

Quando a escola passa para a casa.

Nada, em absoluto, substitui o ambiente escolar, porque o ambiente escolar é, acima de tudo, uma experiência social, uma experiência cultural, um espaço público de encontro da diversidade onde se aprende a ser cidadão, onde aprendemos a conviver com o outro diferente. É na escola que se aprende a ser tolerante com a diversidade e as características do outro. A escola, enquanto projeto político de educação pública da cidadania democrática é, essencialmente, isto e não há nada que a substitua.

Reage-se, mas há projetos que perdem a importância que tinham.

Talvez o que me tenha custado mais foi termos colocado em andamento projetos que, na altura que vivemos, tiveram de abrandar o impacto que teriam junto da nossa comunidade escolar. Falo de projetos em que a matéria-prima são as pessoas, nomeadamente, o Oeiras educa e os Jogos de Oeiras.

Estes são projetos que vivem de pessoas juntas a fazerem coisas e o novo normal são pessoas afastadas.

O que aprendi com esta pandemia.

Consolidei coisas em que já acreditava e que às vezes, no dia-a-dia, na espuma dos dias, quase perdemos a fé. Ou seja, vejo reafirmadas duas coisas em que acredito: a nossa enorme capacidade de adaptação a nova realidades; e que quando nos focamos na nossa vontade e naquilo em que acreditamos, conseguimos. •

J SÃO

perfect, it wasn't, but I am happy because we all did our best and when we do our best we surpass ourselves.

Taking the school home.

Nothing at all replaces the school environment, because the school environment is, above all, a social experience, a cultural experience, a public space for meeting diversity where one learns to be a citizen, where one learns to live with the other.

It is at school that one learns to be tolerant of the diversity and characteristics of the other. The school, as a political project of public education for democratic citizenship, is essentially that and nothing can replace it.

We react, but some projects lose their former significance.

Perhaps what pained me the most was to have projects underway that, at present, lost part of the impact they would have on our school community. I speak of projects in which the raw material is people, namely, Oeiras educa and the Jogos de Oeiras.

These are projects that live on people doing things together, but the new normal is people apart.

What I learned from this pandemic.

I consolidated things that I already believed and that sometimes, in the day-to-day, we almost lose faith in. In other words, I reasserted my belief in two things: our enormous capacity to adjust to new realities; and that when we focus on our willpower and what we believe in, we succeed. •

"FORAM DIAS DIFÍCEIS

"THOSE WERE DIFFICULT DAYS WHEN WE WERE REACTING AND MAKING SOCIAL POLICY BY THE MINUTE, BUT THOSE WERE ALSO DAYS OF OVERCOMING, OF HUMANITY, OF RESILIENCE, OF HUMANITY"

EM QUE ÍAMOS REAGINDO
E FAZENDO POLÍTICA SOCIAL AO MINUTO,
MAS TAMBÉM FORAM DIAS DE SUPERAÇÃO,
DE HUMANIDADE, DE RESILIÊNCIA,
DE HUMANIDADE"

TERESA BACELAR

Vereadora da Câmara de Oeiras

com os pelouros: Desenvolvimento Social; Juventude; Responsabilidade Social-Programa "Oeiras Solidária"; Gestão de Habitação Municipal.

Councillor responsible for the areas of Social Development, Youth, Social Responsibility "Oeiras Solidária" Program and Municipal Housing Management.





RESILIENCE

What was it like, for the area of Social Action, to live this pandemic situation?

I became aware of what was going to happen on the 12th, Thursday. I had had a meeting with representatives of the municipality's institutions who told me that they were very concerned about their employees and that they feared a collapse. After that meeting, I went to speak with President Isaltino Moraes, and our immediate concern was for the senior citizens who were already bedridden at home. Institutions are stronger and more likely to hold out, but the elderly who were at home would be completely isolated if there was no one to go to them. So, we had to think about what we could do and how to do it. On March 16th, Monday, we drew up a plan. The Youth team was in charge of psychological support; the Alto da Loba community centre team took on the management of the volunteers; the social action team was responsible for emergency support and the social housing department was going to call all the senior citizens, from all neighbourhoods, to learn if they had the necessary support. By that afternoon, on the 16th, the plan was already being implemented. And then we went on to doing social policy by the minute. Every time a situation arose, we created a measure on the spot. For example, we learned that doctors were sleeping in their cars outside the hospitals, so we immediately contacted Hotel Solplay and booked the necessary rooms for health professionals to have a room and the necessary rest. And the situations were happening, and we learned from them. With the first in-

stitution that had a positive case, we learned what to do and how to do it. At that institution, after learning of a colleague who tested positive, most of the employees left for home. They had families. They were afraid. That is normal. What we did was offer an extra € 500 to each person who continued to take care of those who were effectively unable to take care of themselves, such as the bedridden and the elderly with reduced mobility. We are talking about the people who cared for the elderly and who were the most important, those who were on the ground and, as such, had to be valued. Those were difficult days in which we kept reacting, but they were also days of overcoming. With each situation we solved, we knew we were on the right track.

How did you manage to react and meet the needs that were occurring by the minute, the State being the heavy bureaucratic machine it is?

Unique moments demand unique reactions. The case of the volunteers explains well how it is in the immediate reaction that lies the possibility of overcoming. We launched the challenge that we needed volunteers to go shopping, take food and medicines to the elderly who could not or should not leave the house. And each volunteer kind of 'adopted' an elderly per-

Como foi, tendo a área da Ação Social, viver esta situação pandémica?

Tive consciência do que iria acontecer no dia 12, quinta-feira. Tinha tido uma reunião com representantes das instituições do concelho que me disseram que estavam muito preocupados com os funcionários dessas mesmas instituições e que tinham medo que colapsassem. E depois dessa reunião fui falar com o presidente Isaltino Moraes e a nossa preocupação, imediata, foi para com os idosos acamados em casa. As instituições são mais fortes e tinham mais possibilidades de se aguentarem, mas os idosos que estavam em casa se não tivessem quem lá fosse ficariam completamente isolados. E tivemos de pensar no que poderíamos fazer e como o fazer. No dia 16 de março, segunda-feira, estabelecemos um plano. A equipa da Juventude ficou com o apoio psicológico; a equipa do centro comunitário Alto da Loba ficou com a gestão dos voluntários; a equipa da ação social ficou com o apoio de emergência e a gestão da Habitação social ficou de ligar para todos os idosos, de

todos os bairros, e perceber se tinham acompanhamento ou não. E nessa tarde, de dia 16, já tínhamos esse plano em funcionamento. E, depois, foi fazer política social ao minuto. De cada vez que surgia uma situação criávamos uma medida na hora. Por exemplo, tomamos conhecimento que os médicos estavam a dormir nos carros à porta dos hospitais, imediatamente falamos com o Hotel Solplay e reservamos os quartos necessários para que os profissionais de saúde tivessem um quarto e um

son or a family. We used every means to cover these expenses: MBway, bank transfers... we didn't have direct contact with the volunteers and many we never got to meet. It was all done online, and we were responding in 12 minutes from the moment the person called the emergency line until they had an answer.

12 minutes?

Yes, 12 minutes. The FES - Fundo de Emergência Social (Social Emergency Fund) was greatly reinforced and, in parallel, we created a Working Fund in Alto da Loba to provide solutions on the spot to volunteers who had to go to the pharmacy or supermarket. We couldn't have an elderly

person who in need of something call us and wait for us to open a procedure, analyse, look at the Tax Return form, study it... while the senior citizen ran out of food or medication. It was impossible. It wasn't the time to question, but simply to help. And, to be quick, we had to create bridges with institutions; for example, we partnered with Auchan that made the baskets according to the needs of the families for the volunteers to deliver. In order to be quick and effective we had to create a support network.

At the end of each day, what was on your mind?

My colleagues from the executive and I didn't stop. We were every day in the Municipality, in the institutions, going where needed. When I left here, it was late and I was tired. I would get home and rest so that

consequente descanso. E as situações foram acontecendo e com elas fomos aprendendo. A primeira instituição que teve um caso positivo, aprendemos o que fazer e como fazer. E nessa instituição os funcionários, em grande escala, após saberem de uma colega que testou positivo, debandaram para casa. Tinham família. Tiveram medo. O que é normal. E o que fizemos foi dar um valor de 500 € extra a cada pessoa que continuasse a cuidar dos que efetivamente não conseguiam cuidar de si próprios como os acamados e os idosos com mobilidade reduzida. Estamos a falar das pessoas que cuidavam dos idosos e que eram as mais importantes, eram as que estavam no terreno e, como tal, tinham de ser valorizadas. Foram dias difíceis em que íamos reagindo, mas também foram dias de superação. Cada situação que resolvíamos sabíamos que estávamos no caminho certo.

NCIA

the next day I could be here early for whatever was needed. I am a person of reaction, of going ahead. I remember well seeing what was happening in our neighbour Spain, the senior homes full of infected people, abandoned elderly people and I knew that we couldn't allow that to happen here. That was the certainty that I had. Every day the president would ask me: Teresa, are we doing everything? And we had to do everything, everything. The president was here every day, the executive as well, and every day we knew that we had to anticipate situations. And I have to say that it is a privilege to have the people we have running the senior homes of this municipality. Every senior home had a contingency plan, every single one. They did not hesitate to protect their elderly. How could I falter? My phone wouldn't stop. It was day and night, weekdays and weekends. And I answered every call, everyone. And I always knew, every moment, that we were doing our best. And we were in the best of companies. Our partners were exceptional. We had senior homes where employees lived there for two months. They left their families, they

Como conseguiram reagir e fazer face às necessidades que ocorriam ao minuto sendo o Estado a máquina burocrática pesada que é?

Momentos únicos exigem reações únicas. O caso dos voluntários explica bem como é na reação imediata que está a possibilidade de superação. Lançamos o desafio de que precisávamos de voluntários para irem às compras, levarem comida e medicamentos aos idosos que não podiam ou não deviam sair de casa. E cada voluntário como que 'adotou' um idoso ou uma família. E nós usamos de tudo para fazer face a essas despesas: MBway, transferências... não tínhamos contacto direto com os voluntários e houve muitos que nunca chegamos a conhecer. Era tudo feito on line e estávamos a responder em 12 minutos a partir do momento em que a pessoa ligava para a linha de emergência até que tivesse uma resposta.

12 minutos?

Sim, 12 minutos. O FES - Fundo de Emergência Social, foi altamente reforçado e, paralelamente, criamos um Fundo de Maneio no Alto da Loba para darmos respostas na hora aos voluntários que tinham de ir à farmácia ou ao supermercado. Não era possível ligar um idoso a dizer que precisava fosse do que fosse e nós abrimos um procedimento, avaliamos, pedimos o IRS, estudamos e com isto o idoso ficava sem comida ou medicamentos. Era impossível. Não era tempo de questionar, mas tão só de ajudar. E para sermos rápidos tivemos de criar pontes com instituições, por exemplo, também fizemos uma parceria com a Auchan que fazia os cabazes de acordo com as necessidades das famílias e depois os voluntários iam entregá-los. Para sermos rápidos e eficazes tivemos de criar uma rede de suporte e apoio.

dropped everything so that there was no contamination from outside and just stayed there. Isn't that wonderful? How can I complain when I see these people who have given up their lives to give themselves to others?

What do you know today that you didn't know on March 13th 2020?

What I know today is that we don't actually control anything. In politics, we think that we control, that we can foresee, anticipate, predict and that we

Quando chegava a casa ao fim de cada dia o que pensava?

Eu e os meus colegas do executivo não parávamos. Estivemos todos os dias na Câmara, nas instituições, a ir onde era preciso. Quando saía daqui era tarde e estava cansada. Chegava a casa e era descansar para no dia seguinte estar cá cedo para o que fosse preciso. Eu sou de reagir. Eu sou de ir em frente. Lembro-me bem de ver o que acontecia na nossa vizinha Espanha, dos lares cheios de infetados, de idosos abandonados e sabia que aqui não podíamos permitir que tal acontecesse. Essa era a certeza que eu tinha. Diariamente o presidente perguntava-me: Teresa, estamos a fazer tudo? E tínhamos de fazer tudo, tudo. O presidente estava aqui todos os dias, o executivo também e diariamente sabíamos que tínhamos de antever situações. E tenho de dizer que é um privilégio ter à frente dos lares deste concelho as pessoas que lá estão. Todos os lares tinham um plano de contingência, todos. Não vacilaram no momento de protegerem os seus idosos. Como é que eu podia vacilar? O meu telefone não parava. Era dia e noite, dias da semanas e fins de semana. E atendia tudo e todos. E soube, sempre, a cada momento, que estávamos a dar o nosso melhor. E estávamos muito bem acompanhados. Os nossos parceiros foram excecionais. Tivemos lares em que os funcionários ficaram lá a viver durante dois meses. Largaram as famílias, largaram tudo para que não houvesse contaminação de fora e ficaram lá. Não é maravilhoso? De que me posso queixar perante estas pessoas que abdicaram das suas vidas para se darem ao outro?

O que sabe hoje que não sabia no dia 13 de março de 2020?

Aquilo que sei hoje é que, efetivamente, não controlamos nada. Em política achamos que controlamos, que conseguimos antever, antecipar, prever e que controlamos e na realidade não controlamos nada. Quanto mais entendemos que na vida tudo pode mudar de um dia para o outro, mais capazes estamos de reagir a essa mudança. •

control when in reality we don't control anything. The more we understand that in life everything can change overnight, the more we are able to react to that change. •

“O QUE FIZEMOS FOI SER SOLIDÁRIOS PARA COM ESTE PRESIDENTE E ESTE EXECUTIVO”

“WE SHOWED SOLIDARITY WITH THIS PRESIDENT AND THIS ADMINISTRATION”

ARMANDO SOARES

Vereador da Câmara de Oeiras com os pelouros de Feiras e Mercados; Cemitério; Empreendedorismo e Fundos Comunitários.

Councillor in the Municipality of Oeiras, responsible for the areas of Fairs and Markets, Cemetery, Entrepreneurship and Community Funds.

SO Quando percebeu que estávamos pres-
LI tes a viver tempos desafiantes?

DA Foi durante a pandemia que houve
RIE uma mudança política. O vereador
DA eleito pelo Partido Social Democrata,
DE Ângelo Pereira, por motivos profissionais
saiu e eu vim ocupar o lugar. E, como tal,
vivi a pandemia de forma dupla, ainda en-
quanto Presidente dos Bombeiros Voluntá-
rios de Algés e Dafundo numa primeira
fase e, depois, como vereador. E os
desafios são similares: por um lado
há a preocupação de socorrer o má-
ximo de pessoas não colocando em
causa os bombeiros e, por outro,
há que olhar por uma população
dando ferramentas para que o
impacto pandémico seja menor.
E mesmo como vereador, não me
consegui dissociar de ser presiden-
te de uma associação humanitária de
bombeiros. E os bombeiros estão, como
costumo dizer, na linha da frente. An-
tes de o doente chegar ao enfermeiro
ou ao médico, passa ainda pela ambu-
lância e pelos bombeiros.

E medo, sentiu?

Em algum momento todos senti-
mos medo. Certamente que, em
algum momento, percebemos
que não somos eternos. E vale
a pena fazermos uma reflexão:
o que podemos fazer com aquilo
que temos e com aquilo que sabe-
mos? O que podemos fazer enquanto
sociedade? Será que somos as melhores
pessoas que poderíamos ser? Será que
somos a melhor versão de nos próprios?
Será que somos suficientemente solidá-

rios? será que estamos disponíveis para
abdicar de algum conforto em prol do
bem comum?

E enquanto vereador pelo PSD?

Na Câmara Municipal de Oeiras o Par-
tido Social de Democrata tem sido um
partido com enorme responsabilidade.
E, tal como o Partido Social Democra-
ta em termos governativos foi solidário
com um governo que não era o seu;
também o PSD, na Câmara Municipal
de Oeiras, foi solidário com a estratégia
que o executivo pretendeu tomar. Des-
de o início nos colocamos ao lado do se-
nhor presidente de Câmara e restante
executivo..

O que sabe hoje que não sabia no dia 14 de Março?

Não sei nada de novo. Apenas reforcei o
que já sabia: que o nosso corpo físico um
dia termina, que não é eterno; Reforcei
que somos os afetos e não as coisas que
temos; Reforcei que não há nada mais
importante do que tocarmos vários cora-
ções e de forma muito positiva. •

When did you realize that we were about to experience chal- lenging times?

It was during the pandemic that po-
litical change took place. The coun-
cillor elected by the Social Democrat-
ic Party (PSD), Ângelo Pereira, left
for professional reasons and I came
to take his place. And, as such, I ex-
perienced the pandemic in two ways:
first, as President of the Voluntary
Firefighters of Algés and Dafundo,

and later, as a councillor. And the
challenges are similar: on the one
hand, there is a concern to help as
many people as possible without
jeopardizing firefighters and, on the
other hand, it is vital to look out for
the population by providing tools to
mitigate the impact of the pandem-
ic. And even as a councillor, I cannot
dissociate myself from being presi-
dent of a humanitarian firefighters
association. And firefighters are, as I
often say, on the front lines. Before
the patient gets to the nurse or doc-
tor, they also go through the ambu-
lance and the firefighters.

And were you afraid?

At some point we are all afraid. Cer-
tainly, at some point, we realize that
we are not eternal. And it is worth
reflecting: what can we do with what
we have and what we know? What
can we do as a society? Are we the
best people we could be? Are we the
best version of ourselves? Are we
supportive enough? Are we available
to give up some comfort for the com-
mon good?

And as a PSD councillor?

At Oeiras City Council, the PSD has
been a party with enormous respon-
sibility. And just as the PSD was sup-
portive, in governmental terms, of a
government that was not its own, the
PSD at Oeiras City Council was also
supportive of the strategy that the
administration intended to follow.
Since the beginning, we have stood
by the Mayor and the rest of the ad-
ministration.

What do you know today that you didn't know on March 14th?

I didn't learn anything new. I only
reinforced what I already knew: that
our physical body one day ends, that
it is not eternal; that we are senti-
ments and not the things we possess;
that there is nothing more important
than touching many hearts and in a
very positive way. •

SOLIDARITY



“EM ALTURAS DE FRAGILIDADE SOCIAL O OLHAR PARA A COMUNIDADE MAIS FRÁGIL TEM DE SER AINDA MAIS ATENTO”

“IN TIMES OF SOCIAL FRAILTY WE HAVE TO LOOK MORE CAREFULLY TO THE FRAGILE COMMUNITY”

SEGURANÇA

SAFETY

MARLENE RODRIGUES

Vereadora da Câmara de Oeiras, com o pelouro de Contratos Locais de Segurança.

IOMAF Councilor
Local Security Contracts.

Qual foi a sua primordial preocupação quando da pandemia?

A palavra que me surge é segurança. O que fizemos foi ir aos bairros onde temos os Contratos Locais de Segurança explicar o que era a pandemia, como deviam agir, como poderiam minimizar os contactos de maneira a se protegerem. Dar máscaras. Percebemos os problemas que esta Pandemia trazia. No fundo, nunca interrompemos a ida aos bairros, ouvir as pessoas, tentar acompanhá-las, orientá-las, ajudá-las... Os técnicos forem inexcedíveis. Nunca deixaram de estar atentos às necessidades da população dos bairros bem como tentar antecipar, na medida do que é possível, as necessidades da comunidade. No fundo, por um lado dávamos informação e, por outro, íamos reagindo ajudando na medida em que a pandemia se ia alastrando.

E pessoalmente?

Pessoalmente, pensei muito na morte e no morrer. Nos países anglo-saxónicos enterrar os nossos mortos faz parte de um ritual de vê-los, destapá-los para acreditarmos que eles foram, e pensei num conjunto de pessoas que não o puderam fazer, como eu não pude. E pensei também como uma pandemia, que é muito democrática, evidenciou, ainda assim, os riscos e as doenças nas pessoas mais vulneráveis. E essa sempre foi a minha preocupação com a população dos Bairros.

O que aprendeu que não sabia no dia 14 de março.

Há muito tempo que trabalho as sociedades de risco e sei que as nossas sociedades estão, cada vez mais, desestabilizadoras. Ou seja, aquilo que pensamos que pode ser normal para o dia de amanhã pode, de um dia para o outro, voltar-se tudo de pernas para o ar. Aprendi cedo isso mas... uma pessoa nunca esta à espera. Nunca. A vida é muito volátil. •

What was your primary concern during the pandemic?

The word that comes to mind is safety. Our approach was to visit the neighborhoods where we have Local Security Contracts to explain to the residents what the pandemic was, how they should act, and how they could minimize contact in order to protect themselves. We distributed masks. We understood the issues that this pandemic brought. Essentially, we never stopped going to the neighborhoods, listening to people, trying to accompany them, guide them, help them... The team has been exemplary. They never failed to be aware of the needs of the neighborhoods' residents and to try to anticipate the needs of the community, in as much as possible. Basically, on the one hand, we were providing information and, on the other, we adjusted our support as the pandemic continued.

And personally?

Personally, I thought a lot about death and dying. In Anglo-Saxon countries, burying our dead also involves a ritual of seeing the deceased, confirming they have parted, and I thought of all the people who weren't able to do that, just as I wasn't. And I also thought how a pandemic, which is very democratic, exposed the risks and illnesses of the most vulnerable people. And that has always been my concern with the residents of our neighborhoods.

What did you learn that you didn't know on March 14th?

I have been working with risk societies for a long time and I know that our societies are increasingly destabilizing. In other words, what we think may be normal for tomorrow may, from one day to the next, turn completely upside down. I learned that early but... a person never expects it. Never. Life is very volatile. •



Por › **By** Eduardo Vera-Cruz Pinto

JÁ AGORA ... MUDAR

By the way... change

Tudo tem de mudar. Não é muito. É tudo.
É preciso rasgar a venda da ignorância. É preciso ver,
não basta olhar. Educar para a batalha. Não deixar
os sonhos em cantos da vida.

*Everything has to change. It's not much. It's everything. We must
tear the blindfold of ignorance from our eyes. We must see, not just
look. Educate for battle. Not leave dreams in corners of life.*

O Covid-19 está em nós. Ele ficará muito mais tempo conosco depois do perigo sanitário ter passado. Ficará para nos lembrar - enquanto a sua memória não for substituída por outra tragédia que comova as multidões da TV - como somos incapazes de, consciente e voluntariamente, mudar. Podemos ficar iguais ao que eramos antes? Podemos e é bem feito. Só que isso, já nem sequer é uma opção. Teremos de mudar mesmo. Não apenas porque “o mundo é composto de mudança”. Mas porque não mudar, não é ficar parado, é ficar para trás. Mais atrás do que já estávamos antes do vírus se instalar na nossa comodidade/comunidade. Vivíamos mal, pensando estar a viver bem. Estávamos presos a coisas que tínhamos, julgando-nos livres. Éramos coletivamente

te frágeis, em sociedades avaliadas como fortes. Dizíamos-nos mais preparados que outros e não estávamos. As nossas instituições eram uma garantia e esboroaram. Tudo isto passou à nossa frente, mas a nossa capacidade de negar o óbvio sobrepôs-se e tudo o que queremos é “voltar à normalidade”. Um “normal” que nos dava a aparência de uma segurança que nunca existiu. Pensando, faríamos a mudança. Mas, pensar não é para nós. Resistir à mudança é a marca do medo no astro mudo. Podíamos acordar do susto pandémico revendo as causas, os comportamentos, as decisões que nos trouxeram até ao isolamento social – negação suprema da Humanidade, da Política, da Família, da condição humana e da dignidade que a caracteriza. Podíamos fazer da espera, esfera e ousar o Universo. Ficámos - porque qui-

Covid-19 is in us. It will be with us long after the health hazard has passed. It will stay to remind us - until its memory is replaced by another tragedy that moves the TV crowds – just how unable we are, consciously and voluntarily, to change. Can we stay the same as we were before? We can, and it suits us right. But that is not even an option any longer. We will really have to change. Not just because “the world is made up of change”, but because not changing is not staying still, it's staying behind. More behind than we were before the virus installed itself in our comfort/community. We lived poorly, thinking we were living well. We were stuck to things we had, thinking ourselves free. We were collectively fragile, in societies rated strong. We said we were more

semos – à beira mar plantados. Fizemos da fronteira o nosso horizonte e recusamos o risco de ser. Portugal não é o Porto do Gral mas o Mostrengo que está no fim do Mar. Um povo que negou o Mar, na ânsia de navegar. Vivemos conformados, sem sonho, nem glória. Sobrevivemos orgulhosos ao nada de vidas que se sucedem sem sombra, sem rasto. A vidinha resignada. Que já cá estava. No peito sem vontade. E agora volta sem susto, sem credo, sem remorso.

Mas mudar é o único caminho que leva a Portugal. Mudar é a semente sem tempo certo para medrar. Mudar é a intenção que constrói a certeza. Mudar é a serenidade de se desabituar. Mudar o mudo, falando. Mudar-se a si, arriscando. Mudar o Mundo, mudando-nos. Mudar a História, melhorando-a. Mudar os outros, sonhando. Mudar promessas, dizendo sim. Mudar a margem da travessia. Mudar é portugalizar. E depois, nós.

Abrimos a TV. Ainda há DGS e picos, curvas achatadas, estatísticas, reportagens, comentadores esforçados, estrelas candentes que se agarram aos minutos de fama que ainda restam do vírus que se arrasta. Mas nada disso já rende. Normalizou-se. Queremos mais de outras mesmas coisas. Precisamos do sofá da nossa vida sentada. Da identidade sedentária do “fico”. “Vai mudar”, mas é lá longe. Aqui tudo passa, porque tudo fica. Mas nós, como Napoleão, só vencemos se mudarmos durante a batalha.

prepared than others, but we weren't. Our institutions were an assurance but crumbled. All of this happened before our eyes, but our ability to deny the obvious has asserted itself, and all we want to do is “get back to normal”. A “normal” that gave us an appearance of safety that never existed. If we thought about it, we would make the change. But thinking is not for us. Resisting change is the hallmark of fear in the silent planet. We could wake up from the pandemic fright and review the causes, the behaviours, the decisions that brought us to social isolation - supreme denial of Humanity, Politics, Family, of the human condition and of the dignity that characterizes it.

We could make the wait a sphere and dare the Universe. We stayed - because we wanted to – standing by the sea. We made the border our horizon, and we refuse the risk of being. Portugal is not the Port of the Grail, but the Monster that lies at the end of the Sea. A people that denied the Sea, in the eagerness to sail. We live appeased, without dreams or glory. We proudly survive the empty lives that follow without shadow, without a trace. The resigned little life. Which was already here. In the unwilling chest. And now it returns without fear, without creed, without remorse.

But change is the only path that leads to Portugal. Change is the seed that thrives in any season. Change is

Regressamos aos programas indecentes da bola. O Futebol é só negócio e aldrabice, com figurantes que se pensam atores. O Desporto e as suas virtudes não dão telespectadores, nem votos, nem euros. O Desporto é para os amadores e as vitórias no futebol, para os profissionais que não jogam à bola. O linguajar da claque passa para a TV. A violência e as grosserias justificadas com a emoção. Horas e horas de comunicação, com boçalidades e não-assuntos. Os ex-árbitros, comunicadores vibrantes, ensinam como se faz para manter o de sempre (como faziam). Podíamos mudar, tentar a honestidade e o desportivismo. Mudar de caras e de atitudes. Mas... é muito dinheiro. Quem de direito e do desporto, afasta-se. Nada mudou.

A nossa prisão domiciliária passou de aceite a imposta, a vigiada, a tolerada. Políticos e locutores, pessoas de bem, avisam: “vigiem-se, sejam, higiénicos, responsáveis e cumpridores”. Candidatos a Mandela tentaram a frase para a História. Faltava-lhes tudo. Não deu em nada (não basta o cargo). Voltou o “respeitinho” montado no fascismo sanitário. Os proibicionistas, com causas e palavras lindas, exultam. O preconceito, disfarçado de preocupação, castigou os velhos. Melhor para os presos. O político politiqueiro sobrevive como estadista. Os “nossos” estão protegidos. O emprego é da família. O negócio mantém-se. O momento é deles. “Tomem lá migalhas e cara alegre”. Ninguém lhes roubará a cena. Que fazer? Nada mudou.

the will that builds certainty. Change is the serenity of losing a habit. Change the mute by talking. Change yourself by taking a chance. Change the World by changing ourselves. Change history by improving it. Change others by dreaming. Change promises by saying yes. Change the margin of the crossing. To change is to be Portuguese. And then, us. We turn on the TV. There is still DGS and peaks, flattened curves, statistics, reports, hardworking commentators, shooting stars that cling to the minutes of fame that remain of the virus that drags on. But none of that is profitable anymore. It has become normal. We want more of other same things. We need the couch of our sitting life. The seden-

tary identity of the “I stay”. “It will change”, but it is sometime in the future. Here everything passes because everything stays. But, like Napoleon, we win only if we change during the battle.

We return to the shameless football shows. Football is just business and scams, with extras who think of themselves as actors. Sport and its virtues do not captivate viewers, or votes, or Euros. Sport is for amateurs and victories in football are for professionals who do not play ball. The supporter language crosses over to TV. Violence and rudeness justified by emotion. Hours and hours of communication with loutishness and non-subjects. The former referees, vibrant communicators, teach how to maintain the status quo (as they did). We could change, try honesty and sportsmanship. Change faces and attitudes. But ... it's a lot of money. Competent entities and people from sport stand aside. Nothing changed.

Our house arrest went from accepted to imposed, surveilled, tolerated. Politicians and newscasters, good people, warn: “be vigilant, be hygienic, responsible and compliant”. Mandela wannabes tried out phrases for History. They lacked everything. It came to nothing (the office is not enough). The “respect” returned, astride sanitary fascism. Prohibitionists, with beautiful causes and words, rejoice. Prejudice, disguised as concern, punished the elderly. Better for prisoners. The small-minded politician survives as a statesman. “Our people” are protected. The job belongs to the family. Business as usual. The moment is theirs. “Take the crumbs and put on a happy face”. Nobody will steal the show from them. What to do? Nothing changed.

The planet suffocates. Money rules. Fossil energy is a deadly business. Cities, dens of zombies, are schools of indifference. Inequality grows, violence takes hold. You can't breathe. Neither air nor justice. The carelessness of those in charge lasts until the next election. The human stop of Covid-19 showed what we do to Earth. Run into the abyss, like animals in a suicidal herd. We could have learned so much. Become sensitive to the suffering of our human home, the Earth. Respect other forms of life. Spare children and grandchildren a cruel fate of uncertain survival. Change our life, habits, goals. We are not capable. Deaf to the call of the World, we sur-

O planeta sufoca. O dinheiro domina. A energia fóssil é um negócio de morte. As cidades, antros de zombies, são escolas de indiferença. A desigualdade cresce, a violência impõe-se. Não se pode respirar. Nem ar, nem Justiça. O descaso de quem manda dura até à próxima eleição. A paragem humana do Covid-19 mostrou o que fazemos à Terra. Correr para o abismo, como animais em manada suicida. Podíamos ter aprendido tanto. Criar sensibilidades para o sofrimento do nosso lar humano, a Terra. Respeitar as outras formas de vida. Pouparmos filhos e netos a um destino cruel de incerteza na sobrevivência. Mudar de vida, de hábitos, de metas. Não somos capazes. Surdos ao apelo do Mundo, entregamo-nos aos nossos carrascos. Nada mudou.

Os putos voltaram à madrugada do Bairro. Cada vez mais novos, cada vez mais bêbados. A porta das escolas anima-se com o mercado da droga. A polícia não é para isso. Os excluídos do subúrbio fazem rap e serão estrelas fugazes. Acabarão com família às costas nos centros comerciais da fronteira da urbe. De fato de treino em corpo farto, como os pais. Não há mobilidade nem urbana, nem social. Nem notoriedade sem talento. Seremos sempre assim. Muito iguais ao que já fomos. É o que merecemos. Nada mudou.

Temos a Inteligência artificial e o algoritmo. Dominamos o espaço e usamos a net. Temos máquinas que são gente. Mas somos burros e obscenos. Usamos a tecnologia para matar e para mandar. Transferimos a inteligência para o robot. Ele agradece. Seremos eternos como pessoas digitais. Mataremos a morte com a nossa ambição. Estamos a deixar de ser quem eramos. Muito poucos serão os que interessam nesse mundo da inteligência de lata. Quase todos seremos dispensáveis e meros sobreviventes a descartar. O mundo de mad max não serviu de aviso. A Netflix chegou já tarde. Faremos como se esperava. Entregamo-nos ao destino. Cumpriu-se a profecia. Nada Mudou.

Mas tem de mudar. Tudo tem de mudar. Não é muito. É tudo. É preciso rasgar a venda da ignorância. É preciso ver, não basta olhar. Educar para a batalha. Não deixar os sonhos em cantos da vida. Erguer o punho, mostrar a raiva. A doçura da força que não se explica. Fazer poemas com olhos secos e voltar à humanidade perdida. Mudar sem ter, mudar para ser. Musicar o verde e salvar o azul. Mudar a mudança, para que ela se faça. Cerrar os dentes, morder as mãos. Até que elas sejam outras: as da mudança. Gritar sem voz silenciando a metralha. Fugir do cheiro dos crematórios da Razão. É preciso matar a besta. Vencer o pranto. Quem me salva? Quem me muda? •

JÁ AGORA... MUDAR SEMPRE, MUDAR TUDO, MUDAR PORQUE, MUDAR QUANDO: AGORA E JÁ.

BY THE WAY... CHANGE ALWAYS, CHANGE EVERYTHING, CHANGE BECAUSE, CHANGE WHEN: NOW, IMMEDIATELY.

surrender to our executioners. Nothing changed.

The kids are back to the dawns of the Bairro. Younger and drunker. By the school gates, the excitement of the drug market. The police are not for that. The excluded from the suburbs rap and will be fleeting stars. They will end up with family on their backs in the shopping centres on the outskirts of the city. In tracksuits, swelled bodies, like their parents. There is no mobility, neither urban nor social. Nor notoriety without talent. We will always be like this. Much

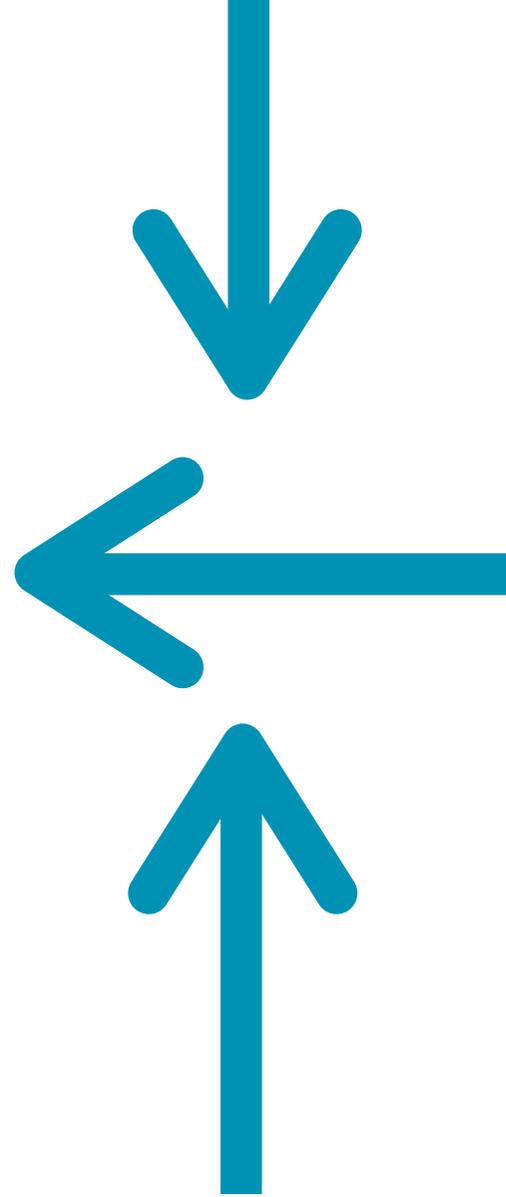
like what we once were. It's what we deserve. Nothing changed.

We have Artificial Intelligence and the algorithm. We dominate space and use the internet. We have machines that are people. But we are stupid and obscene. We use technology to kill and to order. We transfer intelligence to the robot. It thanks us. We will be eternal as digital people. We will kill death with our ambition. We are no longer who we were. Very few will be of interest in this world of tin intelligence. Almost all of us will be expendable and mere survivors to be discarded. The world of Mad Max failed to warn us. Netflix arrived late. We will do as expected.

We surrender to fate. The prophecy was fulfilled. Nothing Changed.

But it has to change. Everything has to change. It's not much. It's everything. We must tear the blindfold of ignorance from our eyes. We must see, not just look. Educate for battle. Not leave dreams in corners of life. Raise the fist, show the anger. The sweetness of the strength that cannot be explained. Make poems with dry eyes and return to the lost humanity. Change without having, change to be. Make music of the green and save the blue. Change the

change, so that it takes place. Clench the teeth, bite the hands. Until they are different: those of change. Scream without a voice to silence the machine gun. Escape the smell of Reason's crematoriums. We have to kill the beast. Beat the tears. Who saves me? Who changes me? By the way... change always, change everything, change because, change when: now, immediately. •





Eu sou do Bairro.

ANA SOFIA

Atriz, Apresentadora e Modelo.

BAIRRO OUTURELA/PORTELA

OEIRAS  **VALLEY**

MUNICÍPIO OEIRAS



Entrevista *Interview*

MÓNICA
BETTENCOURT-DIAS

**“É ESSENCIAL
A CIÊNCIA
CHEGAR AOS
CIDADÃOS”**

“IT’S ESSENTIAL THAT
SCIENCE REACHES
THE CITIZENS”



Nunca precisámos tanto da ciência como neste cenário de pandemia. A reboque deste protagonismo, percebemos que não pode ser um interesse só de alguns. Tornou-se conhecimento essencial para todos, até para o exercício de uma cidadania mais plena. Mónica Bettencourt-Dias, Diretora Científica do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), luta desde sempre pela aproximação da ciência à sociedade. Em Oeiras, encontrou o parceiro ideal para dar asas a essa vontade.

Nunca se falou tanto de ciência como nos últimos tempos. Acha que as pessoas ficaram mais curiosas e com vontade de reforçar a sua literacia científica?

Acho que sim. As pessoas, em geral, perceberam que a ciência e a inovação são, de facto, muito importantes, não só no nosso dia a dia, mas também quando há acontecimentos extraordinários como esta pandemia. De repente, surge um vírus de que nada se sabe e temos que reagir, fazer diagnóstico, tratar, criar vacinas... As pessoas têm estado muito mais recetivas, pois é algo que as afeta diretamente.

E não tem faltado informação...

Os vários institutos de investigação, os médicos e outros especialistas têm realmente feito um grande esforço de comunicação. E os meios de comunicação social também deram voz a pessoas que podem falar sobre ciência, inovação e medicina. Surgiram muitas oportunidades, a diferentes níveis de conhecimento, para explicar aquilo que se está a passar.

We have never needed science as much as in this pandemic scenario. In the wake of this leading role, we realize science cannot be the interest of only a few. It has become essential knowledge for everyone, significant even for the fuller exercise of citizenship. Mónica Bettencourt-Dias, Scientific Director of the Instituto Gulbenkian de Ciência [Gulbenkian Institute of Science] (IGC), has always struggled to bring science closer to society. In Oeiras, she found the ideal partner to give wings to that desire.

There has never been more talk of science than in recent times. Do you think people became more curious and willing to reinforce their scientific literacy?

I think so. People, in general, realized that science and innovation are, in fact, very important, not only in our daily lives but also when there are extraordinary events like this pandemic. Suddenly, a virus appears of which nothing is known and we have to react, make a diagnosis, treat, create vaccines... People have been much more receptive because it is something that affects them directly.

And there has been no lack of information...

The various research institutes, doctors and other specialists have really made a great effort to communicate. And the media have also given a voice to people who can talk about science, innovation and medicine. There have been many opportunities, at different levels of knowledge, to explain what is going on.

Foi uma oportunidade de se assistir a uma espécie de “ciência em direto”?

Sim, acho que as pessoas tiveram a possibilidade de perceber a maneira como a ciência funciona e isso até pode ter sido um bocadinho perturbante para muitas. Os cientistas não têm logo respostas. As respostas vão-se construindo à medida que vamos colocando as perguntas. E, no início, essas respostas têm de ser debatidas e temos de verificar se temos evidência. Normalmente, só se vê o produto final, que já foi muito discutido entre pares. Agora, estão a conhecer os resultados à medida que vão sendo gerados e isso pode ser confuso para elas.

Voltamos à literacia científica: os que já tinham mais conhecimentos não foram surpreendidos por esse método científico.

Por isso defendemos que é cada vez mais importante que a ciência faça parte da educação. Os miúdos devem aprender como é que o mundo que os rodeia funciona, mas de uma forma muito ativa. Devem ser eles próprios a fazer as perguntas e a arranjar estratégias para encontrar respostas. A ciência é uma ferramenta fantástica para lhes passar uma série de valores e qualidades que são muito importantes para a vida.

Was it an opportunity to witness a kind of “live science”?

Yes, I think people got a chance to understand how science works and that may have been a little disturbing for many. Scientists don't have the answers right away. The answers are built up as we ask the questions. And, in the beginning, those answers have to be debated, and we have to check if we have evidence. Usually, you only see the final product, which has already been much discussed among peers. Now, they are getting to know the results as they are being generated and that can be confusing for them.

Back to scientific literacy: those who already had some knowledge of the matter were not surprised by this scientific method. That is why we argue that it is increasingly important that science be part of education. Children should learn how the world around them works in a very active way. They should ask the questions themselves and devise strategies to find answers. Science is a fantastic tool for passing on a series of values and qualities that are very important for life.

Poderia exemplificar?

A abertura à crítica é um bom exemplo. Quando estamos a fazer ciência, sabemos que o conhecimento que produzimos pode estar errado, por isso tem que ser validado e questionado por outros. E isso torna-nos muito mais tolerantes. Conseguimos ouvir pessoas com opiniões diferentes e tentamos perceber a motivação e os factos que estão por trás dos argumentos dos outros. Depois, há qualidades também muito importantes como a perseverança. O ser capaz de lutar por descobrir coisas que são difíceis de alcançar e não desistir é essencial para todos.

“

Os miúdos devem aprender como é que o mundo que os rodeia funciona, mas de uma forma muito ativa.

Children should learn how the world around them works but in a very active way.

”

Could you exemplify?

Openness to criticism is a good example. When we are doing science, we know that the knowledge we produce may be wrong, so it has to be validated and questioned by others. And that makes us a lot more tolerant. We can listen to people with different opinions and try to understand the motivation and facts behind the arguments of others. Then, there are also very important qualities, like perseverance. Being able to strive to discover things that are difficult to achieve and not give up is essential for everyone.

A literacia científica será uma espécie de direito para uma cidadania mais plena?

Sem dúvida. Se as pessoas estiverem abertas à crítica e se quiserem contribuir e fazer perguntas ao mundo que as rodeia, vão também ser mais ativas. Poderão contribuir muito mais para a sociedade, porque serão pessoas que olham para o que se passa e quererão dar a sua opinião, discutir e ouvir os outros e tentar, com base no diálogo, contribuir para um mundo melhor.

Is scientific literacy a kind of right towards fuller citizenship?

Without a doubt. If people are open to criticism and want to contribute and ask questions of the world around them, they will also be more active. They will be able to contribute much more to society, because they will be people who look at what is going on and will want to give their opinion, discuss and listen to others and try, based on dialogue, to contribute to a better world.

The idea that science is a topic of interest to only a few is therefore deeply wrong.

I totally agree: science and technology are everywhere today. For example, in the short term (hopefully), we will all have a very important decision to make: whether or not we want to be vaccinated against Covid-19. But we can talk about several other situations in which our scientific literacy is called upon, such as whether or not we eat certain foods that are genetically modified or what type of vehicle we buy for our trips.

The Municipality of Oeiras has taken on the mission of bringing science and society closer. In this context, what initiatives would you highlight?

In terms of science and innovation, the Municipality of Oeiras focuses on three axes that I consider very important. One that has to do with education, whether formal at the school level, promoting more activities related to science and promoting experimental teaching, or informal, through initiatives such as the *Assembleias Cidadãs* (Citizen Assemblies), in which society is involved in the development of projects of science.

A ideia que a ciência é tema de interesse só de alguns está então profundamente errada.

Concordo plenamente: a ciência e a tecnologia estão hoje em todo o lado. Por exemplo, a curto prazo (espera-se), todos teremos uma decisão importantíssima a tomar: se queremos ser vacinados ou não contra a Covid-19. Mas podemos falar de várias outras situações nas quais é chamada a nossa literacia científica, como se comemos ou não certos alimentos que estão geneticamente modificados ou que tipo de veículo compramos para as nossas deslocações.

A Câmara de Oeiras tem assumido a missão de aproximar a ciência à sociedade. Neste âmbito, que iniciativas destacaria?

Ao nível da ciência e da inovação, a Câmara de Oeiras foca-se em três eixos que considero muito importantes. Um que tem a ver com a educação, seja formal ao nível das escolas, promovendo mais atividades ligadas com a ciência e fomentando o ensino experimental, seja informal, através de iniciativas como as Assembleias Cidades, em que se envolve a sociedade no desenvolvimento de projetos de ciência.

Uma iniciativa inédita...

Sim, é algo muito inovador no panorama nacional e mesmo internacional e muito interessante no caminho de aproximação entre a ciência e os cidadãos.

Quais são os outros eixos que referiu?

Claramente a promoção da inovação e a internacionalização. Temos instituições de investigação ótimas, mas quando há oportunidade para gerar produtos ou fazer a ligação à indústria, é muito importante que haja maneiras de o concretizar e a Câmara de Oeiras tem investido fortemente em promover este eixo. No contexto da Covid-19, por exemplo, criámos o consórcio Serology4Covid entre cinco institutos de investigação da área de Lisboa e Oeiras para desenvolver um teste serológico com implementação a nível nacional. A Câmara de Oeiras avançou logo com o financiamento para o desenvolvimento destes testes e para aproximação à indústria para a sua comercialização.

Depois, no eixo da internacionalização, a Câmara tem uma visão muito forte, no sentido de promover a visibilidade das instituições de Oeiras e atrair o melhor talento do mundo para vir trabalhar para cá.

O IGC tem beneficiado com esta estratégia?

Sim, tem sido muito importante a nossa ligação à Câmara de Oeiras e espero que outras câmaras sigam o exemplo. É muito relevante esta relação próxima entre as instituições e o local onde



An unprecedented initiative...

Yes, it is something very innovative in the national and even international panorama and very interesting in the way of bringing science and citizens closer together.

What are the other axes you mentioned?

Clearly, the promotion of innovation and internationalization. We have excellent research institutions, but when there is the opportunity to generate products or connect to the industry, it is very important that there are ways to make it happen and the Municipality of Oeiras has invested heavily in promoting this axis. In the context of Covid-19, for example, we created the Serology4Covid consortium with five research institutes in the Lisbon and Oeiras area to develop a serological test for domestic implementation. The Municipality of Oeiras readily provided the financing for the development of these tests and to approach the industry with a view to their commercialization.

Then, on the internationalization

axis, the Municipality has a very strong vision, focused on promoting the visibility of Oeiras' institutions and attracting the finest talent in the world to come and work here.

Has the IGC benefited from this strategy?

Yes, our connection to the Municipality of Oeiras has been very important, and I hope that other municipalities will follow suit. This close relationship between the institutions and the place where they are based is very relevant. Reaching the citizens who live around us is essential, and the Municipality has been an excellent partner in this regard.

Bringing science to citizens has always been a personal mission. How did this interest arise?

Everything we scientists do will eventually have an impact on society. We are paid by everyone, so I think we have a huge responsibility to communicate what we do. I attended a very interesting two-year course [in the UK], where I learned to think about how science is communicated, but also how to do it on television, radio, the press... It changed my way of communicating the science I do,

Focados no futuro

São cerca de 400 cientistas, de mais de 40 nacionalidades, que se dedicam à compreensão dos princípios fundamentais da Biologia para explicar como os organismos são formados e interagem com o seu ambiente, levando a novas perspectivas de como tratar as doenças e de como promover um mundo sustentável. O Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), sediado em Oeiras, “tenta responder aos grandes problemas da humanidade”, sintetiza Mónica Bettencourt-Dias. “Somos um instituto muito focado em produzir novo conhecimento e resolvemos hoje os problemas de amanhã”.

Com a pandemia, perceberam que “embora estejamos focados no futuro, quando acontece algo no imediato, conseguimos reagir, fazer diagnóstico e desenvolver tecnologia para ajudar a sociedade. Isso torna-nos muito flexíveis e capazes de resolver problemas muito diferentes. Nesse sentido, somos muito úteis à sociedade”, explica a sua Diretora Científica. E conclui: “Por vezes, as pessoas têm a tendência de pensar na investigação fundamental como algo que está muito distante e não percebem qual é o interesse de financiá-la. Agora, foi óbvio que é muito importante”.

Focused on the future

About 400 scientists, of more than 40 nationalities, dedicated to understanding the fundamental principles of Biology to explain how organisms are formed and interact with their environment, leading to new perspectives on how to treat diseases and how to promote a sustainable world. The Instituto Gulbenkian de Ciência [Gulbenkian Institute of Science] (IGC), based in Oeiras, “tries to solve the great problems of humanity”, summarizes Mónica Bettencourt-Dias. “We are an institute very focused on producing new knowledge, and today we solve tomorrow’s problems”.

With the pandemic, they realized that “although we are focused on the future, when something happens in the immediate, we are able to react, make a diagnosis and develop technology to help society. This makes us very flexible and able to solve very different problems. In that sense, we are very useful to society”, explains IGC’s Scientific Director. And she concludes: “Sometimes, people tend to think of fundamental research as something that is very distant and do not realize the point in funding it. Now, it is obvious that it is very important”.

estão inseridas. Chegar aos cidadãos que vivem à nossa volta é essencial e a Câmara tem sido um parceiro excelente neste objetivo.

Fazer chegar a ciência aos cidadãos foi sempre uma missão pessoal. Como surgiu esse interesse?

Tudo o que nós, cientistas, fazemos terá eventualmente um impacto na sociedade. Somos pagos por todos, por isso acho que temos uma responsabilidade enorme de comunicar aquilo que fazemos. Frequentei um curso muito interessante de dois anos [no Reino Unido], em que aprendi a pensar na comunicação de ciência, mas também a fazê-la em televisão, rádio, imprensa... Mudou a minha maneira de comunicar a ciência que faço, até para os meus pares. Dentro do IGC é algo que promovo. Temos um gabinete de comunicação e de ligação à sociedade e organizamos muitas atividades: dias abertos em que as pessoas podem vir visitar o instituto e perceber como se faz ciência, presença de cientistas em festivais de música, comemoração de dias temáticos... Aproveitamos diferentes ocasiões para celebrar a ciência e levá-la às pessoas e os nossos cientistas participam nelas com muito gosto.

Nessas atividades, sente que as pessoas que vivem em Oeiras têm noção do ecossistema de ciência e tecnologia que existe no município?

Ainda não. Depois da Assembleia Cidadã, ficou clara a noção que se tem que fazer um investimento em comunicação, para que as instituições estejam muito mais presentes e para que os cidadãos de Oeiras tenham noção de tudo o que se cria tão perto e que sintam que também podem fazer ciência connosco.

Quais as condições que Oeiras reúne para ser este território de referência?

É fácil as instituições e as pessoas sentirem-se atraídas por trabalhar em Oeiras, pois oferece um conjunto de condições muito especiais. Temos um ecossistema muito vibrante de ciência e tecnologia, onde há não só um investimento nas instituições, como também nas infraestruturas. As condições de trabalho são excelentes e, depois, a qualidade de vida fora do trabalho também é muito boa. Temos todo o potencial para atrair o melhor talento do mundo e, com os melhores, conseguimos ir ainda mais longe!

Esta proximidade física entre instituições é uma mais-valia?

Acho que os ecossistemas são críticos e o facto das instituições estarem perto umas das outras ajuda e faz com que os investigadores mais facilmente se encontrem, assim como com os empresários e outros protagonistas. Aquilo que fazemos via interfaces digitais é mais direcionado para resolver certos objetivos que definimos. As pessoas encontrarem-se pessoalmente é útil, pois descobrem outras coisas. Sinto que esses encontros inesperados acabam por nos levar a novos caminhos que são muito importantes.

A situação de pandemia acabou por mostrar como esses ecossistemas podem funcionar bem?

Está a ser um período único para os cientistas, na medida em que se sente que uma grande parte do mundo está a trabalhar para um

even with my peers. Within the IGC, it is something that I promote. We have a communication and society liaison office and we organize many activities: open days when people can come to visit the institute and understand how science is done, the presence of scientists at music festivals, thematic days... We take advantage of different occasions to celebrate science and bring it to people, and our scientists are happy to take part those events.

In those activities, do you feel that the people who live in Oeiras are aware of the science and technology ecosystem that exists in the municipality?

Not yet. After the *Assembleia Cidadã* there was the clear notion that an investment in communication has to be made so that the institutions are much more present and the citizens of Oeiras become aware of everything that is created so close to them and feel they can also do science with us.

What conditions does Oeiras offer to be this reference territory?

It's easy for institutions and people to be attracted to working in Oeiras, as it offers a set of very special conditions. We have a very vibrant science and technology ecosystem, where there is not only an investment in institutions but also in infrastructure. The working conditions are excellent, and the quality of life outside of work is also very good. We have all the potential to attract the best talent in the world and, with the best, we can go even further!

Is this physical proximity between institutions an asset?

I think that the ecosystems are critical and the fact that the institutions are close to each other helps and makes it easier for researchers to meet, with each other as well as with entrepreneurs and other players. What we do via digital interfaces is more directed towards solving certain objectives that we have defined. Meeting in person is helpful, as it leads to other discoveries. I feel that such unexpected encounters end up taking us on new paths that are very important.

Did the pandemic situation show how well these ecosystems can function?

It's being a unique period for scientists, as they feel that a large part of the world is working towards the same goal. Scientists are thinking of a common end and not of themselves and that very quick sharing of knowledge has been very beautiful and very relevant. On the other hand, the greater proximity of science to companies, hospitals and local authorities has been very important and an accelerated experience, which has made it obvious that this synergistic relationship has everything to work well.

Would you like to highlight some initiatives, in the context of combating the pandemic, in which the IGC was involved?

For a long time, our efforts were fully focused on the topic. It couldn't be otherwise; we all felt that we could help. We have been working with different hospitals in the Lisbon area, through volunteers helping with the diagnosis, but we have also been following health professionals, especially those who are most exposed to the disease, to understand who may be getting infected and how the epidemic can also be transmitted within the hospitals themselves. Following these people over time is very important to better manage the hospitals and it also allows us to better understand the disease itself.

Another area in which we are involved is, as I mentioned before, the development of serological tests. With different companies and several institutions in Lisbon and Oeiras, together with local authorities and industry, we are developing new tests and moving towards their commercialization.

And another activity that I would like to highlight is our collaboration with the COLife website [colife.eu], created by six life science research institutes, to share credible information with everyone, in a simplified way. We have also been working with the PALOP to decode information and to try to demystify the disease through various podcasts in different countries, in addition to helping them in terms of diagnostics.

Cientista de excelência

Sempre à procura das perguntas que valem a pena ser colocadas, sentiu desde cedo a responsabilidade de perseguir o conhecimento para gerar as soluções do futuro. Mónica Bettencourt-Dias nasceu em Lisboa, há 47 anos, numa família de cientistas e, com a sua curiosidade inata, ainda pensou em caminhos como a Astrofísica ou a Medicina. No entanto, foi a Bioquímica que a conquistou definitivamente. Após um doutoramento em Bioquímica e Biologia Celular feito em Londres e um pós-doutoramento em Cambridge, regressou a Portugal para trabalhar no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC). Diretora Científica do IGC desde 2018, já recebeu inúmeros prémios internacionais, que reconhecem a excelência da sua investigação *made in Oeiras*. Desde 2007 que vive no concelho, “para estar mais perto do local de trabalho e pela qualidade de vida que oferece” à sua família, nomeadamente à sua “super criativa e muito curiosa” filha de oito anos. Com casa em Paço de Arcos, elege o paredão como o seu local preferido. “Poder, de manhã, correr perto do mar, enquanto está pouca gente, e ver nascer o dia é muito bonito. É mesmo um privilégio!”.

Scientist of excellence

Always looking for the questions that are worth asking, she felt early on the responsibility of pursuing knowledge to generate the solutions of the future. Mónica Bettencourt-Dias was born in Lisbon, 47 years ago, in a family of scientists and, with her innate curiosity, she considered paths like Astrophysics or Medicine. However, it was Biochemistry that definitely won her over. After a PhD in Biochemistry and Cell Biology in London and a post-doctorate in Cambridge, she returned to Portugal to work at the Gulbenkian Institute of Science (IGC). Scientific Director of the IGC since 2018, she has received numerous international awards, which acknowledge the excellence of her research made in Oeiras.

She lives in the municipality since 2007, “to be closer to the workplace and for the quality of life it offers” to her family, namely to her “super creative and very curious” eight-year-old daughter. With a home in Paço de Arcos, she elects the breakwater as her favourite place. “To be able to run near the sea in the morning, while there are few people about, and to watch the day rise is very beautiful. It really is a privilege!”.



CONFIANÇA

NESTE NATAL
OPTE PELO
COMÉRCIO LOCAL



mesmo objetivo. Os cientistas estão a pensar num fim comum e não neles próprios e essa partilha muito rápida de conhecimentos foi algo muito bonito e muito relevante. Por outro lado, a aproximação da ciência às empresas, aos hospitais, ao poder local tem sido muito importante e uma experiência muito acelerada, que tornou óbvio que esta relação de sinergias tem tudo para funcionar bem.

Quer dar a conhecer algumas iniciativas, no âmbito do combate à pandemia, em que o IGC esteve envolvido?

Durante bastante tempo, os nossos esforços estiveram centrados em pleno no tema. Era impossível ser de outra maneira; todos sentimos que poderíamos ajudar. Temos trabalhado com diferentes hospitais da área de Lisboa, através de voluntários a ajudar no diagnóstico, mas também temos estado a seguir os profissionais de saúde, sobretudo os que estão mais expostos à doença, para perceber quem pode estar a ficar infetado e como é que a epidemia também pode ser transmitida dentro dos próprios hospitais. Seguir estas pessoas ao longo do tempo é muito importante para gerir melhor os hospitais e também nos permite perceber melhor a própria doença.

Outra área em que estamos envolvidos é, como referi antes, no desenvolvimento de testes serológicos. Com diferentes empresas e várias instituições de Lisboa e Oeiras, juntamente com o poder local e a indústria, estamos a desenvolver novos testes e a caminhar para a sua comercialização.

E outra atividade que gostaria de destacar é a nossa colaboração com o website COLife [colife.eu], gerado entre seis institutos de investigação em ciências da vida, para partilhar com todos informação credível, de uma forma simplificada. Temos estado também a trabalhar com os PALOP neste sentido de descodificação da informação, para tentar desmistificar a doença com vários *podcasts* em diferentes países, além de os ajudar em termos de diagnósticos.

Falando em PALOP, uma outra medida conjunta do IGC com a Câmara de Oeiras é a atribuição das Bolsas António Coutinho. Quão importante é este tipo de iniciativas para o desenvolvimento da ciência?

Para a ciência é muito importante ter acesso a todo o talento e este não estar limitado a parte do mundo. Nesse sentido, estas bolsas têm um papel muito relevante em promover as carreiras científicas de cientistas dos PALOP ou seus descendentes.

Por fim, tem a convicção que será a ciência que nos irá salvar?

Não tenho a mínima dúvida que sim! •

“
Se as pessoas estiverem abertas à crítica e se quiserem contribuir e fazer perguntas ao mundo que as rodeia, vão também ser mais ativas.

If people are open to criticism and want to contribute and ask questions of the world around them, they will also be more active.

”

Speaking of PALOP, another joint measure of the IGC and the Municipality of Oeiras is the award of the António Coutinho Grants. How important are these types of initiatives for the development of science?

For science, it is very important to have access to all talent and not be limited to part of the world. In this

sense, these grants have a very relevant role in promoting the scientific careers of scientists from PALOPs or descendants of PALOP nationals.

Finally, are you convinced that it will be science that saves us?

I have no doubt that it will! •





**SCIENCE:
RENEWED HOPE OF A RESPONSE
TO THE PANDEMIC**

CIÊNCIA: UMA ESPERANÇA RENOVADA PARA A RESPOSTA À PANDEMIA

O ano 2020 vai para sempre ficar marcado pelos enormes desafios que veio colocar a toda a sociedade, às empresas, aos sistemas de saúde, à política nacional e internacional e à comunidade científica mundial que se mobilizou numa articulação e produção científica sem precedentes.

As descobertas científicas ocupam um espaço significativo na garantia da qualidade de vida da sociedade, mas isso é muitas vezes aceite sem o seu reconhecimento e valorização. A pandemia provocada pelo novo coronavírus SAR-CoV-2 veio dar luz e palco a uma área crítica e que merece maior investimento em todo o mundo: a investigação fundamental.

O Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), sediado no centro de Oeiras, junto aos Jardim do Marquês de Pombal, cedo integrou a frente de combate e assumiu desafios preponderantes para desvendar os segredos que o novo vírus trouxe consigo. A mudança chegou sem aviso prévio, mas foi assumida com liderança, determinação e agilidade. Rapidamente as áreas de investigação foram redirecionadas e otimizadas as plataformas tecnológicas de última geração para fazer parte da resposta ao novo vírus. Uma resposta nacional com articulação internacional e que não esqueceu os munícipes de Oeiras.

The year 2020 will forever be remembered by the enormous challenges it has posed to the whole of society, to companies, to health systems, to national and international politics and to the world scientific community, which mobilized itself in unprecedented coordination and scientific production. Scientific discoveries play a significant role in guaranteeing the quality of life in society, a fact that is often accepted but not acknowledged and appreciated. The pandemic caused by the new SAR-CoV-2 coronavirus has brought to centre stage a critical area that deserves greater investment worldwide: fundamental research.

Numa ação urgente e imediata, mais de 70 cientistas do IGC, recursos humanos altamente qualificados e formados, disponibilizaram-se para fazer voluntariado no combate à covid-19. Muitos integraram as equipas dos laboratórios de diagnóstico do Centro Hospitalar Lisboa Ocidental e do Hospital Prof. Doutor Fernando da Fonseca (Amadora-Sintra) para aumentar a capacidade de resposta e colocar os cientistas onde são mais necessários. Outros, trocaram os seus projetos de investigação para realizar testes de diagnóstico à covid-19 nos laboratórios do próprio instituto, o que se veio a mostrar crucial, em conjunto com inúmeras outras instituições, para destacar Portugal como um dos países com mais testes a serem realizados.

Mónica Bettencourt Dias, Diretora do IGC, defende que “o Instituto Gulbenkian de Ciência tinha de ser parte da solução com estratégias em várias frentes, seja no aumento da capacidade de testagem, no IGC e nos Hospitais, a desenvolver testes alternativos ou a definir novas linhas de investigação. Investir no desconhecido é agora ainda mais imperativo, pois só assim haverá mais conhecimento e melhor preparação no futuro”.

Que vírus é este? Como circula? Como nos afeta? Perguntas aparentemente simples que mobilizaram os investigadores do Instituto Gulbenkian que, juntamente com investigadores a nível mundial, iniciaram a sequenciação do vírus. Deste trabalho, obtém-se informação sobre como o vírus se vai alterando à medida que se propaga pela população e geograficamente. Dados determinantes para definir estratégias de contenção, tratamento e prevenção. O IGC já sequenciou mais de 500 vírus e disponibiliza toda a informação numa importante rede internacional que, em conjunto, está a seguir todos os passos do novo vírus para perceber qual o seu calcanhar de Aquiles. A ciência detém os meios tecnológicos e humanos para respostas imediatas, mas é também onde reside a esperança para uma possível vacina, um tratamento e maior conhecimento sobre o vírus desconhecido. “Era necessário garantir autonomia e capacidade de resposta numa altura de corrida a reagentes e meios de diagnóstico” explica Mónica Bettencourt Dias a razão para ter iniciado a constituição de um consórcio (Serology4covid) para desenvolver um teste serológico nacional. “Os que estavam disponíveis no mercado era caros, escassos e não respondiam a todas as perguntas que se impunham!” e isso juntou ao IGC mais 4 institutos (ITQB NOVA - Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier da Universidade Nova de Lisboa, iBET - Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica, IMM - Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes e o CEDOC-NMS, Centro de Estudos de Doenças Crónicas da NOVA Medical School da Universidade Nova de Lisboa), no desenvolvimento de “raiz, e com material português, de uma ferramenta determinante para conhecer a evolução da pandemia a nível nacional” explica com entusiasmo a Diretora do IGC.

A Câmara Municipal de Oeiras não ficou indiferente a esta iniciativa. Prontamente disponibilizou 100.000.00€ ao Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica (iBET), instituição de investigação biotecnológica que integra o consórcio, sediada em Oeiras. Este investimento foi um contributo determinante no desenvolvimento do protótipo dos testes serológicos. Um apoio, enquadrado no âmbito da Estratégia Oeiras Ciência e Tecnologia 2020-2025,



The Instituto Gulbenkian Ciência [Gulbenkian Institute of Science] (IGC), based in Oeiras, next to the Marquês de Pombal Gardens, joined the combat front early on and took on preponderant challenges to unlock the secrets of the new virus. Change came without warning, but was accepted with leadership, determination and agility. The areas of investigation were quickly redirected, and the next generation technological platforms were optimized to become part of the response to the new virus. A domestic response with international cooperation that did not lose sight of the citizens of Oeiras. In an urgent and immediate action, more than 70 IGC scientists, highly qualified and trained human resources, made themselves avail-

able to volunteer in the fight against covid-19. Many joined the diagnostic laboratory teams at the Lisboa Ocidental Hospital Centre and Prof. Doctor Fernando da Fonseca Hospital (Amadora-Sintra) to increase the response capacity and to place scientists where they were most needed. Others put aside their research projects to carry out covid-19 diagnostic tests at the institute's own laboratories, which - together with numerous other institutions - were crucial to positioning Portugal as one of the countries that tests the most.



que traduz o compromisso do município de tornar Oeiras líder na ciência e inovação em Portugal.

As palavras “teste serológico” rapidamente se tornaram parte do dia-a-dia de todos, pois vários foram os esforços espalhados pelo país para procurar entender como o vírus, silencioso e traiçoeiro, vai chegando a todos: novos, mais velhos do litoral ao interior. Uma equipa de 20 peritos, liderada pelo investigador do IGC, Carlos Pena-Gonçalves, estudou o que seria necessário e imprescindível para termos uma fotografia da doença em Portugal. Montaram o Roteiro Serológico Nacional, uma estratégia que define as regras e mecanismos para fazer este levantamento e juntar esforços de entidades públicas, privadas, de saúde e autarquias.

E enquanto tudo isto acontece, no Instituto definem-se novas linhas de investigação a pensar no futuro: estudar a suscetibilidade genética de cada indivíduo ao vírus, a tolerância à doença ou a própria evolução e mutações que o vírus está a desenvolver. É preciso começar a preparar o amanhã e continuar a descobrir o que a biologia, a química ou a virologia ainda não revelou para podermos estar um passo à frente de outras surpresas no futuro.

Mónica Bettencourt Dias, IGC Director, explains that “the Gulbenkian Institute of Science had to be part of the solution with strategies on several fronts, be it in increasing the testing capacity, at the IGC and in the Hospitals, in developing alternative tests or in defining new research lines. Investing in the unknown is now even more imperative, because only then will there be more knowledge and better preparation in the future”.

What virus is this? How does it circulate? How does it affect us? Seemingly simple questions that mobilized Gulbenkian Institute’s researchers who, together with researchers worldwide, started sequencing the virus. This work produces information on how the virus changes as it spreads through the population and geographically. Key data to define strategies for containment, treatment and prevention. The IGC has already sequenced over 500 viruses and makes all this information available on an important international network that is tracking all the steps of the new virus to find its Achilles’ heel.

Science has the technological and human resources for immediate responses, but it’s also where the hope lies for a possible vaccine, treatment and deeper knowledge of the unknown virus. “It was necessary to guarantee autonomy and responsiveness at a time of race to reagents and means of diagnosis”, says Mónica Bettencourt Dias, explaining the reason for starting a consortium (Serology4covid) to develop a domestic serological test. “Those that were available on the market were expensive, scarce and did not answer all the questions that were being asked!”. This reality brought together the IGC and 4 more institutes (ITQB NOVA - Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier of Universidade Nova de Lisboa, iBET - Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica, iMM - Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes and CEDOC-NMS, Centro de Estudos de Doenças Crónicas at NOVA Medical School, Universidade Nova de Lisboa) in the development “from scratch and with Portuguese material, of a determining tool to track the evolution of the pandemic at a national level” explains with enthusiasm the Director of the IGC. The Municipality of Oeiras was not indifferent to this initiative. It promptly made available 100,000.00 € to the Instituto de Biologia Experi-

O IGC já sequenciou mais de 500 vírus e disponibiliza toda a informação numa importante rede internacional que, em conjunto, está a seguir todos os passos do novo vírus para perceber qual o seu calcanhar de Aquiles.

The IGC has already sequenced over 500 viruses and makes all this information available on an important international network that is tracking all the steps of the new virus to find its Achilles’ heel.



Eu sou do Bairro.

MARCELINO SAMBÉ

Bailarino principal da Companhia de Dança Royal Ballet, Reino Unido

BAIRRO ALTO DA LOBA

OEIRAS  VALLEY
MUNICÍPIO OEIRAS



Tudo o que estamos a aprender pode ser muito útil em locais onde a pandemia chega mais tarde. A cooperação é uma arma poderosa e a partilha de recursos é determinante no sucesso de estratégias implementadas. O Instituto Gulbenkian Ciência estreitou as parcerias que detém com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) garantindo uma posição de liderança numa outra frente de combate à crise que atravessamos. Informação fidedigna em vários formatos, materiais de proteção individual e protocolos de diagnóstico validados por peritos são alguns dos temas que consolidam a cooperação internacional que fortaleceu.

O envolvimento da sociedade nas diversas conquistas da ciência é uma missão que une o IGC e a Câmara Municipal de Oeiras (CMO) e que os levou, em conjunto com o ITQB NOVA a desenvolver programas de educação de ciência, de envolvimento público e de ciência cidadã. A pandemia mexeu com todos estes planos, mas a oferta foi repensada para uma esfera digital, garantindo que alunos, professores e municípios continuem a beneficiar do conhecimento científico. Visitas de estudo virtuais, videoconferências com cientistas ou o programa “Cientistas em Casa” promovido nas redes sociais, com vídeos de atividades para ver e fazer em casa são algumas das ações em curso que garantem que a ciência continue presente! Os professores não ficaram de fora desta oferta digital e passaram a ter disponível o website do projeto Lab in a Box, um projeto educativo que visa desenvolver nos alunos o deslumbramento pelo meio que os rodeia, o espírito crítico e a curiosidade científica.

mental e Tecnológica (iBET), an Oeiras-based biotechnological research institution that is part of the consortium. This investment made a decisive contribution to the development of the prototype for serological tests. This support, provided in the scope of the 2020-2025 Oeiras Science and Technology Strategy, reflects the municipality’s commitment to becoming a leader in science and innovation in Portugal.

The words “serological test” quickly became part of everyone’s daily life, as several efforts throughout the country sought to understand how the virus, silent and treacherous, manages to reach everyone: young and old, from the coast to interior. A team of 20 experts, led by IGC researcher Carlos Penha-Gonçalves, studied what would be necessary and indispensable for us to have a picture of the disease in Portugal. They set up the National Serological Roadmap, a strategy that defines the rules and mechanisms to carry out this survey and bring together the efforts of public, private, health and municipal authorities.

And while all this is happening, new lines of research are being defined at the Institute, already thinking of the future: studying the genetic susceptibility of each individual to the virus, the tolerance to the disease or the very evolution and mutations of the virus. We need to start preparing for tomorrow and continue to discover what biology, chemistry or virology have not yet revealed, so that we can be one step ahead of other surprises in the future.

All we are learning can be very useful in places where the pandemic arrives later on. Cooperation is a powerful weapon, and the sharing of resources is decisive to the success of implemented strategies. The Gulbenkian Science Institute has strengthened its partnerships with Portuguese-speaking African Countries (PALOP), guaranteeing a leadership position in yet another front of the combat against the crisis we are experiencing. Reliable information in various formats, personal protective equipment and diagnostic protocols validated by experts are some of the areas that consolidate international cooperation.

Hoje, mais do que nunca, a ciência está no nosso vocabulário, na nossa vida e nela depositamos a esperança de um tratamento e de um regresso a alguma normalidade. Todos temos dúvidas e inquietações e por isso o IGC já promoveu vários webinars com diferentes especialistas para debater o que sabemos, o que estamos a descobrir e o que podemos esperar no futuro pós pandemia. Mais de 6000 pessoas já assistiram a estes debates (em direto ou em diferido) e todos eles estão disponíveis na página de youtube do IGC ou da Fundação Calouste Gulbenkian.

Para a ciência são dirigidas, hoje, as luzes necessárias para o trabalho de descoberta que tem realizado. Mas nas palavras da diretora de mais de 300 cientistas de 44 nacionalidades a trabalhar no IGC em Oeiras, “ainda há muito por descobrir e muitas soluções para desenhar! A Ciência tem de ser uma prioridade e uma área estratégica nas políticas atuais e futuras.” No IGC “vamos continuar a resolver os desafios do futuro, hoje!” conclui com a garra de um futuro promissor e cheio de descobertas. •

The involvement of society in the various achievements of science is a mission that unites the IGC and the Municipality of Oeiras (CMO) and one that led them, together with ITQB NOVA, to develop science education, public involvement and citizen-oriented science programs. The pandemic affected all these plans, but the offer was redesigned into the digital sphere, ensuring that students, teachers and citizens continue to benefit from scientific knowledge. Virtual study visits, videoconferences with scientists or the “Scientists at Home” program, promoted on social networks, with videos of activities to watch and try at home, are some of the ongoing actions that ensure that science remains present! Teachers were not left out of the digital offer and gained access to the website of the Lab in a Box project, an educational project created to develop students’ engagement with their surroundings, their critical thinking and scientific curiosity.

Today, more than ever, science is part of our vocabulary and our life, and in it we place the hope of a treatment and of the return to some normality. We all have doubts and concerns, and that is why the IGC has already

promoted several webinars with different experts to discuss what we know, what we are discovering and what we can expect in the post-pandemic future. More than 6,000 viewers have already attended these debates (live or pre-recorded), all of them available on the YouTube pages of IGC and Fundação Calouste Gulbenkian.

Today, science is in the spotlight for the work of discovery that it has been carrying out. But, in the words of the director responsible for more than 300 scientists from 44 nationalities working at the IGC in Oeiras, “there is still a lot to discover and many solutions to create! Science must be a priority and a strategic area in current and future policies”. At IGC “we will continue to solve the challenges of the future, today!” she concludes, with the belief in a promising future, full of discoveries. •



OEIRAS

2027

CRÓNICA · CHRONICLE

OEIRAS 27
A NEW CICLE

UM NOVO CICLO

POR · *BY*
JORGE BARRETO XAVIER
COMISSÁRIO DA CANDIDATURA DE OEIRAS
A CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA 2027

COMMISSIONER FOR OEIRAS' APPLICATION
FOR EUROPEAN CAPITAL OF CULTURE 2027

Precisamos, ao lado das respostas que sabemos dar, de novas perspetivas e soluções face aos desafios em presença no mundo em que vivemos.

O contexto que nos enquadra é de incerteza. Habitúamo-nos, na Europa das últimas décadas, a viver de certezas. Certeza nas convicções, nos modos de vida, na estabilidade. Depois, as crises económicas e de valores, os fundamentalismos e as inovações tecnológicas digitais, transformaram a nossa relação com as pessoas e as coisas. O espaço da democracia – a cultura cidadã que queremos – viu-se ameaçado. A crise climática e a crise pandémica completam um quadro de incerteza. Todavia, a incerteza não tem só lados negativos. Ela exige que olhemos para a realidade construindo caminhos novos. Caminhos que promovam a estabilidade e o crescimento.

É assim que o município de Oeiras decidiu colocar-se este desafio singular: fazer da cultura motor de um novo ciclo de desenvolvimento, em ordem à criação da Cidade de Oeiras. Mais que uma cidade no sentido administrativo do termo, fazer de Oeiras lugar privilegiado de interação cidadã, tendo na cultura elementos de organização e de atividade estruturante, através de novas centralidades culturais e dinâmicas abrangentes e qualificadoras.

A proposta deste novo ciclo parte de um programa cultural sistémico, que articula as pré-existências e as perspetivas de desenvolvimento em curso com o que pretende ser uma visão abrangente, coerente e mobilizadora que terá concretizados, em 2027 um conjunto de objetivos.

NESSE ANO, PRETENDE-SE QUE OEIRAS SEJA UM ECOSISTEMA URBANO AVANÇADO, ANCORADO NAS ARTES, CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

BY THAT YEAR,
WE MEAN FOR OEIRAS
TO BE AN ADVANCED
URBAN ECOSYSTEM,
ANCHORED IN THE ARTS,
SCIENCE, TECHNOLOGY
AND INNOVATION

Nesse ano, pretende-se que Oeiras seja um ecossistema urbano avançado, ancorado nas artes, ciência, tecnologia e inovação; Capital da Poesia e das Culturas de Língua Portuguesa; Capital das Artes e da Criatividade; Capital das Heranças Culturais; Capital das Fortificações Marítimas. Cumulativamente, se vencermos a candidatura, seremos Capital Europeia da Cultura 2027.

O propósito é fazer da Cultura, em Oeiras, um fermento da ação comunitária e territorial complexa neste tempo e lugar do século XXI, para uma urbanidade sustentável e inovadora, tendo por referência as pessoas, numa geografia em rede.

Temos um caminho de trabalho intenso pela frente até alcançarmos estes objetivos, dentro do município, mas também num trabalho colaborativo com os cidadãos de Oeiras e com entidades públicas e privadas.

Aqui se encontra o esforço dos criadores, dos empreendedores, da cidadania ativa.

A cultura é o dispositivo que propomos, para este caminho pela frente. Uma invenção humana complexa, integradora, na sua diversidade e riqueza, em que as componentes da vida pessoal e social podem colocar novos sentidos e coerências.

No puzzle complexo de que se faz uma cidade contemporânea, foi-nos dada uma oportunidade extraordinária de contribuir para uma reflexão e ação sistémica no quadro de uma nova urbanidade que toma a cultura como elemento constitutivo.



Sejamos, pois, uma cidade culturalmente inteligente (utilizando a expressão de Daniel Innerarity). Ou seja, um território que não se limita à certeza das ciências exatas e da implementação de tecnologia, elementos importantes de desenvolvimento mas não suficientes. Sejamos um território que se abre às dinâmicas incertas e ricas da complexidade humana presentes nas artes, na literatura, no património cultural, na pluralidade de visões pessoais e grupais sobre o eu e o mundo que podem informar a política, a economia, a sociedade, na criatividade subjacente a todo o novo olhar. •

Along with the answers we already have, we need new perspectives and solutions in face of the challenges now faced by the world in which we live.

The current context is one of uncertainty. In Europe, over the last few decades, we had grown used to living with certainties. Certainty in beliefs, ways of life, stability. Then, economic and value crises, fundamentalisms and digital technological innovations changed our relationship with people and things. The democratic space - the citizenship culture we desire - was suddenly threatened. The climate crisis and the pandemic crisis complete this picture of uncertainty. However, uncertainty also has a positive side: it forces us to look at reality and build new paths. Paths that promote stability and growth.

That is why the municipality of Oeiras decided to embrace this unique challenge: to make culture the driving force of a new development cycle, in order to create the City of Oeiras. More than a city in the administrative sense of the word, the idea is to turn Oeiras into a privileged place for citizen interaction, finding in culture elements of organization and structuring activity, through new culture centres and comprehensive and qualifying dynamics.

The proposal for this new cycle is part of a systemic cultural program, which merges the pre-existing reality and underway prospects for development into what is meant to be a comprehensive, coherent and mobilizing vision that will reach a specific set of objectives by 2027.

By that year, we mean for Oeiras to be an advanced urban ecosystem, anchored in the arts, science, technology and innovation; Capital of Poetry and Portuguese-Speaking Cultures; Capital of Arts and Creativity; Capital of Cultural Heritage; Capital of Coastal Fortifications. Cumulatively, if we win the application, we will be European Capital of Culture 2027.

The goal is to make of Culture in Oeiras the ferment for complex community and territorial action in this time and place of the 21st century, towards a sustainable and innovative urbanity, focused on people, in a networked geography.

We have an intense work ahead of us until we reach these goals, not only within the municipality but also in collaborative work with the citizens of Oeiras and with public and private entities.

This is where the efforts of creators, entrepreneurs and active citizenship come together.

Culture is the tool we propose for the road we have ahead of us. A complex, integrating human invention, diverse and rich, in which the components of personal and social life can bring forth new meanings and coherences.

In the complex puzzle that makes up a contemporary city, we were given an extraordinary opportunity to contribute to a systemic action and reflection within the framework of a new urbanity that embraces culture as a constitutive element.

Let us be, therefore, a culturally intelligent city (to use the expression of Daniel Innerarity). In other words, a territory that is not limited to the certainty of exact sciences and the implementation of technology, elements of development that are important but that are not enough. Let us be a territory that is open to the uncertain and rich dynamics of human complexity present in art, literature and cultural heritage, in the plurality of personal and group views about the self and the world that can shape politics, the economy and society, and in the creativity that underlies new perspectives. •

37 Ana Sofia Rodrigues

UMA LIÇÃO PARA TODOS

A LESSON FOR ALL

SCHOOL HAS REINVENTED ITSELF.

Teachers, students and families have made an extraordinary effort. With creativity, dedication and hard work education continued, and lessons were learned that no handbook could have foreseen.

“Manda o princípio da prudência que determinemos desde já, com efeitos a partir da próxima segunda-feira, a suspensão de todas as atividades letivas presenciais”. O professor Miguel Penteadó nunca esquecerá estas palavras do primeiro-ministro António Costa. Apesar de acompanhar a situação e saber que, em Portugal, poderiam ser tomadas medidas semelhantes às de outros países, confessa que recebeu a notícia “em choque” e recorda o que sentiu: “Foi como se a areia nos estivesse a fugir entre os dedos. Percebi que, de repente, teríamos que construir uma nova escola, sem sabermos como”. No último dia de aulas, Miguel deu um abraço a cada um dos seus 28 alunos do 3º ano, da Escola Básica Gomes Freire de Andrade. Mas não foi suficientemente apertado para dar a força necessária para todos os dias que estiveram afastados. “Não poder estar com eles foi uma pedra que me foi magoando durante todos estes meses”, reconhece.

A ESCOLA REINVENTOU-SE

Professores, alunos e famílias esforçaram-se de uma forma extraordinária. Com criatividade, dedicação e muito trabalho, o ensino continuou e aprenderam-se lições que não estavam previstas em nenhum manual.

“The principle of prudence dictates that we determine now, effective as of next Monday, the suspension of all classroom activities”. Teacher Miguel Penteadó will never forget these words of Prime Minister António Costa. Despite following the situation, and knowing that measures similar to those of other countries could be implemented in Portugal, he confesses that he received the news “with shock”, and recalls what he felt: “It was as if sand was slipping between our fingers. I suddenly realized that we would have to create a new school, not knowing how”. On the last day of classes, Miguel gave a hug to each of his 28 third-grade students, at the Gomes Freire de Andrade Basic School. But it wasn't tight enough to convey the strength needed for all the days they were apart. “Not being able to be with them was a pain that has been hurting me all these months”, he acknowledges.





VERDADEIRA MISSÃO

Em contrarrelógio, dia a dia, os professores trocavam experiências e alinhavam planos de ação conjunta. “O trabalho de equipa foi primordial para definirmos um caminho o mais comum possível para os alunos do agrupamento. Passada uma semana ou duas, conseguimos garantir que todos estavam na nova sala de aula, à hora definida, a fazer as atividades”, recorda o professor Miguel. No seu caso, optou por dividir a turma em dois pequenos grupos. “Foi uma escolha pessoal que me obrigou a dar o dobro das aulas, mas que teve os seus frutos”. Também criou momentos comuns com toda a turma para “partilharmos experiências e saber como estavam a ser estas novas aventuras em casa”. Com tantas incertezas e com tanto terreno novo por desbravar, foi necessário um verdadeiro espírito de superação. “Sou coordenador do 3º ano e tenho um grupo de trabalho que funciona muito bem. Logo no início, disse-lhes: esta é a nossa missão. Temos de dar a nossa resposta a esta crise. Os médicos estão na linha da frente, mas nós não somos menos chamados. Temos que ir à luta”. De facto, os médicos estavam a salvar vidas, mas os professores tinham de salvar futuros. “Assim foi. Dia e noite. Estávamos constantemente ligados aos pais e alunos. Foi uma forma de aproximar a escola das famílias e conseguimos trabalhar com uma coesão muito forte. Só assim foi possível levarmos isto para a frente até ao final do ano letivo”.

STOPPING WAS NOT AN OPTION

In the various school groups of the municipality of Oeiras, teachers started to meet daily, through new platforms. Plans were redefined, and new strategies were drawn, for multiple scenarios. Simultaneously, “we conducted a survey of those who didn’t have a computer and access to the internet. Fortunately, the municipality was able to secure equipment for all students and teachers, so that we could all at least start out on the same terms”, highlights Miguel Penteado. With the central concern that education could not stop,

the municipality provided more than two thousand tablets, over a thousand routers and dozens of webcams to students in various levels of education. In addition, it immediately organized training sessions for teachers on the e-learning platform, so that they could start the great digital adventure as quickly as possible. Eva de Almeida felt the benefits of these measures in first hand. With four children at home, one of them teleworking and one other in the university, “we obviously didn’t have a computer for each of them”. The two youngest daughters attend the

Professor José Augusto Lucas Secondary School, so “I immediately put the question to the school, and it was all very fast. They lent us a tablet for each one, and that was crucial for them to be able to attend classes and do their work. Otherwise, it would have been impossible!”.

TRUE MISSION

Against the clock, day by day, teachers exchanged experiences and created joint action plans. “Teamwork was essential in defining the most common path possible for the students in the school group. After a week or two, we managed to ensure that everyone was in the new classroom,

at the set time, doing the activities”, recalls Miguel Penteado. In his case, he chose to split the class into two small groups. “It was a personal choice that forced me to teach twice as many classes, but it paid off”. He also created common moments for the whole class, to “share experiences and find out how these new adventures at home were going”.

With so many uncertainties and with so much new ground to be explored, true resilience was necessary. “I am the third-grade coordinator, and I have a workgroup that works very well. Early on, I told them: this is our mission. We must respond to this crisis. Doctors are at the forefront, but

PARTILHA

Também criou momentos comuns com toda a turma para “partilharmos experiências e saber como estavam a ser estas novas aventuras em casa.”

SHARING

He also created common moments for the whole class, to “share experiences and find out how these new adventures at home were going.”



FAMÍLIAS À PROVA

Com a escola a invadir as salas e os quartos das famílias, surgiram novas dificuldades e desafios. E também provas de grande generosidade. Elaine Lopes viu-se, de um momento para o outro, com os dois filhos em casa e, percebendo a possível desigualdade de algumas situações, não hesitou em acolher também um amigo do filho. “Percebi que ele não tinha computador, nem condições de acompanhar as aulas em casa. Telefonei à mãe e ofereci-me para ficar com ele durante esta fase. Ficou cá em casa até ao final do terceiro período!”. Uma verdadeira miniescola: aos seus filhos de nove e cinco anos e ao amigo que receberam, juntava-se muitas vezes o filho da vizinha. “Quando era a aula de educação física, por exemplo, faziam todos juntos. Foi uma festa!”, lembra. E acrescenta: “Mas muito trabalhosa!”.

Elaine recorda as dificuldades iniciais: “Achavam que estavam de férias e não compreendiam que a escola continuava em casa. Convencê-los a levantarem-se cedo e não ficarem em pijama foi difícil. Fiz um plano e era como se eles fossem mesmo para a escola: havia hora para trabalhar, para brincar, para descansar, para o lanche... assim era mais fácil e funcionou bem”. Apoiar os estudos dos mais velhos, dar atenção e brincar com o mais novo, preparar todas as refeições e cuidar da casa não foi fácil. “Tinha de aparecer tudo feito. Foi uma grande experiência”.

Eva de Almeida continuou sempre a trabalhar fora de casa e o facto dos seus filhos já serem mais velhos facilitou a gestão. “Apesar de tudo, correu muito bem e houve uma fase em que ainda trabalharam mais do que se estivessem na escola! Mas confesso: se fossem todos mais novos, teria sido muito complicado”.

we are no less needed. We have to take on the fight”. In fact, doctors were saving lives, but teachers had futures to save. “And so it was. Day and night. We were constantly connected to parents and students. It was a way of bringing schools and families closer, and we were able to work in great cohesion. Without it, we would not have made it to the end of the school year”.

FAMILIES TO THE TEST

With the school invading the families’ living rooms and bedrooms, new difficulties and challenges arose. And also acts of great generosity. Elaine Lopes found herself, from

one moment to the next, with her two children at home and, realizing the possible inequality of some situations, she did not hesitate in welcoming into her home a friend of her son. “I realized that he did not have a computer, nor was he able to follow classes at home. I called his mother and offered to take him during this time. He stayed with us until the end of the third period!”. An actual mini-school: along with their nine and five-year-old children and the friend they welcomed, they were often joined by the neighbour’s son. “When it was physical education class, for example, they all did it together. They had a ball!”, she recalls. And adds: “But it was very hard work!”. Elaine recalls the initial difficulties: “They thought they were on vacation and didn’t understand that the school was continuing at home. Convincing them to get up early and not stay in pyjamas was difficult. I made a plan, and it was like they were really going to school: there was a time to work, to play, to rest, for lunch... that made it easier and it worked well”. Supporting the studies of the older ones, giving attention and playing with the youngest, preparing all the meals and taking care of the house

AJUDA

“Percebi que ele não tinha computador, nem condições de acompanhar as aulas em casa. Telefonei à mãe e ofereci-me para ficar com ele durante esta fase.”

HELP

“I realized that he did not have a computer, nor was he able to follow classes at home. I called his mother and offered to take him during this time.”





DISTÂNCIA

“Foram quase seis meses de distância física!”

DISTANCE

“It was almost six months of physical distance!”

PRIORIDADE: AFETO

Do outro lado do ecrã, a vida dos professores também mudou radicalmente. “Foi o ano mais difícil da minha carreira!”, confessa Miguel Penteado. A sobrecarga de trabalho foi enorme. “Recebíamos os trabalhos, muitas vezes, em forma de fotografia... Quando se recebem dezenas de fotografias de cada aluno, corrigir e dar o *feedback* é muito difícil. Além disso, tínhamos alunos com dificuldades acrescidas de aprendizagem. Demos aulas extra e até fomos a casa dos alunos deixar materiais em formato papel, porque não era viável fazerem certas atividades nos *tablets*”. A dedicação teve de ser exemplar. “Só pensava: se eu já estou com dificuldades em gerir o trabalho e não tenho filhos, como estarão as famílias a lidar com esta situação? Não podia dizer que não estava disponível! Era como se estivesse sempre em banco de urgência: se for preciso, estou aqui”. Após umas merecidas férias, o novo ano letivo começou. Os filhos de Elaine e de Eva reencontraram os colegas e o professor Miguel dedicou os primeiros dias apenas “a matar saudades”: “Foram quase seis meses de distância física! Tínhamos muitas histórias e experiências para partilhar”. Com os sorrisos tapados, sente que os “seus meninos” foram obrigados a crescer e conta, agora, os dias para finalmente responder ao pedido que sente implícito em todos: “Mesmo com as máscaras, vejo que os olhos deles estão sempre a pedir um abraço. Está quase!”. •

was not easy. “In the end, everything had to be done. It was quite an experience”.

Eva de Almeida kept working away from home the entire time, and the fact that her children are older made managing easier. “Despite everything, it went very well and there was a phase when they worked even harder than if they were at school! But I must admit: if they had been younger, it would have been very complicated”.

PRIORITY: AFFECTION

On the other side of the screen, teachers’ lives also changed dramatically. “It was the most difficult year of my career!”, confides Miguel Penteado. The workload was enormous. “We received the works, often in the form of a photograph... When you receive dozens of photographs from each student, correcting and giving feedback is very difficult. Also, we had students with added learning difficulties. We gave extra classes and even went to the students’ homes to deliver materials in hardcopy because it was not possible to do certain activities on the tablets”. Their dedication had to be exemplary. “All I could think was: if I’m already having trouble managing work and I don’t have any children, how are families dealing with this situation? I couldn’t say I wasn’t available! It was like being permanently on duty at the emergency room: if you need me, I’m here”.

After a well-deserved vacation, the new school year began. Elaine and Eva’s children were reunited with their classmates and Teacher Miguel devoted the first few days simply to “enjoying each other’s company”: “It was almost six months of physical distance! We had many stories and experiences to share”. With their smiles covered up, he feels that “his children” were forced to grow up, and he now counts the days to finally be able to meet the request that he implicitly feels from everyone: “Even with the masks, I feel that their eyes are always asking for a hug. We’re almost there!”. •

O DESPORTO NO MEIO DE PICOS E PLANALTOS

POR · **BY** JOSÉ MANUEL CONSTANTINO

É um novo tempo: com números, tabelas, gráficos, picos e planaltos tudo coisas que provam, de ciência certa, o que se está a passar. Com máscaras e sem máscaras. E sempre com o distanciamento que, sendo físico é também social. No centro de tudo o vírus que baralha as nossas vidas e desafia a ciência. E esta vacila porque sabe que esperam resposta rápida e eficaz e ela precisa de tempo e amadurecimento para estudar e experimentar. Vamos todos ter de aguardar até que, finalmente, anuncie o que todos ansiamos: a vacina. Quando isso vai ocorrer ainda não sabemos, mas alguma coisa já sabemos.

Sabemos o vírus não é democrático. É verdade que não olha à condição social de cada um quando se trata de escolher os que são infetados. Trata por igual ricos e pobres. Novos e velhos. Não escolhe género, raças ou religiões. Mas a exposição ao risco, com exceção dos profissionais de saúde, é maior para aqueles que têm de sair de casa para trabalhar. E usar transportes públicos E a mortalidade é maior para os velhos. E depois de se ir embora a condição social de cada um determinará a recuperação. E as suas consequências não vão ser iguais. Há os que se vão aguentar. E os que não têm como. A condição social, sempre ela, determinará a possibilidade das escolhas. E vão ser mais os que não se vão aguentar por causa do vírus do que aqueles que vão morrer com o vírus. Também já sabemos que a economia vai sofrer, o desemprego aumentar o que tendo consequências no plano individual, também o terá no plano das atividades sociais, entre as quais, o desporto. O desporto vai sofrer um forte abalo. Já o está a sofrer. Num primeiro tempo confinou-nos. E conectou o exercício em casa, acelerando a digitalização das nossas vidas. Depois pudemos sair para nos mexermos. E progressivamente para retomar as atividades de grupo. Sem toque, sem máscara, mas com distanciamento. A partir daqui não sabemos. O desafio é esse: o de retomar progressivamente as atividades num quadro sanitário severo e que parece pouco disposto a abrandar. Tal como no plano individual em que a condição social de cada um determinará os meios de combater a situação, também no desporto não há uma resposta única. Nem todas as modalidades desportivas têm as mesmas características e os mesmos meios para fazer face a esta nova situação. E o que o vale para as modalidades desportivas se aplica aos clubes e coletividades desportivas.

Uma coisa parece inevitável: o que sucederá será um mundo com novas assimetrias, que gerará novas desigualdades evidenciando, uma vez mais, que num contexto de crise ela não vai tocar a todos da mesma maneira. O desporto vai ter de suar muito para sobreviver. •

SPORTS AMID PEAKS AND PLATEAUS

These are new times: with numbers, tables, charts, peaks and plateaus. Things that prove, beyond any doubt, what is going on. With masks and without masks. And always with the distancing that, while physical, is also social. At the centre of everything is the virus that turns our lives upside down and challenges science. And science wavers because it knows that we expect a quick and effective response, but needs time and maturity to study and experiment. We will all have to wait until, finally, science announces what we all yearn for: the vaccine. We don't know when that will happen, but there's something we already know.

We know the virus is not democratic. True, it does not discriminate social status when it comes to choosing those who become infected. It treats both rich and poor alike. Young and old. It doesn't pick gender, race or religion. But exposure to risk, except for health professionals, is higher for those who have to leave home to work. And use public transport. And mortality is higher among the elderly. And, once the virus is gone, the social conditions of each patient will determine how well he/she recovers. And the after-effects will not be the same for everyone. There are those who will endure. And there are those who won't have the means to do so. Social condition, always, will determine the possibility of making choic-

es. And although many will die from the virus, many more will suffer great difficulties because of it.

We also already know that the economy will suffer, that unemployment will rise, with consequences at the individual level but also on social activities, among which, sports. Sport is going to suffer a severe shock. It's already happening. First, there was the confinement. We discovered exercise at home, accelerating the digitalization of our lives. Then we were able to leave our homes to exercise. And, progressively, to resume group activities. Without touching, without masks, but with social distancing. We don't know what comes next. That's the challenge: progressively resuming activities in a strict sanitary framework that seems unlikely to ease up. Just as at the individual level, where the social condition of each person will determine his/her means to fight the situation, there is also no single answer in sports. Not all sports have the same characteristics or the means to deal with this new situation. And what holds true for sports also applies to clubs and sports associations.

One thing seems inevitable: the result will be a world with new asymmetries, which will generate new inequalities, showing, once again, that in a context of crisis not everyone will be affected in the same way. Sport will have to work hard to survive. •



es
g
c

schools

g
s

NUMA CONSTANTE MUDANÇA

EM PROL DOS MAIS
PEQUENOS MUNÍCIPES

IN CONSTANT CHANGE IN DEFENCE OF THE SMALLEST CITIZENS



A EB Conde Ferreira necessitava de obras um nível mais pormenorizado.

**Valor do investimento:
+ 300 mil euros**

EB Conde Ferreira required works at a more detailed level.

**Value of investment:
+ 300 thousand Euros**

**NOS ANOS DE 2018 E 2019
INVESTIU-SE O TOTAL
DE MAIS DE 4 MIL MILHÕES
DE EUROS NO PARQUE ESCOLA**

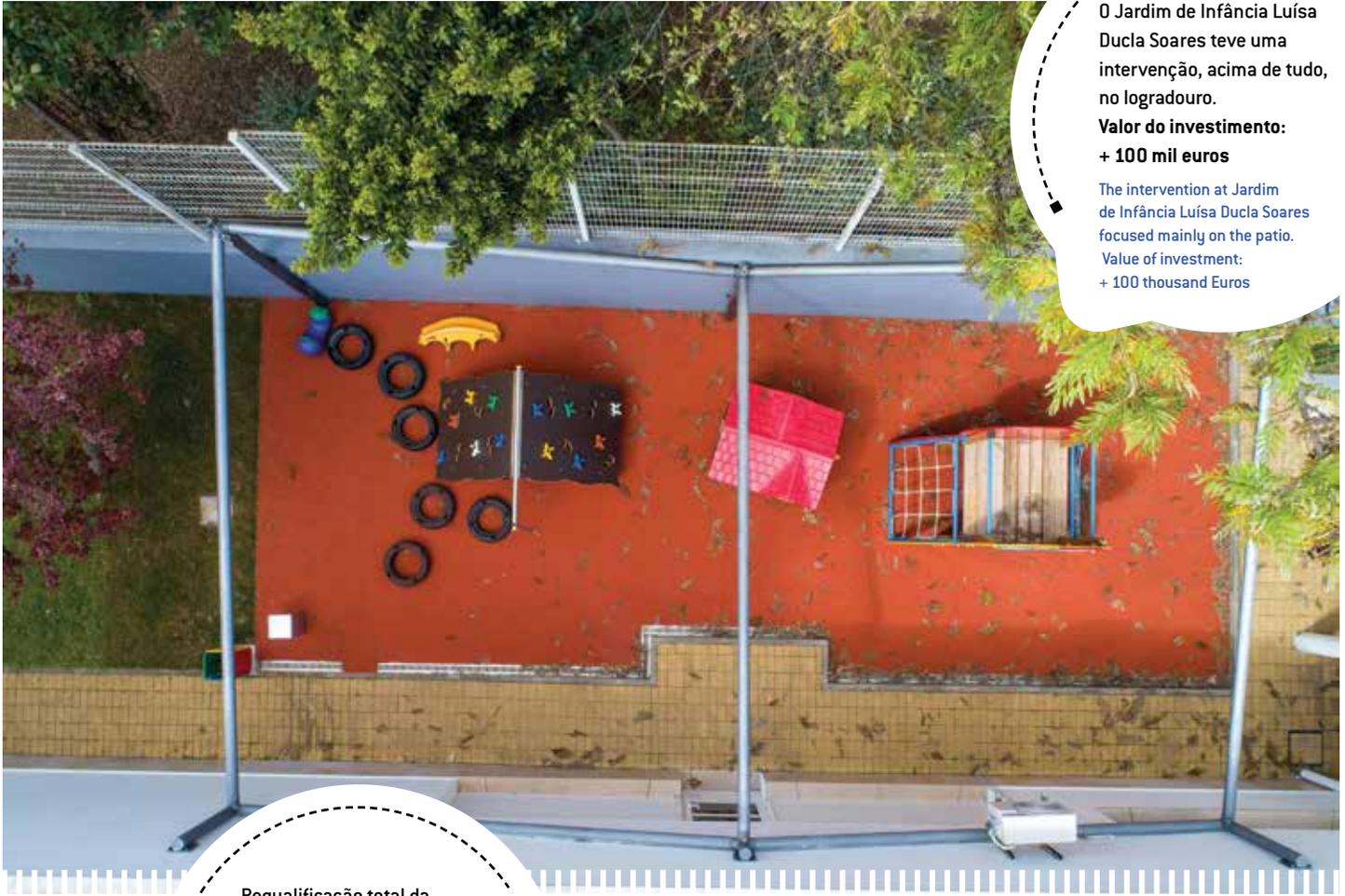
**IN THE YEARS 2018-2019, THE MUNICIPALITY INVESTED
A TOTAL OF 4 MILLION EUROS IN ITS SCHOOLS**

‘A criança deve gostar de ir para a escola’, quem o afirma é o arquiteto Rui Aboim, responsável por algumas das requalificações do parque escolar do município de Oeiras, e este ‘gostar’ deve estar repleto de conforto, estímulos, sensação de casa e, não menos importante, ser um lugar onde o corpo se ginastica. E é imbuídos numa atenção constante que a autarquia tem ao longo do tempo, procedendo a requalificações do parque escolar de modo a que a escola seja potenciador da criança e do aluno enquanto criança e enquanto aluno.

Nos anos de 2018 e 2019 investiu-se o total de mais de 4 mil milhões de euros no parque escolar. Um valor que se traduz em intervenções distintas tendo em conta as necessidades, também elas distintas de cada escola. Como afirma o presidente Isaltino Morais ‘à construção de uma escola sucede-se a consequente reabilitação, porque o mesmo tempo que faz de uma criança um adulto faz de uma escola nova uma escola a necessitar de reparações’.

Oeiras quer ter em cada escola um lugar onde cada criança quer ir.

‘The child should like going to school’, states architect Rui Aboim, responsible for the requalification of some of the schools in the municipality of Oeiras; and this ‘like’ must be filled with comfort, stimulus, feeling of home and, not least, school must be a place where the body is exercised. In a context of constant care, the municipality has, over time, been requalifying its schools so that the school is an enhancer for the child and the student in both these dimensions.



O Jardim de Infância Luísa Ducla Soares teve uma intervenção, acima de tudo, no logradouro.

**Valor do investimento:
+ 100 mil euros**

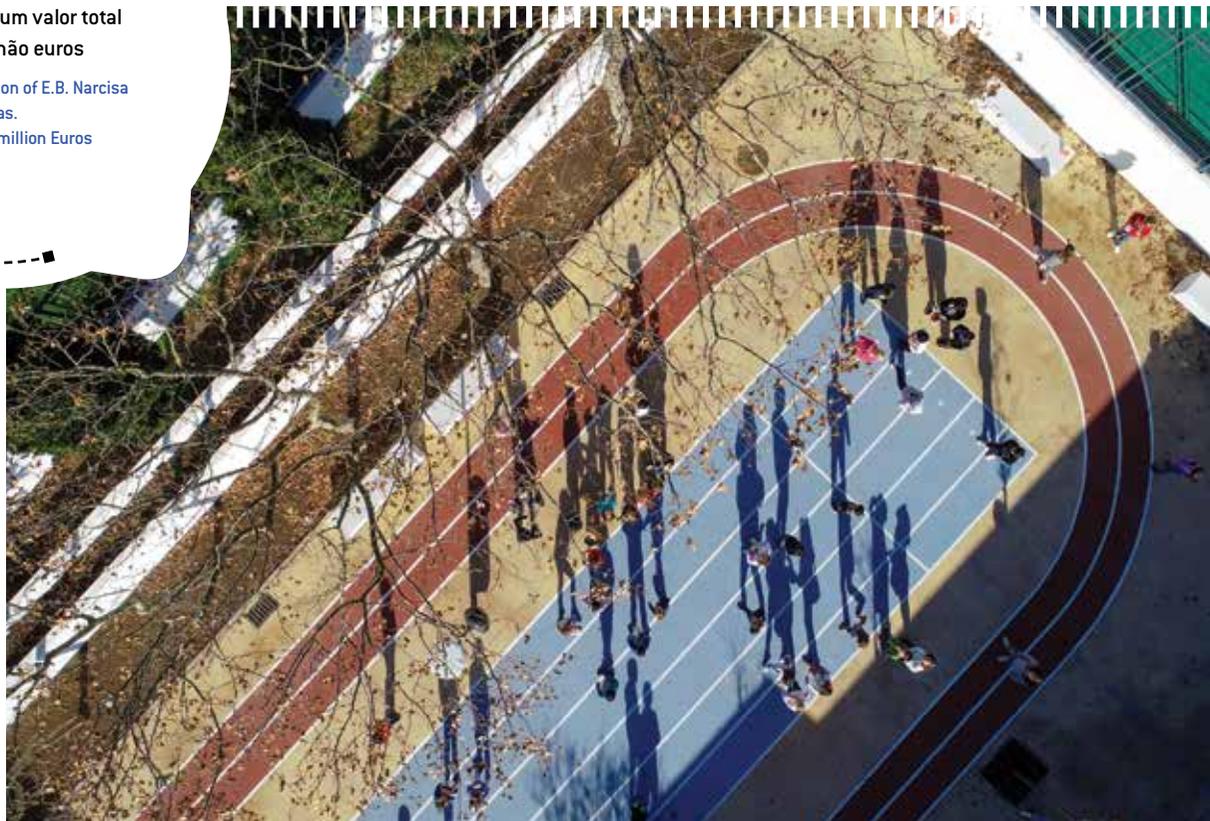
The intervention at Jardim de Infância Luísa Ducla Soares focused mainly on the patio.
Value of investment:
+ 100 thousand Euros

Requalificação total da escola E.B. Narcisa Pereira, em Queijas, num valor total de + de 1 milhão euros

Full requalification of E.B. Narcisa Pereira, in Queijas.
Total value: + 1 million Euros

In the years 2018-2019, the municipality invested a total of 4,160,823.33 Euros in its schools. A value that translates into different interventions, taking into account the different needs of each school. As President Isaltino Morais says 'the construction of a school is followed by its consequent rehabilitation because the same time that turns a child into an adult turns a new school into a school in need of repairs'.

Oeiras wants to have in each school a place where every child wants to be.





Tão importante como o estudo está a apropriação do recreio. Saltar, correr, brincar enquanto se desenvolve o lado social

As important as the studies is the appropriation of the playground. Jumping, running, playing, while the social side develops.

Sabe-se que as cores dos jardins de infância, os jogos, a alegria, as paredes que falam, os espaços que convidam são parte de uma aprendizagem de todos os que estão a descobrir o mundo

It is known that the colours of the kindergartens, the games, the joy, the walls that speak, the inviting spaces, are part of the learning experience for all who are discovering the world.



'A escola bem temperada é aquela que oferece um ambiente de qualidade a todas as crianças e jovens, pleno de oportunidades de vivência e de aprendizagem. Um espaço cheio de possibilidades', Pedro Patacho, vereador da Educação

'A well-balanced school is one that offers a quality environment for all children and teenagers, full of opportunities for living and learning. A space full of possibilities', Pedro Patacho, Councillor responsible for the area of Education






CORRENTE DE CHAIN OF GENEROSIDADE GENEROSITY



As dificuldades podem trazer à tona o melhor de cada um de nós. Um apelo interior levou muitas pessoas a deixarem o medo de lado e quererem dar o seu tempo aos outros. Conheça as histórias inspiradoras de Ana, Bruno, Paula e Serafim. Amizades improváveis que tornaram estes tempos exigentes um pouco mais leves.



Hardship can bring out the best in each of us. An inner calling has led many people to put their fears aside and lead by example. Discover the inspiring stories of Ana, Bruno, Paula and Serafim. Unlikely friendships that have made these trying times a little easier.

**ANA
BRUNO
PAULA
SERAFIM**

LAÇOS PARA A VIDA **BONDS FOR LIFE**

“Com a idade, conseguimos conhecer as pessoas só pelo olhar. Quando vi o Bruno, pela primeira vez, tive a certeza que era um bom rapaz!”. Ana Beatriz Silva nasceu em Goa e vive há 44 anos em Oeiras. Com quatro filhos e cinco netos a viver longe, viu-se em casa sozinha em plena pandemia. Soube que a Câmara de Oeiras disponibilizava voluntários para ajudar com as compras de supermercado e farmácia e resolveu aproveitar. Bruno Rosa foi o voluntário que lhe bateu à porta e, durante meses, tornou-se visita imprescindível e incansável. “Mesmo quando ela não precisava de nada, todas as sextas feiras, telefonava-lhe e ia lá. Nem que fosse para lhe levar a sua revista preferida ou as palavras cruzadas. É uma senhora maravilhosa!”. Nas muitas conversas que tiveram à porta, descobriram o gosto comum pela cozinha indiana e, por isso, “como forma de agradecer a sua amizade”, Ana preparava-lhe “carne de porco à guesa e hortaliça feita à nossa maneira, com leite de coco e picante”.

Para Bruno Rosa, “fazer este voluntariado foi a melhor decisão que tomei este ano. Conheci pessoas, como a Ana Beatriz, que quero manter o contacto para o resto da minha vida!”. Acrobata aéreo e ator, viu-se de um momento para o outro “em casa sem fazer nada”. “Em vez de ficar sentado no sofá a ver séries, pensei: por que não ocupar o tempo a ajudar quem precisa? Foi mesmo bom!”. Confessa que, no início, “teve algum receio”, mas “a vontade de ajudar foi sempre maior”. Conheceu muitas pessoas e “o bairro tornou-se mais familiar. Na farmácia da minha rua, já somos todos amigos”. Não estava à espera das relações que construiu, mas a sua generosidade não poderia ter tido outro resultado. “Sou doida por flores e o Bruno percebeu isso. Num dia, trouxe-me um vaso com uma geribéria amarela. Tenho-a na sala, no centro da minha mesa, e digo a toda a gente: ‘Sabem quem me ofereceu esta planta? Foi o meu neto adotivo!’”.

“With age, we learn to know people just by their eyes. When I saw Bruno for the first time, I was sure he was a good guy!”. Ana Beatriz Silva was born in Goa and has lived in Oeiras for 44 years. With four children and five grandchildren living far from her, she found herself at home alone in the middle of a pandemic. She learned that the Oeiras Municipality had volunteers to help with grocery and pharmacy errands and decided to ask for that support. Bruno Rosa was the volunteer who knocked on her door and, for months, he became an essential and tireless visit. “Even when she didn’t need anything, every Friday, I would call her and go over. If only to bring her favourite magazine or the crosswords puzzles. She’s a wonderful lady!”. In the many conversations they had at the door, they discovered their common love of Indian cuisine and, therefore, “as a way of thanking him for his friendship”, Ana cooked for him “Goan-style pork and vegetables, made our way, with coconut milk and hot sauce”. For Bruno Rosa “volunteering was the best decision I made this year. I met people like Ana Beatriz, who I want to keep in touch with for the rest of my life!”. Aerial acrobat and actor, he suddenly found himself “at home, doing nothing”. “Instead of sitting on the couch watching TV shows, I thought: why not occupy my time helping those in need? It was really good!”. He admits that, in the beginning, “there was some fear”, but “the desire to help was always stronger”. He met many people and “the neighbourhood became more familiar. At my local pharmacy we are all friends by now”. He wasn’t expecting the relationships he built, but his generosity could not have had any other result. “I’m crazy about flowers, and Bruno realized that. One day, he brought me a vase with a yellow gerbera. I have it in the living room, in the centre of my table, and I say to everyone: Do you know who gave me this plant? My adoptive grandson!”.



**MEU NETO
ADOTIVO!**

*MY ADOPTIVE
GRANDSON!*



**QUERO MANTER
O CONTACTO
PARA O
RESTO DA VIDA**

*I WANT TO KEEP IN
TOUCH FOR THE
REST OF MY LIFE*

CAMINHOS PATHS QUE AJUDAM THAT HELP



**EU GOSTO DELA
E ELA GOSTA
DE MIM, COM
CERTEZA!**

*I LIKE HER, AND
SHE LIKES ME,
FOR SURE!*



**FIQUEI A
GOSTAR MAIS
DO LOCAL ONDE
VIVO!**

*I GOT TO LIKE THE
PLACE WHERE
I LIVE EVEN MORE!*

Tinha há muito tempo a intenção, mas a disponibilidade traiu sempre o querer ser voluntária numa causa com sentido. Com uma vida profissional muito preenchida e habituada a estar com pessoas de manhã à noite, Paula Paiva viu-se, de repente, em casa em teletrabalho. Resolveu aproveitar a oportunidade e deu outro rumo às suas horas de almoço: “Como ganhei esse tempo, ofereci-me e passei a distribuir refeições a pessoas que estavam impossibilitadas de sair de casa na quarentena”. Num transporte disponibilizado pela Câmara de Oeiras, todos os dias leva o almoço e jantar a idosos e pessoas doentes. “Visito, no mínimo, quatro casas por dia, mas são longe umas das outras, pelo que fiquei a conhecer todo o concelho”. Em Porto Salvo, deixou-se conquistar por “um casal muito simpático”, “o senhor Serafim e a esposa”, pelos quais passou a nutrir um carinho especial.

Serafim Silva fez há pouco 89 anos e vive quase desde sempre com “a minha velhota, que está quase a fazer 87!”. Nasceu em Oeiras, “na Ribeira da Lage. Sabe onde é?”. Carpinteiro, “toda a vida vivi em Oeiras, nunca saí daqui”. Como sentiu “que já estavam velhos para fazer o comer” e não era fácil saírem de casa, “fui falar com uma senhora da Santa Casa”. Passaram, assim, a contar com a visita diária de Paula Paiva. “A pequena até ficou minha amiga. Muitas vezes, era a minha mulher que ia à porta e ela perguntava sempre: ‘Então, o Sr Serafim? Como é que ele está?’. É muito simpática. Eu gosto dela e ela gosta de mim, com certeza!”.

Esta experiência aproximou Paula do bairro e da comunidade. “Ganhei uma outra vivência e apercebi-me do trabalho importantíssimo que o município tem feito ao nível social. Conheci, finalmente, o concelho e ainda fiquei a gostar mais do local onde vivo!”. Se a sua ajuda foi importante para famílias como a de Serafim Silva, acabou também por ser “fundamental para o meu bem estar e para lidar com esta fase”. Reconhece que a saída diária para fazer voluntariado foi mesmo “o bálsamo dos meus dias”. •

The will had been there for a long time, but lack of availability always betrayed the desire to volunteer in a meaningful cause. With a very busy professional life and used to being around people from morning to night, Paula Paiva suddenly found herself at home in telework. She decided to take the opportunity and gave her lunch hours a different direction: “As I gained this extra time, I volunteered and started distributing meals to people who were unable to leave the house during the quarantine”. In a vehicle provided by the Municipality of Oeiras, every day she takes lunch and dinner to the elderly and sick. “I visit at least four houses a day, but they are far from each other, so I got to know the entire municipality”. In Porto Salvo, she was conquered by “a very nice couple”, “Mr Serafim and his wife”, for whom he began to nurture a special affection.

Serafim Silva recently turned 89 and has lived most of his life with “my old lady, who is almost 87 years old!”. Born in Oeiras, “in Ribeira da Lage. Do you know where it is?”. A carpenter, “I lived in Oeiras all my life, I never left here”. As he felt they were “too old to cook” and it was not easy for them to leave the house, “I went to talk to a lady from Santa Casa”. Thus, they started to rely on the daily visit of Paula Paiva. “The girl even became my friend. Often, it was my wife who came to the door, and she always asked: ‘And what about Mr Serafim? How is he doing?’. She is very nice. I like her, and she likes me, for sure!”.

This experience brought Paula closer to the neighbourhood and the community. “I gained a different life experience and realized the very important work that the municipality has been doing at the social level. I finally got to know the municipality and like the place where I live even more!”. While her help was valuable for families like Serafim Silva’s, it also ended up being “fundamental to my well-being and in dealing with this phase”. She says that the daily trip to volunteer was actually “the balm of my days”. •

Villa
OEIRAS
VINHO GENEROSO

CARCAVELOS
DENOMINAÇÃO DE ORIGEM CONTROLADA

*Uma nova garrafa,
a qualidade de sempre.*



VINHO PRODUZIDO POR:

OEIRAS VALLEY
MUNICÍPIO OEIRAS

MONUMENTOS
ABRACADABRA
CONTEMPLAÇÃO
ESTUPIDEZ
PERFEIÇÃO
DISTÂNCIA
CORAGEM
SIMULAÇÃO
PREGUIÇA
TERRA
SOM
ÓDIO



MONUMENTS
ABRACADABRA
CONTEMPLATION
STUPIDITY
DISTANCE
PERFECTION
COURAGE
SIMULATION
LAZINESS
EARTH
SOUND
HATE



PALAVRAS PARA O SEC. XXI

Words for the 21st century

Ilustração · *Illustration* Rachel Caiano

De uma forma racional, sabemos que as palavras não mudam de significado. Não mudando de significado, sendo a palavra o que é ao longo dos séculos, é provável que o Homem, esse Ser que as emprega, o faça de forma distinta. Não muda o significado, mas muda o pensamento e o uso que se tem sobre elas. Sabendo disto, a CMO - através das suas Bibliotecas Municipais-, lançou um repto ao escritor Gonçalo M Tavares: de todo o dicionário que palavras seleciona ele para o século que habitamos. Cada mês chegam duas palavras. Tão surpreendentes quanto interessantes. Até agora, saíram 12, que vão desde Som, Ódio, Coragem, Simulação a outras mais inusitadas como Abracadabra.

Vale a pena ler as que saíram. Vale a pena esperar pelas que ainda estão na cabeça do escritor. Vale a pena refletirmos no seu significado. Acima de tudo, vale a pena deixá-las ganhar lastro dentro de cada um de nós.

Saiba mais em www.cm-oeiras.pt. •

Rationally, we know that words don't change their meaning. Not changing its meaning, the word being what it is over the centuries, it is likely that Man, the Being who employs it, will use it in different ways. The word does not change its meaning, but the thought changes and the use that is made of words changes as well. Knowing this, the Municipality of Oeiras - through its Municipal Libraries - launched a challenge to the writer Gonçalo M Tavares: from the entire dictionary, what words does he choose for this century. Two words arrive each month. As surprising as they are interesting. So far, he has selected 12, ranging from Sound, Hate, Courage and Simulation to more unusual ones like Abracadabra. It's worth reading the ones already selected. And waiting for those that are still in the writer's mind. It's worth reflecting on their meaning. Above all, it's worth letting them gain weight inside each one of us. Learn more at www.cm-oeiras.pt. •



NO FUTURO NADA FALTARÁ

THE FUTURE
WILL LACK NOTHING

Prólogo *Prologue*

‘Não nos podemos distrair do presente, mas o presente também não nos pode distrair do futuro’, quem o disse foi o Prof. António Nóvoa e, nestes dias em que a anormalidade ainda impera, não posso deixar de falar daquilo que também é o meu pensamento: o futuro. O presente, sendo um desafio, não pode ser aglutinador das nossas vontades e visão. Se fosse, estávamos, no dia de hoje, a hipotecar o amanhã e, por nós e pelos nossos filhos, não o podemos fazer.

Foi a pensar no futuro que em plena pandemia assinamos um protocolo com a Administração Central no valor de 100 milhões de euros para a construção de 500 casas de habitação social. Este Programa Estratégico de Habitação que temos em curso será fundamental para manter, em Oeiras, quem tem mais dificuldades económicas em fazê-lo.

Foi a pensar no futuro que direccionamos para a ciência e tecnologia 1% do nosso orçamento. A ciência entra por casa dentro nas mais ínfimas situações. É nossa aliada. Importa sermos parceiros dos institutos que o concelho de Oeiras tem como o IGC ou ITQB, o INIAV.... Dar-lhes condições para que eles possam fazer o que melhor sabem fazer: dar um suplemento de qualidade de vida à vida que já temos.

‘We cannot distract ourselves from the present, but the present cannot distract us from the future.’ These are the words of Professor António Nóvoa, and in these days when abnormality still prevails, I cannot help but talk about what is also on my mind: the future. The present, challenging as it is, cannot bind our

will and vision. If it did, we would be mortgaging tomorrow and, for ourselves and our children, we cannot do that.

It was thinking of the future that, in the midst of a pandemic, we signed a protocol with the Central Administration worth 100 million euros for the construction of 500 social

Foi a pensar no futuro que elaboramos um plano muito estreito para os nossos alunos. Plano esse que passa por dar condições físicas condignas – como puderam ver nesta edição-, mas também condições para um crescimento interior e individual estruturante e transformador, como o programa Oeiras Educa. Ajudar a que cada um dos nossos alunos seja portador de um mundo único, magico, mundo esse que só quer ter condições para explodir. Reafirmo, porque nunca é demais fazê-lo, que queremos ter os melhores alunos em Oeiras. Não o digo direccionado apenas para as pautas de avaliação. Neste campeonato jogo na equipa dos que acreditam que à criança, a par com a matéria, tem de ser dada a capacidade de imaginar, de brincar, de jogar, de se relacionar e que é desse complemento global que se faz o bom aluno. Bom no sentido de pleno.



O presidente · *Mayor*
ISALTINO MORAIS

homes. This Strategic Housing Program that we have underway will be essential to support those who have more economic difficulties in Oeiras. It was thinking of the future that we channelled 1% of our budget to science and technology. Science is relevant even in the tiniest situations. It is our ally. It is important to partner with the institutes within the municipality of Oeiras, such as IGC and ITQB, INIAV, and give them the conditions so that they can do what they do best: provide a supplement of quality of life to the life we already have.

It was thinking of the future that we developed a very narrow plan for our students. This plan involves providing decent physical conditions – as you have seen in this edition –, but also conditions for structural and transforming personal and individual growth, such as the Oeiras Educa (Oeiras Educates) program. Helping each of our students to be the bearer of a unique, magical world, a world that just needs the conditions to burgeon. I want to stress (because it never hurts to do so) that we want to have the best students in Oeiras.

Foi a pensar no futuro que mantemos o foco na candidatura de Oeiras a capital europeia da cultura em 2027. Quando falamos de cultura falamos de capital humano. Não esmorecemos na nossa aposta na Cultura. Keynes dizia que a Cultura não pode deixar de constituir sempre uma prioridade numa sociedade civilizada. Por isso, a nossa candidatura a Capital da Cultura reforça, por um lado, essa importância e, por outro, o enfoque que damos à construção do amanhã.

Foi a pensar no futuro que continuamos a dotar dos centros históricos de habitação jovem;

Foi a pensar no futuro que continuamos a apostar no belo como inspiração, como é o caso das flores no espaço público e das iluminações de Natal.

Foi a pensar no futuro que reconstruímos o presente. Que, a cada segundo, mantivemos a transformação necessária para continuarmos a ser rápidos e fortes nos imprevistos. Edgar Morin dizia que mais importante que a transformação é a metamorfose. Concordo. E a metamorfose de Oeiras não começou hoje, já vem detrás, mas também não acabará amanhã, será mantida para um futuro mais longínquo.

“
E a metamorfose de Oeiras
não começou hoje, já vem
de trás, mas também não
acabará amanhã, será
mantida para um futuro
mais longínquo.

*And the metamorphosis of
Oeiras did not start today;
it comes from earlier, and nor
will it end tomorrow.*

”

O nosso futuro mas também o futuro das gerações vindouras. Dos nossos filhos. Dos nossos alunos.

Escrevo ainda em tempo de covid. Digo ‘ainda’ porque acredito na capacidade do saber científico em prol da comunidade. Acredito que em breve retomaremos a vida que levávamos. Sei que não voltaremos ao ponto zero. Nunca voltamos ao ponto zero. A vida produz, em si mesma, mudanças estruturais e pessoais. Mas é com esperança que encerro estas páginas. Que esta publicação seja um registo do que se viveu, mas acima de tudo um registo do que enfrentou, da tenacidade com que instituições de solidariedade social, cidadãos anónimos e autarquia foram capazes; um registo de um tempo onde se forjou o ADN de Oeiras. E quero agradecer a cada um, individualmente, o que de si colocou ao serviço do bem comum. E por falar em futuro, não queria acabar sem deixar de sugerir que leiam a entrevista a António Costa Silva, o homem que viu a morte à frente e, não morrendo, vê cada dia como um bónus. Sejamos capazes de entender os dias assim, para que vivamos mais cientes da beleza que é, a cada dia, existir e resistir.

Da nossa parte só posso assegurar que, no futuro, nada nos faltará. •

It was thinking of the future that we continue to provide youth housing in the historic centers.

It was thinking of the future that we continue to invest in beauty as inspiration, as is the case with the flowers in public spaces and the Christmas lights.

It was thinking of the future that we reconstructed the present. That, at every second, we maintained the necessary transformation to continue to be quick and strong in unforeseen circumstances. The sociologist Edgar Morin said that metamorphosis is more important than transformation. I agree. And the metamorphosis of Oeiras did not start today; it comes from earlier, and nor will it end tomorrow. It will be maintained for a more distant future. Our future, but also the future of generations to come. Of our children. Of our students.

I am not just talking about grades. In this camp, I'm on the side of those who believe that children, along with subject matters, must be given the ability to imagine, to play, to connect, and it is this overall package that makes a good student. Good as in well-rounded.

It was thinking of the future that we kept our focus on Oeiras' application for the European Capital of Culture in 2027. When we talk about culture, we're talking about human capital. We do not give up on our commitment to culture. The British economist Keynes said that culture should always be a priority in a civilized society. For this reason, our application for Capital of Culture reinforces both this importance and the focus we give to building tomorrow.

I am writing still in COVID times. I say 'still' because I believe in the capacity of scientific knowledge for the benefit of the community. I believe that we will soon resume the life we were leading. I know we're not going back to square one. We never go back to square one. Life itself produces structural and personal changes. But it is with hope that I wrap up these pages. I want this publication to become a record of what we have been through, but above all a record of what we have faced, of the tenacity that charities, anonymous citizens and the authorities were capable of; a record of a time when the DNA of Oeiras was forged. And I want to thank everyone, individually, for what they have put into serving the common good. And speaking of

the future, I do not want to sign off without suggesting that you read the interview with António Costa Silva, the man who looked death in the eye and who now sees each day as a bonus. Let us be able to understand days like these, so that we live more aware of the beauty that is to exist and resist, each day.

I can only assure you that, in the future, we will lack nothing. •

An aerial photograph of a park with winding paths and landscaped areas. The paths are light-colored and curve through green lawns and clusters of trees. Several landscaped areas are visible, each enclosed by a low wall. One area contains a fountain with the word 'JADE' and a figure. Another area has a large 'V' logo. The overall scene is bright and green, suggesting a well-maintained park.

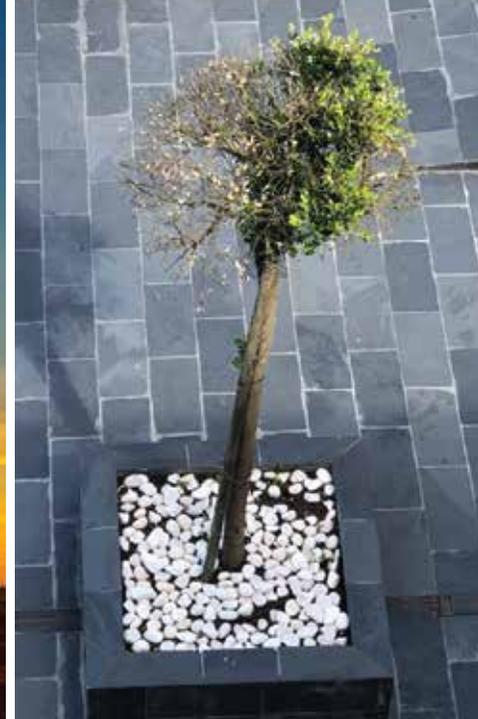
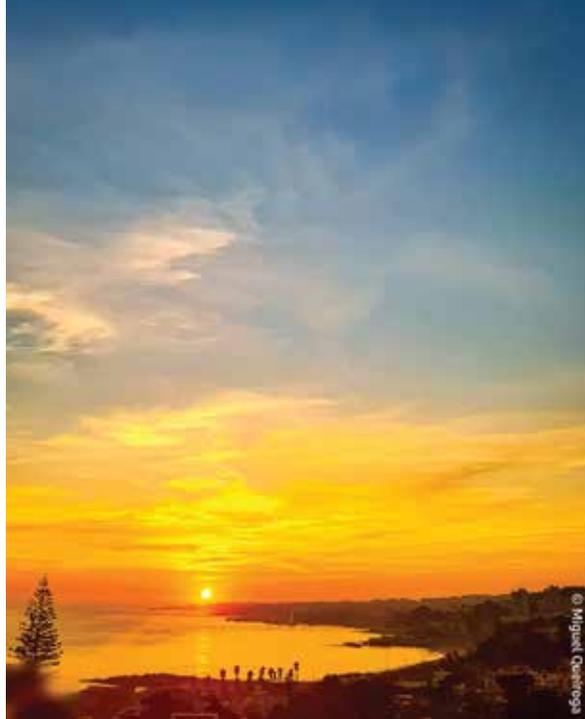
VALLEY

Parque dos Poetas Onde o belo se transforma.

parque dos poetas



Viaje pelo sonho.



DA MINHA JANELA

Da minha janela foi o repto que lançámos aos nossos munícipes quando a pandemia os obrigou a ficarem em casa. Olhar pela janela e verem o mundo numa outra cadência e partilharem connosco foi o intuito. Aqui estão algumas das fotografias que nos fizeram chegar. A todos, obrigado por ficarem em casa e por partilharem o olhar da sua, nossa, Oeiras.

FROM MY WINDOW

“From my window” was the challenge we made to our citizens when the pandemic forced them to stay at home. The idea was to look out the window, see the world go at a different pace and share it with us.

These are some of the photographs we received. Thank you all for staying at home and for sharing your view of your, ours, Oeiras.



